

SEIS NA EUROPA

Em Zurique (Suíça) procedeu-se ao fim da manhã de hoje aos sorteios das três provas do futebol europeu, a nível de clubes e no tocante à eliminatória de abertura. Em relação às seis equipas portuguesas, o sorteio ditou:

Taça dos Clubes Campeões

F.C.PORTO

Vardar

(JUGOSLÁVIA)

Clube da terra de Ivic, o novo técnico portista à frente de uma equipa que abdicou de Futre e Artur Jorge

BENFICA

Partizan

de Tirana

(ALBÂNIA)

Aparente «pera doce» para o emblema português, que já contratou treinador europeu (estará a 17 em Lisboa)

Taça dos Vencedores de Taças

Tirol

(AUSTRIA)

SPORTING

«Leões» obrigados a deslocação inicial por força do sorteio ter dado o Benfica como rececionista no mesmo dia

Taça UEFA

Tatabanya

(HUNGRIA)

GUIMARÃES

Vimaranenses a fazerem o primeiro jogo na Hungria, já que os campeões europeus alinham essa noite nas Antas

**Universidade
de Craiova**

(ROMÉNIA)

**DESPORTIVO
DE CHAVES**

Desportivo de Chaves em estreia europeia na visita a um emblema bem conhecido do público português

Barcelona

(ESPANHA)

BELENENSES

Pela terceira vez os «azuis» envolvidos em duelo com o «Barça» em embate que promete
•Todos os jogos vão ter lugar a 16 e 30 de Setembro

Um caso de contornos pouco claros

EX-PADRE DO RATO FOI ASSASSINADO PERTO DE SETÚBAL

Continuam por esclarecer as estranhas circunstâncias em que foi encontrado morto, perto de Setúbal, o padre Alberto Neto, prior de Rio de Mouro e que se tinha notabilizado nos anos 60 pelas suas actividades na Capela do Rato, onde esteve no centro de uma vigília anticolonial. A Polícia Judiciária, apesar de não ter, de momento, muitos elementos sobre a morte do padre Alberto, está convencida de que terá mesmo sido assassinado. O corpo foi esta manhã autopsiado mas os resultados só serão conhecidos mais tarde, até porque se tornam necessários exames complementares.

Pág. 10

MORTE DE SAMORA



**Comissão de Inquérito responsabiliza
equipa de pilotagem**

..mas Moçambique e URSS não aceitam esta conclusão

Pág. 13

“Portugal Connection”

Polícia brasileira descobre ligação de droga a Lisboa

A polícia brasileira deteve ontem em S. Paulo o presumível chefe de um grupo de traficantes de cocaína conhecido por «Portugal Connection», por Lisboa ser a «porta aberta» de acesso à Europa. Jairo Guinoza, farmacêutico, ex-informador do Serviço Nacional de Informações, aparece também envolvido numa operação de venda de armas para o Irão.

Pág. 8

"Dia das FA" e "Dia da Marinha" comemorados conjuntamente

AS MISSÕES DA INSTITUIÇÃO MILITAR SÃO DECISIVAS PARA O FUTURO DO PAÍS

— afirmou Lemos Ferreira

«As missões que recaem sobre a instituição militar são decisivamente importantes para o presente e para o futuro do País» — afirmou o Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, Lemos Ferreira, falando durante a cerimónia comemorativa do Dia das Forças Armadas e Dia da Marinha, que este ano coincidiram.

A cerimónia militar, que teve lugar junto ao Monumento dos Descobrimentos em Belém, foi presidida pelo Chefe de Estado, Mário Soares, e contou com a presença do Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, do ministro da Defesa Nacional, Leonardo Ribeiro de Almeida, e dos chefes dos três ramos das Forças Armadas.

Na ocasião, Lemos Ferreira afirmou que «temos, pois, plena justificação para continuarmos a desenvolver os melhores esforços pessoais e institucionais para que o cumprimento das nossas tarefas se processe tão adequadamente quanto possível dentro dos meios que nos têm vindo a ser consignados.»

Dirigindo-se aos militares, referiu as celebrações oficiais dos Descobrimentos, período que considerou «o mais notável da nossa História», assegurando «ao povo português que o seu sentido de grandeza, de cometimentos à realização de grandes feitos, sob a chefia de grandes homens, e de propensão para o universalismo, não eram sonhos quiméricos, mas uma enorme força aglutinadora capaz de nos conduzir onde desejamos.»

O Chefe do Estado-Maior realçou que «são muitos os que dizem que, desde o seu início, Portugal tem sido sobretudo obra de soldados e, em certo sentido, assim irá continuar no futuro.»

Em Macau

As autoridades de Macau assinalaram o Dia da Marinha com a deposição de uma coroa de flores junto ao monumento de Vasco da Gama, e com outras actividades que ocuparam todo o dia o encarregado do Governo, Carlos Monjardino.

A efeméride, que ocorreu ontem, compreendeu, de manhã, cumprimentos a Monjardino pelos representantes da Armada Portuguesa no território, tendo depois Monjardino seguido para o Monumento de Vasco da Gama, assinalando deste modo o aniversário da partida das naus de Lisboa para a Índia.

Ainda de manhã, o secretário-adjunto para o Equipamento Social, Carvalho Dias, que tutela os Serviços da Marinha, lançou ao mar uma coroa de flores e entregou diplomas aos alunos da Escola de Pilotagem.

Posteriormente, foi inaugurada uma exposição bibliográfica sobre Portugal e os Descobrimentos — e, à noite, a culminar as cerimónias, as autoridades de Macau reuniram-se em jantar comemorativo do Dia da Marinha.

Nesta última cerimónia, o mais antigo elemento da Armada a prestar serviço no território, comandante Martins Soares, salientou a importância da viagem de Vasco da Gama na História da Humanidade.

Martins Soares sublinhou, no entanto, que «Macau, para além de tudo o mais, é também o ponto de encontro de dois povos de marinheiros que justamente se orgulham das suas epopeias marítimas e do contributo que deram para uma visão mais universalista do mundo».

Por seu turno, o encarregado do Governo, Carlos Monjardino, referiu-se à declaração conjunta sobre o futuro do território, para comparar a actual situação com a vivida na Era de Quinhentos.

Macaense nomeado bispo coadjutor

Melancia foi hoje empossado

Carlos Melancia foi empossado, ao fim da manhã de hoje, pelo Presidente da República, como novo governador de Macau. A cerimónia, que decorria ao fecho da nossa edição, decorreu no Palácio de Belém.

Simultaneamente, Joaquim Pinto Machado foi exonerado daquelas funções, que exerceu durante pouco mais de um ano.

Ontem, o governador cessante dirigiu uma mensagem de despedida à população do território nas qual formulou votos de que «Macau seja uma terra de progresso, justiça e paz».

Carlos Melancia, entretanto, não deverá seguir para

Macau antes de Agosto ou mesmo Setembro.

Vaticano nomeou um bispo macaense

O cônego Domingos Lam foi nomeado, pelo Vaticano, bispo coadjutor de Macau, sendo o primeiro macaense a ocupar tal cargo.

Esta nomeação ocorre quando se anuncia a próxima resignação do actual titular da diocese, o bispo D.Arquímio da Costa.

Domingos Lam será inevitavelmente o seu sucessor, o que corresponde à política do Vaticano de colocar naquele posto um natural do território, antes mesmo da sua transferência para a China, em 1999.

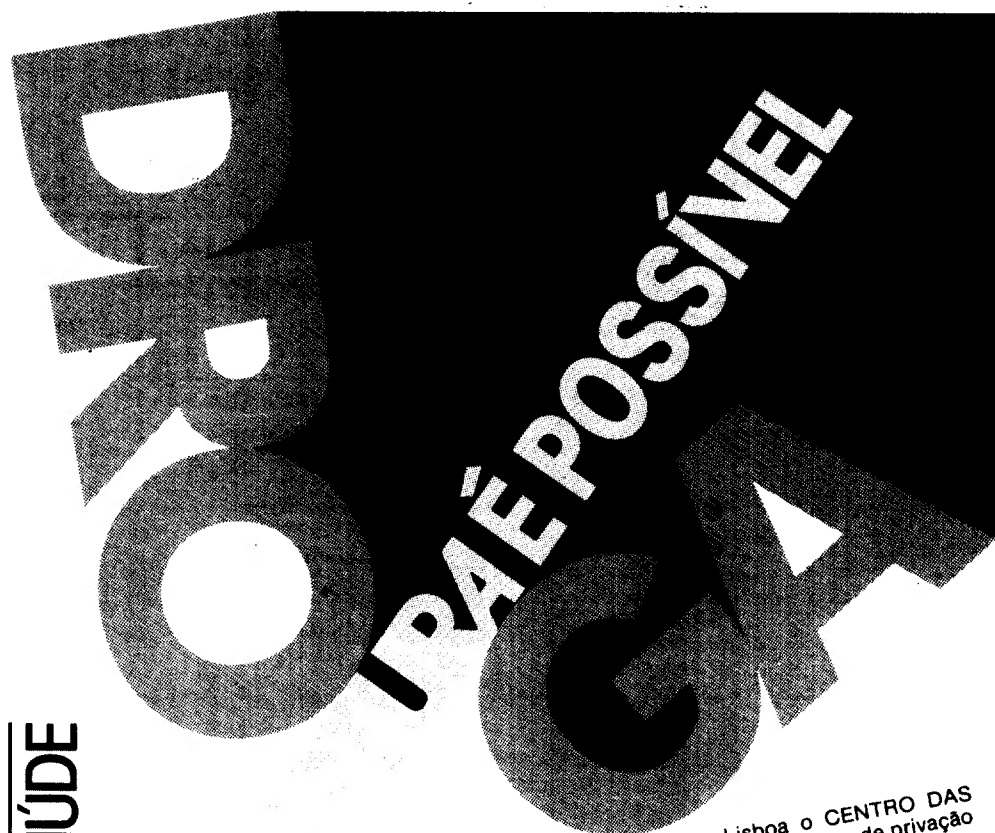
António Galhordas abandona o MDP/CDE

O vice-presidente do MDP/CDE, António Galhordas, demitiu-se do partido em carta enviada a Tengarrinha, oito dias antes do começo da campanha eleitoral, soube o DL junto do próprio dirigente demissionário.

António Galhordas, recorde-se, tinha solicitado, há cerca de dois meses, a suspensão das suas funções de dirigente até à realização do próximo congresso do MDP. Como a situação, entretanto, «não se clarificou» e, aparentemente, porque os dirigentes do partido silenciaram a sua tomada de

posição e porque não estaria de acordo com a decisão de participação isolada do partido nas eleições, Galhordas decidiu formalizar a sua demissão.

Instado pelo DL a comentar a sua decisão e a divulgar as respectivas razões, o ex-vice-presidente do MDP escusou-se dada a «situação muito complexa em que estamos», com a «divisão entre sectores democráticos» e porque este «não é o período exacto para isso, dado o perigo de se exacerbarem ou radicalizarem posições».



MINISTÉRIO DA SAÚDE

CENTRO DAS TAIPAS

O MINISTÉRIO DA SAÚDE criou em Lisboa o CENTRO DAS TAIPAS, onde é possível encontrar apoio quer na fase de privação de droga, quer no reencontro do interesse pela vida e pelo futuro. O CENTRO DAS TAIPAS dispõe de:

- Uma consulta de porta aberta onde qualquer toxicodependente se pode dirigir de manhã ou de tarde;
- Um apoio de urgência;
- Um apoio telefónico permanente;
- Internamento de curta duração para a desabitação de casos mais difíceis;
- Centro de dia onde o toxicodependente em tratamento pode realizar actividades variadas.

É possível deixar a droga. O CENTRO DAS TAIPAS está à disposição de quem o quiser fazer.
Rua das Taipas, 20 — LISBOA
Tel. 362584/5 • 327155/6



PRD
PARTIDO
RENOVADOR
DEMOCRÁTICO

O Partido Renovador Democrático apresenta, hoje, quinta-feira, dia 9, na RTP o seu TEMPO DE ANTENA para a ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, com a participação de:

- Curado Ribeiro
- Natália Correia
- Manuela Eanes
- Marques Júnior
- RAMALHO EANES

ELEIÇÕES

SIC

Cavaco Silva (PSD):

«A arrancada de 19 de Julho é mais importante que a de 25 de Abril».

«Fomos o Governo de to dos, se-remos o Governo de todos e Por-ugal há-de chegar para todos».

«Estamos preparados para conti-nuar, se for essa, como tudo indica, a vontade clara e inequívoca do po-vo português».

«O povo já percebeu que sem maioria se perdem os gran-des desa-fios».

«Começamos a não ter dúvidas, porque o povo português não tem dúvidas».

«O povo tem sempre razão».

«Recuso o radicalismo».

Rosa Coutinho (CDU):

«O cavaquismo actual é ape nas a face do mi guelismo sempre latente no povo português».

«A CDU considera-se herdeira, não exclusiva, do espírito do 25 de Abril».

Vítor Constâncio (PS):

«A maré socialista continua a subir».

«Depois de muitas gerações, fui o primeiro membro da minha famí-lia a terminar um curso superior».

«Não queremos ser vir os interes-ses, queremos servir os interesses de todos».

«Não aprendendi nos livros que o mundo está mal organizado. Apre-n-di na vida».

Ladislau Bota (PS):

«Se a direita vencer, temos um novo Salazar, uma nova ditadura».

Lurdes Pintasilgo (PS):

«Candidato-me nas listas do PS, porque o país moderno que o PS quer construir é o país da li berdade e da justiça».

Ramalho Eanes (PRD):

«Somos moderados, somos pro-gressistas».

«Desculpem por não ser muito comiceiro».

«O futuro não se constrói com grandes frases nem com grandes co-mícios».

«Há um interesse comum que ex-cede os partidos e as ideologias».

Manuela Eanes (PRD):

«Não quero um futuro me lhor só para os meus filhos, mas um fu-turo melhor pa ra todos os nossos fi-lhos».

Lucas Pires (CDS):

«A fidelidade (das mulheres) é um dos seus grandes valores».

«A juventude europeia herdou uma Europa prós pera. A juventude portuguesa não herdou nada».

«Portugal não vai em pobrecer-se na Europa, vai enriquecer-se».

«Não somos um pequeno país».

Adriano Moreira (CDS):

«Não queremos que o PC e os seus aliados entrem directa ou in-directamente na ala do poder».

«Não queremos esta constitui-ção».

«Não queremos um país adiado».

«Nós também achamos que Por-tugal não pode parar».

AS VAIAS DA INTOLERÂNCIA

PSD

António Sá Paulo

Ontem, em Sintra, num comício que reuniu milhares de pessoas junto do Palácio, o nome do Presidente da República foi vaiado. É certo que não foi uma daquelas assobiadelas com que os sociais-democratas cos-tumam mimosear a Oposição, o que, de resto, é normal nestas ocasiões. Foi uma vaga contida, logo abafada, uma vaia de intolerância.

Aconteceu quando o número um da lista para o Parlamento Europeu, Pe-dro Santana Lopes, referiu os nomes de Agustina Bessa-Lúis e de Fraústo da Silva, respectivamente ex-man-datários nacionais das candidaturas de Freitas do Amaral e de Mário Soares, para exemplificar a existênciade um «vasto consenso» quanto à necessidade de encontrar a estabilidade governativa através de uma «maioria parlamentar do PSD». Aliás, esta posição de Fraústo, con-tida num artigo que recentemente publicou no semanário «Expresso», é exibida pelos sociais-democratas na primeira página do seu jornal de campanha — o «19 de Julho».

Cavaco Silva ainda não chegara e Santana Lopes tinha falado pouco antes da necessidade de «sermos to-lerantes», de «não termos precon-ceitos em relação aqueles que vêm ter connosco». Mais tarde, o líder do PSD faria novamente uma pro-messa que tem repetido ao longo da sua campanha: «não farei discrimi-nações entre os portugueses. Gover-narei para todos, não distinguirei ninguém pelas suas ideias». Enten-derão as bases-laranja este discurs-o?

Que «Jota» é esta?

Por mais de uma vez, o carro do «DL» que segue na caravana que acompanha Cavaco Silva nesta «volta» de campanha tem sido apu-pado ou alvo de «bocas» muito pou-co sociais-democratas. Manda a verdade dizer que partem de gente isolada cuja agressividade é contida apenas com um olhar. Na província, o ambiente tem sido sereno e o dis-curso do consenso e da tolerância proferido por Cavaco Silva é nor-malmente sublinhado com palmas de agrado. As pessoas gostam de o ouvir dizer que a luta «neste mo-mento é pelo desenvolvimento por-que a liberdade e a democracia estão solidamente implantadas no nosso país».

"Remake"

O PSD vai montar no dia 17 de Julho, na Alameda D. Afonso Henriques, um «remake» ao estilo de Sá Carneiro no tempo da Aliança Democrática. A grandiosidade será a imagem de marca desta festa de encerramento da campanha eleitoral dos sociais-democratas. Para obterem o efeito desejado vão construir um palco a toda a largura da Fonte que será iluminado em tons la-ranja e branco, montar uma instalação sonora de 25 mil watts e projectar lasers a partir de pontos-chave do imenso recinto.

O comício está marcado para as 21 e 30 horas, mas o espectáculo iniciar-se-á bem mais cedo, cerca das 18 e 30 horas, com a participação de vários artistas. A mobilização, essa, está a cargo de todos e Cavaco Silva dará o exemplo. Para tal passear-se-á a pé, durante a tarde pelas avenidas da Igreja e de Roma até à Praça de Londres. Aqui, «agarrará» de novo o «seu» blinda-do e mergulhará na Festa.



Ontem, em Sintra, quem andava pelas zonas periféricas do comício ou quem entrava num café, testemu-nhava uma arrogância que não era bonita de ver, nunca é. Bandos de gente jovem devidamente decorados

com toda a espécie de materiais de propaganda do PSD instalavam-se desordeiros, como quem toma de as-salto. Insultaram quando não foram imediatamente servidos, empurra-ram, mostraram uma face feia que não tinha nada a ver com a alegria saudável de quem tem um ideal de li-berdade e luta por ele. Aquela não pode ser a JSD de Pedro Pinto, ago-ra do respeitado Carlos Coelho.

Mais tarde, o «DL» foi confronta-do com «planos» para a noite de 19 de Julho, caso o PSD vença por maioria absoluta. Ir para junto das

sedes do PS e do PCP «para que eles saibam que o Cavaco ganhou» e porque o PS «anda a gozar o Cavaco nos carros de som e nos tempos de antena» parece ser a pior das ideias.

A este respeito quisemos saber se os dirigentes sociais-democratas têm consciência desta vaga que pode tornar-se extremamente perigosa. Não conseguimos apanhar nem Car-los Coelho, nem Dias Loureiro, mas falámos com Vítor António, res-ponsável pelos sectores de «marke-ting» e informática. «É a primeira vez que ouço falar de uma coisa des-sas que só pode partir de pessoas isoladas e excitadas e que não cor-responde de forma alguma ao discurs-o do partido», disse. «Essa situa-ção para mim não existe porque está absolutamente fora do enquadramen-to do partido», concluiu.

«Pimentinha, Pimentinha»

Além de Sintra, Cavaco percorreu ontem outras zonas limítrofes de Lisboa. Algés, Oeiras e Cascais são «laranja» mas já foram PS. Cava-co saiu-se bem. Muitos jovens pre-sentes em todas as localidades fize-ram com que ele a certa altura falas-se do «famoso Pimentinha». E deu para toda a gente gritar o nome do secretário de Estado do Ambiente.

Dos diversos discursos então pro-feridos nota-se apenas um crescen-do de confiança que corrobora os sussurros de sondagens altamente favoráveis que se ouvem nos basti-dores. «Hoje começo a ter a certeza de que vamos ter condições para go-vernarm sem correremos o risco de sermos derrubados». Do discurso de Sintra.

Champanhe e "walkie-talkies"

Champanhe e «walkie-talkies» dominarão a noite de 19 de Julho se o PSD obtiver a maioria absoluta. O objectivo primordial é acordar Lisboa. Para tal, brigadas de «jotas» estarão estrategicamente espalhadas por vá-rios pontos da cidade. Através dos «walkie-talkies» receberão as indica-ções da sede. Em caso de ordem para avançar dirigir-se-ão a cada casa, a cada prédio e tocarão as campainhas para anunciarem a «boa nova» em apenas duas palavras: «Cavaco ganhou». Quem abrir as portas ou descer as escadas confraternizará... com champanhe. Nacional.

MARÉ SOCIALISTA CONTINUA A SUBIR

PS

Augusto Vilela

«Esta é uma daquelas horas e daqueles momentos em que o destino passa ao pé de nós e temos de o agarrar». Com estas palavras, Jorge Sampaio, um dos oradores no comício de Santarém que encerrou a jornada de ontem de Vítor Constâncio, definiu o momento importante e decisivo em que se encontra o Partido Socialista. Partindo para esta campanha com indiscutível determinação, mas também com muitas incógnitas, o PS conseguiu desencadear uma onda de entusiasmo e ganhar a rua como há muitos anos o não conseguia. Ontem foi mais uma dessas jornadas vibrantes, que terminou em Santarém com um comício que reuniu alguns milhares de pessoas e superou os melhores que ali têm sido realizados, tanto pelos socialistas como por outras forças políticas.

Como já vem sendo habitual, e parece uma constante para todos, durante a parte de manhã e até ao fim da tarde, foi pouco significativa a adesão popular. Sob um calor tórrido, a caravana andou por Torres Novas, Vila Nova de Ourém, Tomar, Entroncamento e outras localidades do distrito de Santarém. Com uma temperatura tão escaldante, quem não está nos seus empregos ou nos campos, está certamente a dormir uma boa sesta e pouco disponível para ouvir discursos...

Vila Nova de Ourém foi um dos pontos de paragem, mas não é uma zona fácil para o PS. «Aqui há muitos padres que fazem comícios a toda a hora», diz-nos um velho militante socialista que aguardava a caravana de Vítor

Constâncio à entrada do concelho. «E, no entanto, eu que sou socialista, dou mais para a igreja do que muitos ricos.»

Ficámos a saber que nas adegas ainda é onde se captam mais votos. Uma desvantagem que Vítor Constâncio, por muito que se esforce, não pode compensar.

Abrantes abriu a festa

A caravana chegou a Tomar, local marcado para o almoço, mais ou menos à hora prevista. Alguma descoordenação deixou muitas pessoas à espera num local onde Vítor Constâncio acabaria por não passar. A gravação dos tempos de antena fez com que o líder socialista atrasasse a partida de Tomar em cerca de uma hora. Saiu, no entanto, com uma extensa caravana que engrossava cada vez mais.

A primeira paragem foi no Entroncamento, junto à Câmara Municipal. Apenas algumas centenas de pessoas e muitas delas observando de longe, nos locais com sombra. Constâncio faz uma curta intervenção, dirigida especialmente aos trabalhadores ferroviários. O discurso é basicamente o mesmo que tem usado, insistindo em que só a partir do PS pode ser vencida a direita, agrupada no PSD.

Chegou a Abrantes já com uma caravana que animou a estrada. Ali encontrou um ambiente bem melhor. Algumas centenas de pessoas encheram a praça principal da cidade. Foi uma audiência bastante boa para o que é habitual ali (recordemos que Mário Soares quando lá passou, nas presidenciais, não teve mais público). O PRD, um dos alvos principais nesta zona, ocupou uma

parte da intervenção de Vítor Constâncio que, modificando ligeiramente o discurso, disse que este partido deixou de ter razão de ser «a partir do momento em que o PS se renovou». Mas dirigiu-lhe as mesmas acusações de «incoerência» e não poupou Eanes, «cuja especialidade — disse — é derrubar governos».

Entretanto por toda a parte, nas breves paragens do percurso ou ao longo da estrada, os carros de som anunciavam insistentemente a presença de Maria de Lourdes Pintasilgo no comício de Santarém.

Uma visita ao presidente da Câmara Municipal de Abrantes, José dos Santos Bouças, que se encontra hospitalizado, atrasou ainda mais a partida.

Após uma breve paragem na Chamusca, para falar a algumas centenas de pessoas que o aguardavam, Constâncio prosseguiu o seu trajeto.

A última paragem foi em Almeirim, onde o candidato socialista aproveitou para comer umas sanduiches num café local, visto que o atraso que levava já não dava tempo para jantar.

Se a caravana que chegou com ele a Almeirim era já enorme, aqui engrossou ainda mais, gerando-se um monumental engarrafamento. A estrada que liga Almeirim a Santarém ficou praticamente bloqueada durante mais de meia hora. Constâncio entrou na cidade à frente de uma caravana com mais de cinco ou seis quilómetros.

Um pequeno grupo de jovens com bandeiras do PSD, estacionado num passeio, tentou algumas provocações, mas as hostes dos socialistas eram tão numerosas que acabou por passar praticamente despercebido.

O maior comício

Neste ponto, parece que todos concordam, incluindo alguns adversários que se encontravam por aí perto. O PS conseguiu o maior comício dos últimos anos, reunindo, no vasto recinto da Feira de Santarém, mais de seis ou sete mil pessoas e uma enorme percentagem de jovens e mulheres, cuja presença, massiva e ruidosa, continua a ser uma característica da campanha dos socialistas.

Constâncio começa a perder o controlo das emoções que evidenciava a princípio e não esconde o seu entusiasmo. Vê a sua maré subir e sente que o barco navega cada vez melhor.

Agora, até uma certa desorganização característica do PS funciona a seu favor, gerando o inesperado, potenciando o espectáculo, como foi a cena de Almeirim com o seu engarrafamento de trânsito espectacular.

Jorge Lacão desfilou uma enorme lista de queixas contra o Governo, sobre aquilo que não fez pelo distrito, acabando por lembrar que até no próprio OE havia menos verbas para a regularização do vale do Tejo, sinal de que o Governo se preparava para fazer ainda menos.

Particularmente aplaudido pelos jovens, Jorge Sampaio trouxe uma linguagem nova a este comício. Disse, a certa altura, que o aspecto mais lamentável desta campanha é que é uma campanha em que ninguém quer discutir ideias, o futuro das pessoas. «Ninguém quer discutir nada. Só nos dão 'slogans', mas nós não nos batemos por 'slogans', batemo-nos por uma sociedade.»

Pediu aos militantes e apoiantes socialistas para não entregarem apenas papéis e autocolantes. «Obriguem as pessoas a ler, a pensar e a discutir. Porque pensando e discutindo toda a agente ganha. É essa a confiança das ideias».

A intervenção de Lourdes Pintasilgo foi muito centrada sobre a questão da integração de Portugal na Comunidade Europeia e do que isso significa em termos de desafio. Mas ainda lhe sobrou tempo para algumas ironias. Assim, quis fazer algumas perguntas aos candidatos do PSD ao Parlamento Europeu. «É que, disse, parece que têm vergonha de aparecer nos tempos de antena, já que estão sempre a ser substituídos pelo sr. Primeiro-Ministro».

Apresentado como «o homem do futuro» Constâncio encerrou o comício com um discurso em que fez uma condensação do que tem vindo a afirmar por todo o País mas disse algo de novo também.

Afirmou que estava a dar o máximo e «exijo de todos os socialistas que dêm também o máximo, porque é necessário o máximo para vencer a direita conservadora». Nunca Constâncio tinha feito um apelo tão vigoroso à militância.

Passando pelas críticas habituais ao PRD e à CDU, chegou ao PSD, para acusar Cavaco de «populismo latino-americano», quando diz que quer agrupar no PSD todos os que vierem até ao PSD, porque ele só serve Portugal... Considerou «que isso é próprio de uma falta de cultura política».

Lembrou novamente os debates a que o Primeiro-Ministro se tem esquivado. «Foge de mim como fugiu do Governo em 1981, depois de criar as dificuldades financeiras que todos sabemos».

Multidão em Braga

PRD

José António Cerejo

Tragado pela multidão, coberto de beijos e abraços, Ramalho Eanes teve ontem a justa recompensa de três dias de campanha marcados pelo desinteresse e às vezes pela agressividade das populações. No final do comício que reuniu mais de 2000 pessoas na cidade de Braga, o líder do PRD era um homem feliz e o objectivo da liderança do centro-esquerda, reafirmado logo ao princípio da manhã num encontro com a Imprensa, deixava de parecer assim como que a emanção de um desejo.

Para quem acompanha a caravana do general Eanes desde o primeiro dia, o comício de Braga constituiu indiscutivelmente uma grande novidade, no momento em que as dúvidas já se começavam a instalar de novo. Escrevemos «de novo», porque esta tem sido uma caravana de altos e baixos, de arranques e recuos acentuados. Ontem, a capital do Minho ofereceu ao PRD o seu maior comício desta campanha, e colocou-o novamente em condições de sonhar com voos mais altos.

«Daqui de Braga vai sair a grande onda que levará o PRD ao poder», afirmou entusiasmado o cabeça de lista pelo distrito, José Carlos de Vasconcelos, perante uma multidão apinhada em frente ao coreto da avenida central. Pela segunda vez, a primeira foi a Cova

da Piedade no sábado, o PRD encontrava um tom de campanha eleitoral, as bandeiras ondulavam e as gargantas libertavam-se em aclamação do líder e do partido.

PSD: «Uma ameaça»

O que se joga nestas eleições é «a escolha entre a intolerância e a arrogância e o diálogo»; «é a escolha entre um governo arrogante e conservador, apoiado pelas pessoas mais retrógradas deste País — a ponto de poder pôr em perigo a democracia — e um governo de centro-esquerda liderado pelo PRD», sustentou José Carlos de Vasconcelos.

A agressividade do PSD e a aposta na liderança do centro-esquerda, para além das repetidas referências ao trabalho infantil no distrito, foram as tónicas dominantes das intervenções dos dirigentes renovadores durante o dia de ontem. «É indispensável que cada um de nós tome as suas responsabilidades e que no Portugal de Abril, não haja arrogância e medo», disse Ramalho Eanes numa intervenção extremamente aplaudida.

De manhã, ainda no Porto, o presidente do PRD foi mais longo e interrogou-se acerca do que sucederia caso o PSD tivesse uma votação substancialmente reforçada: se agora os líderes já não conseguem controlar a arrogância dos seus adeptos, então como seria depois?

Nas mesmas ocasiões, Ramalho Eanes considerou o PSD como uma «ameaça política», dizendo que o PRD está disposto a liderar uma alternativa de centro-esquerda, em aliança com o PS, mas também está pronto «para enfrentar sozinho o PSD e a ameaça que ele representa».

Ainda quanto à política de alianças do PRD, o líder do partido voltou a excluir qualquer possibilidade de entendimento com o PSD e disse que «num governo em que o PRD estiver, o PCP não estará», porque não há condições sociais nem políticas para isso.

Fazendo um balanço daquilo que tem sido a campanha do PRD, Ramalho Eanes disse convencido de que o seu partido vai obter um «bom resultado», mas que se tivesse feito a pré-campanha poderia conseguir um «ótimo resultado». O primeiro será aquele que lhe permitirá liderar uma maioria de centro-esquerda, fazendo certas cedências em relação às suas posições, e o segundo seria uma maioria que dispensasse quaisquer concessões programáticas. Ramalho Eanes disse, porém, que «não queríamos uma maioria absoluta» por que ela dificultaria a transformação da sociedade portuguesa.

Hostilidade e indiferença

O êxito do comício de Braga veio reforçar a ideia cada vez mais presente entre os dirigentes renovadores segundo a qual a agressividade de uns, medo

de outros, são as duas vertentes de uma mesma situação que determina a indiferença com que a caravana se vem debruçando nas zonas dominadas pelo PSD.

Com efeito, num distrito em que o PRD averbou 66 mil sufrágios «16,7 por cento» e elegeu três deputados em 1985, não deixa de ser estranha a fraca resposta, por mais degradada que esteja a sua imagem, que os minhotos deram à passagem de Ramalho Eanes.

A desorganização crescente que se sente na caravana explica algumas coisas, as características do partido explicam outras, mas o contraste proporcionado pelo comício de Braga, em relação à recepção nas restantes localidades do Minho, reforça as preocupações e suspeitas dos dirigentes do partido.

Durante todo o dia de ontem — reduzido por umas cinco horas de estrada pelo encontro com os jornalistas e por uma longa espera pela caravana de Manuela Eanes, que tinha feito, sem grandes resultados, uma incursão de dia e meio no distrito de Bragança — Ramalho Eanes apenas foi aguardado por pequenos grupos de pessoas em Felgueiras, Fafe, Guimarães, Póvoa de Lanhoso e Froços, à entrada de Braga.

Em quase todas estas localidades foi possível assistir a manifestações pessoais de grande carinho e alegria pela presença de Eanes, mas o ambiente foi geralmente frio e frequentemente perturbado por manifestações hostis de in-

divíduos com bandeiras e autocolantes do PSD.

Sempre que lhe foi possível estabelecer o diálogo com os apoiantes do PSD, Eanes não se furtou, chegando a interpellá-los directamente em Fafe, quase que numa cruzada pela tolerância e pela convivência democrática.

Num dos casos, pelo menos obteve, bom resultado: «vamos tentar moderar os ânimos», disse um jovem PSD depois de Eanes ter com ele conversado.

Medo nas vilas e aldeias

À beira das estradas, dentro de automóveis e às janelas, as manifestações de intolerância sucederam-se ao longo do dia. Desde gestos obscenos a insultos à exibição despropositada de fotografias de Cavaco Silva e de bandeiras do PSD, tudo foi possível ver num cenário em que os símbolos dos sociais-democratas monopolizam janelas de vilas e aldeias, numa demonstração de muitas coisas, mas também de recursos postos ao serviço da campanha do PSD.

Nas janelas das casas minhotas só vimos uma bandeira de outro partido: uma do PS em Vila Verde. Num distrito em que o PSD obteve 32 por cento dos votos em 1985 não acreditamos que, de repente, toda a gente tenha virado PSD.

Porquê então a maneira tão reservada como se exprimem as outras opiniões? Os dirigentes dos renovadores democráticos respondem com uma palavra: «medo».

"SÃO NOSSOS OS AMANHÃS QUE CANTAM"

CDS

Ribeiro Cardoso

A euforia assentou arraiais nas hostes centristas. O comício ontem efectuado no Pavilhão dos Desportos, em Lisboa, cheio de uma multidão ruidosa, festiva e em grande parte jovem, deu novo ânimo aos homens da bola ao centro. No final, em conversa com dirigentes nacionais do CDS, ficava a sensação de que eles acreditam mesmo que a onde laranja foi estancada e o voto útil, tão propalado pelos PSD's, não vai causar tantos estragos nos azuis e amarelos como de início se temia. E até se falava na intervenção de Nicolau Breyner, que, no palco, deixou bem claro que o CDS tem o seu espaço na cena política nacional, que ocupa por direito próprio...

O pavilhão estava, pois, bem cheio. As bandeiras, os bonés, os apitos, eram mais que muitos. E os artistas, que preencheram o tempo das 21 e 30 até cerca da meia-noite, foram também mais que muitos: de António Calvário a Raul Indipo, passando por Cândida Branca Flor e Breyner, vocências podem escolher. Sem esquecer, evidentemente, o papel do apresentador e «entertainer» chamado Artur Albarran, ele próprio de boné e infundáveis autocolantes ao peito.

Para além do espectáculo, registaram-se três intervenções: a do presidente da JC, Manuel Monteiro, muito excitado; a de Lucas Pires, estilo europeu, com alguma piada, mas muito demagógica; e a de Adriano Moreira, mais calma, mais pensada, experiente.

A morte da luta de classes

Deixemos de lado as palavras do dirigente da JC, que na tentativa fácil de

excitar os ânimos dos seus jovens companheiros de partido, chegou ao ponto de, em tom exaltado, afirmar que a caravana do líder centrista tinha sido apupada e incomodada, no Norte, pelos terríficos comunistas («Não ligue. Ele refere-se a meia dúzia de assobios na Maia, que até tiveram piada. Ele é bom rapaz, mas um tudo nada exagerado» — comentou um responsável do CDS, pessoa civilizada e simpática, que ao meu lado escutava a intervenção de Manuel Monteiro).

Falemos então de Lucas Pires, que, no seu estilo agora europeu, distanciado das mesquinhas tricas da política nacional, avançou, afoito, pelo terreno das grandes tiradas:

«Desde que entrámos na Europa já não tem sentido falarmos de luta de classes» «Lucas dirigia-se a trabalhadores e empresários». «Agora somos só uma classe: a dos portugueses. Na Europa acabou a luta de classes e começou a concertação, para fazer de Portugal um País mais competitivo».

E com o seu charme discreto, Pires concluiu: «Talvez não haja povo na Europa com tanta classe como o português».

Mas o ex-presidente do CDS e ex-ministro da Cultura da AD não se ficou por aqui: dirigiu uma palavra às mulheres portuguesas, «as mais bonitas e fiéis da Europa», aconselhando-as, no entanto, a lutarem mais pelos seus direitos e a intervirem mais na política. O que é um bom conselho, convenhamos, sejam ou não as mais bonitas, ou as mais fiéis...

Óbvio: Lucas Pires falou também para a juventude portuguesa («tem que se preparar para entrar na Europa») e depois, embalado na música que brotava do seu discurso nada inocente, garantiu que Portugal vai enriquecer-se na Europa, onde, tal e qual como o Porto, o Benfica, o Sporting, o Boavista, o Belenenses, a Académica conseguem

ganhar aos pontapés na bola, também todos nós conseguiremos obter vitórias noutros domínios.

Quais? Fácil: quando a nossa cozinha começar a ser conhecida lá fora, a fama da cozinha francesa desaparecerá do mapa; quando a nossa moda e a nossa indústria têxtil avançarem para lá dos Pirenéus, a elegância de todas as «Cicciolinas» passará a ser menos desnuda...

«Visto de Estrasburgo ou de Bruxelas, Portugal não é um pequeno país. É uma grande nação» — garantiu Lucas Pires, que terminou a sua intervenção pedindo um voto maciço para o Parlamento Europeu, a menina bonita dos seus olhos.

Os amantes que cantam

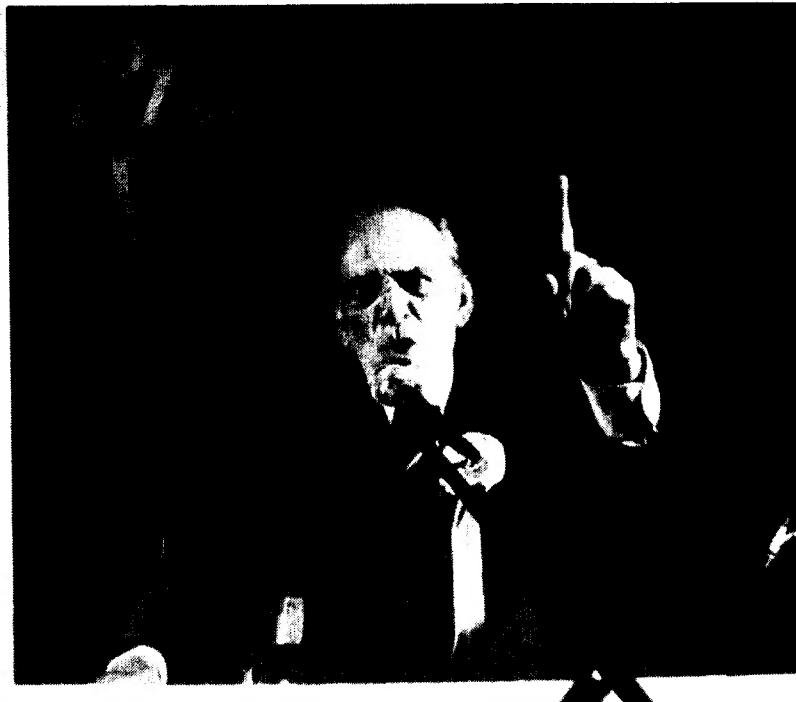
Adriano Moreira, já a noite era quase madrugada, falou então. Começou por saudar a presença de fundadores do partido que, numa demonstração de que a hora é de unidade nas hostes centristas, tinham ido ao Pavilhão dos Desportos (referia-se nomeadamente à presença de Moraes Leitão).

A seguir, exaltou o exemplo de toda aquela juventude (que o interrompeu frequentemente gritando «Adriano, Adriano, Adriano») a qual constituía um exemplo para muitos dos mais velhos do CDS: foram os jovens, disse, quem em primeiro lugar acorreu a lutar pelo partido quando viram que tal era preciso.

Depois, e como vem sendo hábito, acariciou retornados (melhor, os deslocados do Ultramar), que falam a nossa língua, que pertencem à nossa cultura, que são parte de nós.

E após uma palavra de agradecimento e simpatia para as associações cívicas que vêm apoiando o CDS, com relevo para a Nova Monarquia, falou para o País para dizer duas ou três coisas que lhe pareciam fundamentais:

1 — O CDS sabe o que quer e o que



não quer com toda a clareza — mesmo antes de serem conhecidos os resultados eleitorais (quem quiser que encaixe a piada);

2 — O CDS não quer o PCP e seus aliados na área do poder;

3 — O CDS não quer esta Constituição;

4 — O CDS não quer uma maioria monolítica que não seja capaz de estabelecer o diálogo construtivo de que o País precisa;

5 — O CDS não quer deixar aos seus filhos um País que não está institucionalizado, dependendo de um só homem e não de instituições. O que, dito de outro modo, pode ser «o CDS não quer um País adiado».

Depois, bom, depois garantiu que o País na verdade não pode parar, mas também não pode seguir em roda livre, ainda para mais com uma roda em que o CDS é o eixo... E terminou olhando, embevecido, para a juventude que cantava à sua frente e lhe sugeriu uma frase bonita:

«Com esta juventude, quer queiram quer não, são nossos os amanhã que cantam!»

(Mas onde é que eu já ouvi isto?)

O artista

Por fim, dois pequenos pormenores:

ontem à tarde, na Avenida da Liberdade em Lisboa, a JC fez passear quatro elefantes alugados a um circo, com as trombas livres mas os dorsos cobertos de propaganda do CDS. Também apareceram alguns carros e bicicletas.

A noite, no Pavilhão, Nicolau Breyner contou duas ou três anedotas a condizer com o ambiente, mas começou assim quando entrou no palco:

«Estou aqui com muito prazer. Mas devo dizer-vos que vim apenas substituir um colega das lides artísticas que infelizmente não pôde comparecer. É um colega com um passado artístico muito mais importante que o meu. Trata-se do nunca por de mais desejado Vítor Constâncio.»

Uma grande assobiadela e algumas gargalhadas premiam esta entrada do Nicolau.

Nota — Por lamentável lapso o texto sobre a campanha do CDS publicado ontem na edição do «DL» saiu assinado. Acontece que não pude acompanhar a caravana centrista por terras da Guarda e o texto foi redigido com base no bom trabalho efectuado pelos enviados da Lusa, acrescido de mais algumas informações obtidas via telefone. A César o que é de César, à Lusa o que é da Lusa.

DE NORTE A SUL

• Quando apareceram os primeiros cartazes do PPM para esta campanha a diferença foi notória: para o Líder do partido, Ribeiro Teles, a fotografia é a preto-e-branco, enquanto o cabeça de lista para o Parlamento Europeu, Miguel Esteves Cardoso, tem foto a cores. Ribeiro Teles confessou à «Lusa» que o problema, normal num partido pequeno como é o PPM, foi de falta de dinheiro, que não permitiu a impressão a cores das duas séries de cartazes. Ficava por explicar a razão da escolha. «Fácil, tiramos à sorte...», explicou Ribeiro Teles. E concluiu: «Até não ficou mal, pois o nosso «slogan» para o Parlamento Europeu é por uma Europa colorida».

• Francisco José não resistiu ao «encanto» dos «olhos castanhos» de Cavaco Silva, e abraçou-o ontem no palco do comício do PSD, em Sintra. Mas se o intérprete de «teus olhos castanhos» teve o privilégio raro de manifestar o seu afecto a Cavaco Silva, sempre protegido de perto pela segurança, não foi por ser «um cantor que todos admiram», como disse ao microfone um militante do PSD. A razão é outra, e foi dada pelo mesmo militante: É que

Francisco José «sempre votou PS».

• Cavaco Silva é um político que afirma não gostar de «prometer a lua» aos eleitores, mas ontem não resistiu em falar do astro no seu comício nocturno, em Sintra. Cavaco Silva interrompeu o seu discurso quando a lua apareceu atrás do Palácio da Pena, no topo da serra de Sintra, claramente visível do Largo do Paço onde decorria o comício. «Acaba de chegar a última pessoa ao nosso comício, a lua, que também quis estar presente», disse o líder do PSD.

• Pela primeira vez nesta campanha, Vítor Constâncio reuniu os jornalistas para lhes transmitir «uma nota de reportagem». «A saída do Tramagal, disse, estava o líder local do PCP, com a filha, e ambos me acenaram». Um pormenor de reportagem — continuou Constâncio — a filha do líder local do PCP tinha na camisola um autocolante «Yes, PS».

• No final da jornada ribatejana, os jornalistas falaram com o líder socialista sobre a forma como lhe tinha corrido o dia. Um colaborador de Constâncio, que se introduziu na conversa, comentou: «Tivemos um

dia abençoado. Começamos em Fátima e acabamos com a Santa».

• O presidente da Câmara de Santarém, Ladislau Botas, fez no comício de ontem um discurso inflamado durante o qual comparou Cavaco Silva a Salazar. A expressão do embaraço dos dirigentes socialistas ficou patente quando Vítor Constâncio, que presidia ao comício, levantou os braços e exclamou: «Que horror». No final da sessão, Constâncio conversou longamente com Ladislau Botas, nos bastidores do palco do recinto de espectáculos da Feira da Agricultura. «Está a passar-lhe o respectivo correctivo», comentou um elemento da comitiva de Constâncio.

• No final do comício do PRD ontem à noite, em Braga, bem perto do casal Eanes uma criança de 8/9 anos dizia à mãe, puxando-lhe o vestido: «Oh mãe, oh mãe, olha para mim, consegui furar e dei-lhe um passinho bem», gritava a garota, referindo-se a Eanes.

• No meio da confusão que se gerou no final do comício do PRD em Braga, uma mulher dizia entusiasmada para o marido, apontando para o filho que tinha ao colo: «Ela (Ma-

nuela Eanes), olhou para ele, fez-lhe festinhas na cabeça e disse-lhe: «É um menino bonito. Quando cresceres vais ser um grande homem». Mas eram já 11.30 da manhã e o homem, de autocolante do PRD ao peito, limitou-se a um «estou cansado, vamos embora para casa».

• Depois de muito tentar, um homem conseguiu furar a segurança de Eanes, em Braga, e aproximar-se do líder do PRD. Mas só teve tempo de lhe dizer: «Sr. general, vou votar em si. Abaixo o fascismo». Eanes nem teve tempo de responder, porque de imediato foi envolvido por dezenas de pessoas que o queriam cumprimentar, depois do comício.

• Artur Albarran, o apresentador do comício de Lisboa do CDS, estava empolgado com a multidão e contente com Deus. Em noite inspirada, Albarran foi o autor de algumas das frases que mais entusiasmaram a grande massa de jovens que enchia o pavilhão Carlos Lopes. «Rezei para que este comício fosse muito grande e Deus ouviu-me» — revelou Albarran, que também explicou: «Este comício estava marcado para o fim da campanha, mas eu quis antecipar porque acreditei».

Noutra ocasião, elucidou à sua maneira como é que PSD e CDS devem aparecer juntos no novo Parlamento: «Fazemos o «V» de vitória as-tim (com dois dedos), porque a maioria é com dois». E tão contente estava com o pavilhão cheio, que avançou: «Só voltaremos aqui com obras de ampliação».

• Antes do início do comício de Lisboa do CDS, dois jornalistas sentaram-se na primeira fila de cadeiras (reservadas) mesmo em frente às enormes «colunas» de som que serviam o palco. Mas mal o hino do CDS («Let it be») começou a ser por ali debatido, não pensaram em mais nada se não mudar de lugar, por não poderem trabalhar naquelas condições. Escolheram o meio da primeira fila. Mas não tiveram mais sorte. Alguns minutos passados e o secretário-geral do CDS, Fernando Seara, aparecia a pedir-lhe para «irem ali para o lado». Bem contrariados que de lá tinham eles vindo porque o ruído os impossibilitava de trabalhar, mas Seara tinha argumentado de peso: «Aqui é onde o Adriano (Moreira) vai ficar», explicou. «Não o querem por ao pé das colunas, pois não?».

"O VIRA DA ALTERNÂNCIA"

CDU

Eugénio Alves

É uma campanha, de facto, diferente. Tem o líder antigo, carismático, que há mais de um mês, de sexta a domingo, circula pelo país, pelos pontos «certos», a divulgar a nova sigla, a explicar a importância das eleições. Tem os candidatos distribuídos mais as respectivas campanhas. Tem os jovens e os «Verdes» em acções «diferentes». Tem, com a Intervenção Democrática, prestígio dos ex-dirigentes do MDP. Tem os encontros com os jornalistas para exposição e debate sobre as propostas concretas que a coligação faz ao eleitorado (já se falou da saúde, da educação, da regionalização, da juventude e ontem foi do movimento cooperativo). Tem música e tem, finalmente, importantes figuras ligadas ao 25 de Abril fazendo campanha própria de esclarecimento e apelo ao voto. Como Vasco Gonçalves e Rosa Coutinho.

Assisti ontem, em Olival de Basto, a uma sessão do «almirante vermelho», expressão que ele próprio já assume com o seu inesgotável sentido de humor. E foi, como era de prever, um bate-papo com humor mas também (espantoso efeito teria, julgo, a sua intervenção num tempo de antena na TV) com talento e invulgar pedagogia política.

Cobras e lagartos

Porque é Cavaco o único dirigente político que nesta campanha circula de carro blindado?, interroga-se Rosa Coutinho, uma e outra vez, perante as dezenas de presentes no salão do Lar de Dia da Terceira Idade daquela freguesia de Loures. Falava o ex-membro da Junta de Salvação dos perigos de uma maioria «cavquista» e da importância de uma forte votação nos partidos que se opõem ao cavaquismo, citando o PS, o PRD e a CDU.

Mas não fica por aí. «Há que distinguir — diz — entre o voto que simboliza a resistência firme e séria ao cavaquismo e o voto que procura qualquer coisa, um acordo de cavaleiros, um pacto... o voto da resistência mole».

E daqui parte Rosa Coutinho para a explicitação do «voto mole». Fala de Vítor Constâncio, «ar de bom aluno, que tem 18 valores e quer alternar». E para explicar a alternância, visando ao mesmo tempo a experiência do Bloco Central, o almirante cita uma quadra popular: «Ora agora mandas tu/ Ora agora mando eu/ Ora agora mandas tu/ Mandas tu mais eu».

«É isso mesmo que ele quer», desabafa um dos presentes no fundo da sala. E Rosa Coutinho comenta: «reduzir a democracia portuguesa a este vira da alternância é uma verdadeira mascarada... e os trabalhadores portugueses sabem como lhes safu

do pelo a experiência do Bloco Central».

E para melhor fazer compreender o funcionamento do antigo e de um eventual ou futuro Bloco Central, Rosa Coutinho tem outra quadra na manga: «O lagarto mais a cobra/ Fizeram uma patuscada/ O lagarto comeu tudo/ A cobra ficou sem nada». No antigo Bloco, explica o almirante, a cobra era uma jibóia gorda de rabo pelado e o lagarto um coim-brão.

«Vejamos agora como que seria uma nova patuscada com uma cobrinha de água e um sardão algarvio... Nem a cobrinha escapava», acrescentou, referindo-se, obviamente ao «pacto de regime» e a um hipotético novo Bloco Central com Constâncio e Cavaco.

Depois o recado didáctico para os presentes. «Vocês é que são importantes nisto, são os verdadeiros porta-vozes, junto dos vossos vizinhos, dos vossos camaradas de trabalho. No meu caso dizem logo: «é o almirante vermelho», a televisão não põe cá os pés... É importante que vocês actuem junto dos outros eleitores».

Dos ricos e dos pobres

Fala da existência de muitos pobres que votam nos ricos. «A primeira reacção do pobre é a de admiração pelo rico. É uma atitude ainda feudal, do pobre conformado que

gosta de ver os condes, os marqueses a desfilar em belas carruagens. Agora o pobre começa a ter inveja dos ricos, sem ter a noção de que para se fazer um rico fazem-se pelo menos cinquenta pobres. E se votam nos ricos é porque querem ser ricos também. O pobre que tem consciência de que a sociedade não deve ser de ricos e pobres, que acredita no socialismo, é o homem de esquerda. Infelizmente uma grande parte dos pobres só abriu ainda o olho direito. Depende de vós que abram também o esquerdo...», conclui, sob aplausos, Rosa Coutinho, para sublinhar que «o perigo está na implantação do cavaquismo» e pedir, uma vez mais, «o voto firme contra Cavaco...O voto na CDU».

As cooperativas existem...

Ao fim da tarde, numa sala arejada do «Brasuca», dirigentes da CDU e do movimento cooperativo analisaram a situação deste sector, que envolve cerca de três mil empresas cooperativas, dois milhões e meio de portugueses e muitos milhões de contos anuais.

Sector que — foi sublinhado — adquiriu uma expansão e importância notáveis após o 25 de Abril (recuperando, muitas vezes, empresas em situações desesperadas, quase falidas ou abandonadas) e que, apesar do papel que constitucionalmente lhe é consagrado, tem sido desprezado pelos sucessivos governos, com destaque para o actual que, de modo

significativo, extinguiu a Secretaria de Estado do Fomento Cooperativo, «afundando ainda mais o INSCOOP, reduzido a terminal burocrático do governo».

As propostas da CDU para o sector assentam, no fundamental, nas reivindicações que vêm sendo feitas pelas Confederações, Federações dos diferentes ramos e cooperativas. Assim, os deputados eleitos na coligação comprometem-se a apresentar projectos-leis visando, nomeadamente, alterar as disposições do código cooperativo (desburocratização da criação das cooperativas), criação de um regime fiscal mais favorável, melhores condições de crédito e de benefícios financeiros, abertura a ramos de actividade permitidos ao sector privado (seguros, transportes e agências de viagens, por exemplo), participação do sector nos órgãos institucionais, reestruturação do INSCOOP e medidas específicas para as cooperativas de produção operária, agrícolas, de habitação, consumo, ensino e de cultura.

Falou-se de cooperativas exemplares em termos de gestão e rentabilidade (bancários, Copinal, Pioneiros de Braga, grupo FNAC, Comapor), da notável recuperação da Autocoop, graças ao esforço e dedicação dos associados, completamente entregues à sua sorte, e daquele capítulo do programa do Governo Cavaco que apenas dizia sobre o cooperativismo: «será oportunamente apresentado um plano». Dezoito meses depois, ninguém viu o plano!...

Outros partidos

MDP/CDE no Rossio: "Vocês fazem muita falta"

Rui Eduardo Paes

A agenda de campanha do MDP/CDE esteve ontem bastante preenchida, com acções diversas em Faro, Beja, Moura, Évora, Leiria, Porto e Braga. No Rossio, em Lisboa, José Manuel Tengarrinha iludiu o sol abraçador da tadrde para desenvolver o tipo de contacto político que prefere: a abordagem individualizada com os passantes. À noite, na Baixa da Banheira, distrito de Setúbal, Helena Cidade Moura e outros candidatos a deputados por aquele círculo eleitoral estiveram presentes numa pouco participada sessão de esclarecimento no Clube União Banheirense Os Alentejanos. Na rua jogava-se à malha.

A banda sonora, instalada no palco montado a meio do Rossio, oferecia a quem passava as velhas canções do Zeca Afonso. Tengarrinha abordava os transeuntes e alguns paravam e conversavam por instantes com o presidente e primeiro candidato por Lisboa do MDP/CDE. «Vocês deviam usar mais músicas do 25 de Abril, têm todo o direito a fazê-lo», aconselhou-o alguém.

Pisava-se o terreno conhecido, já que é característica habitual do MDP a preferência pelas trocas de ideias em detrimento dos comícios com bandeiras, apesar de mais vistosos. É um estilo, já nos havia dito José Manuel Tengarrinha noutra ocasião. E a procura do diálogo aconteceu ontem mais uma vez,

ultrapassando largamente os propósitos mais imediatamente eleitoralistas de esclarecimento, o que não parece preocupar aquele partido que esteve na origem de grande parte da esquerda portuguesa.

De resto, algumas das conversas com maior sinal emotivo que o repórter do «DL» teve oportunidade de presenciar foram, curiosamente, com militantes e simpatizantes de outras formações de esquerda que não quiseram deixar de manifestar o seu respeito ou a sua solidariedade com o MDP/CDE, apesar das opções feitas.

«A gente tem de se entender»

«Vocês fazem muita falta», disse a José Manuel Tengarrinha uma mulher com autocolante do PS colado à blusa, afirmando-se como «uma socialista de esquerda». Percebeu-se mais tarde que se tratava de uma funcionária utárquica do Partido Socialista, e que, utarquadora do trabalho desenvolvido pelos elementos do MDP nas câmaras, juntas e assembleias municipais, lhes queria dar a sua parte de apoio. «A gente tem de se entender depois, senão revêem a Constituição contra nós», afirmou à despedida.

Um outro transeunte que se identificou como socialista disse tencionar dar o seu voto para o Parlamento Europeu ao MDP, «porque acho que vocês



devem ter uma oportunidade, e isto apesar de eu ser um admirador da Maria de Lourdes Pintasilgo».

Foi um momento especial quando em dada altura uma mulher de lágrimas nos olhos se aproximou de Tengarrinha e abraçou-o, comovida. Fora uma militante de primeira hora da CDE e saiu após o 25 de Abril de 74.

Depois de vários anos de permanência no PCP decidiu voltar ao partido de origem.

Entretanto, um popular que deixou primeiro que lhe pusessem o autocolante do partido ao peito e aceitou toda a propaganda que lhe passaram, tocou no ombro do presidente do MDP/CDE e desabafou: «Vocês são a esperança do 25 de Abril». ANTÓNIO Gonzalez, candidato ecologista pelo MDP como independente, montara uma banca com um letreiro no qual convidava a «conversar connosco». «Para nós não se trata propriamente de uma campanha — disse ao «DL» —, é a continuação do trabalho de todo um ano. A ecologia política é uma ideia global, não uma exaltação passageira. Se estamos inseridos nas listas do MDP é porque não é,

de facto, um partido convencional e nós encontramos nele um espaço para trabalhar sem nenhuns constrangimentos. E este trabalho já não pára, seja qual for o resultado das eleições».

José Manuel Tengarrinha manifestou ao «DL», numa pausa, a sua impressão de que «foi definitivamente ultrapassada a dúvida sobre a inutilidade do voto no MDP acreditando mesmo na possibilidade da formação de um grupo parlamentar».

«Não é fácil entrar por aquela porta»

Helena Cidade Moura manifestou-nos a mesma confiança antes da sessão de esclarecimento na Baixa da Banheira: «A adesão das pessoas no distrito de Setúbal tem sido surpreendente, apesar de as pessoas terem medo de usar o nosso autocolante, com receio das represálias e do clima imposto aqui pelos comunistas».

Ao iniciar-se o debate, com uma sala quase vazia, a candidata número um por Setúbal lamentou o facto, polidamente: «Felicito-vos por estarem aqui,

pois não é fácil entrar por aquela porta, infelizmente».

«Nesta autarquia, que é de esquerda — disse Helena Cidade Moura — as pessoas deviam estar habituadas ao diálogo e à tolerância, mas não é isso o que se passa. Dizem que viemos dividir, mas como é que isso pode ser se nós fomos os primeiros a aparecer? Estivemos 10 anos a ver se a esquerda se entendia, em 1976 até aconselhámos a votar PS ou PCP. Perdemos um terço dos nossos votos para a abstenção, nessa altura. Depois foi a APU, onde fomos abafados pelo PCP. A verdade é que não se pode ser de esquerda e ter medo».

Alguns não tiveram, pelo que se viu. João Estaline é um homem conhecido na Baixa da Banheira. Esteve no PCP, «mas saí por não concordar com as suas práticas e estou a apoiar o MDP».

Um militante comunista presente na sala, confuso ainda pelo romprimento da APU, desejou então para o MDP/CDE aquilo que também deseja para a CDU: uma boa posição. E foi aplaudido pela honestidade e sinceridade das suas palavras.

PARQUE DE CAMPISMO DE MONSANTO TEM NOVA VIDA E ROSTO

Nuno Ribeiro

Criado há 26 anos, o Parque de Campismo de Monsanto vai conhecer vida nova depois dos melhoramentos que a Câmara de Lisboa está a introduzir. Atrasos vários impediram que as modificações já estejam feitas, mas segundo os responsáveis camarários a situação daquele espaço já nada tem a ver com as histórias de roubos e marginalidade que encheram as páginas dos jornais em 1983.

«Tudo o que era necessário fazer-se, fez-se», sublinhou aos jornalistas o vereador Lívio Borges, encarregado pelo presidente da Câmara de Lisboa de dar novo rumo ao Parque de Campismo de Monsanto.

Segundo aquele vereador, até 1983 o Parque viveu uma situação caótica nos aspectos administrativos, social e económico-financeiro, denotando-se a partir de então uma melhoria considerável. Assim, dos défices acumulados de 1978 a 83 e do registado em 1983, respectivamente de 73 e 17 mil contos, num total de 90 mil contos, passou-se para um saldo positivo. Em 1984, os resultados da exploração, segundo a linha de rentabilização dos serviços traçada pelo Município, traduziram-se por um saldo positivo de 3 500 contos, valor que quase quintuplicaria no ano seguinte para, em 1986, se quedar pelos 1 560 contos.

Estes números só foram possíveis pela «intensificação da vigilância para atender à segurança das pessoas e bens», que foi confiada a elementos da Associação de Comandos escolhidos pela direcção do parque. Se não deixa de ser estranho o recurso a vigilantes privados para o policiamento de uma estrutura de um Município, os responsáveis contrapõem com o facto da situação se ter radicalmente alterado. «Os assaltos a caravanas e tendas foram, no total, de 282, tendo o montante dos furtos alcançado 10 400 contos», adiantou o vereador Lívio Borges. Hoje, segundo o autarca, a segurança é absoluta e, dos tempos dos assaltos que alimentaram as páginas dos jornais, só resta a má memória.

Entre outras medidas que possibilitaram o relançamento do Parque consta ainda a redução das taxas de utilização para nacionais e estrangeiros e a elaboração de um estudo da situação social dos residentes provenientes das ex-colónias, num total de 70 famílias que, conjuntamente com estudantes universitários sem dinheiro para alugarem quartos, constituem a «população fixa». Durante muitos anos ignorado pelo lisboeta, o Parque de Monsanto foi servindo para resolver inúmeros problemas de realojamento, pois comprar uma barraca ou caravana sai bem mais barato do que alugar uma casa...

À espera da época alta

A alteração da situação eco-

nómica possibilitou a realização de algumas obras, cuja necessidade se vinha sentindo há muito. Durante perto de 25 anos, as inovações foram escassas e, por isso, da ampliação das instalações para a recepção e secretaria, com informatização prevista para Outubro, «o que vai possibilitar que em poucos segundos possa ser tirada a conta a um utente», à construção de novas estruturas de apoio, foi sendo dado um novo rosto ao Parque de Campismo de Monsanto.

A edificação de sete unidades de lavagem de roupa e loiça, a revisão da rede eléctrica e construção de caixas de esgotos dos blocos sanitários, a instalação de 20 marcos fontanários e benificação do campo de futebol de cinco e a construção de um outro, foram algumas das medidas já avançadas. Para o corrente ano, a Câmara de Lisboa pretende ainda



a edificação de um ringue polivalente, a ampliação de um posto de transformação e substituição de cabos eléctricos, a instalação de aquecimento solar nos blocos sanitários, a execução de terraplenagens, novos pimenteiros para alimentação da energia eléctrica, revisão do sistema de enchimento e drenagem da piscina e a instalação de chuveiros exteriores.

Enquanto estas obras vão sendo feitas, a atenção dos responsáveis recai sobre a época

alta do turismo. «Agora vai começar o tempo dos franceses», comentou Lívio Borges, esperando que o número dos que escolheram Monsanto para férias, ultrapasse as duas mil pessoas actualmente ali instaladas, número inferior ao que se registava no ano passado.

As causas desta situação não são ainda conhecidas, e o vereador encarregado pelo presidente da Câmara de dar nova cara e vida ao Parque de Campismo, refere, como hipótese, o pro-

blema da Sida que estaria a afastar correntes turísticas.

No entanto, os resultados de um inquérito feito pela Direcção-Geral de Turismo junto dos hoteleiros e agências de viagem sobre as perspectivas para o Verão, nega este pessimismo. Assim, 42 por cento dos inquiridos admitem que a nova época turística vai ser melhor, 47 por cento consideram que vai ser igual à de 1986 enquanto que apenas cinco por cento afirmam que vai ser pior. Considerando

que 15 por cento das dormidas dos estrangeiros em Portugal são efectuadas em parques de campismo, Monsanto poderá vir a conhecer um novo acréscimo de visitantes.

Aliás, no parque de campismo estão afixadas fotocópias dos folhetos sobre a Sida distribuídos pelo Ministério da Saúde e, segundo o director do parque, as seringas utilizadas no posto médico são descartáveis, e os preservativos estão à venda na tabacaria.

A ROLLS-ROYCE MOTORS INTERNATIONAL S.A. informa com a maior satisfação que nomeou a SONICEL S.A. representante exclusiva para Portugal Continental e Insular das marcas Rolls-Royce e Bentley.



A SONICEL S.A. informa com a maior satisfação ter sido nomeada pela ROLLS-ROYCE INTERNATIONAL S.A. representante exclusiva para Portugal Continental e Insular das marcas Rolls-Royce e Bentley.



sonicel s.a.

Lisboa era a "porta aberta" para o mercado europeu

POLÍCIA BRASILEIRA DESMANTELA REDE DE DROGA

A polícia brasileira anunciou ontem ter desmantelado uma rede de traficantes de droga conhecida por «Portugal Connection», devido ao acesso que utilizava para abastecer o mercado de narcóticos europeu.

A rede desfeita em São Paulo é resultante da luta cerrada que, a partir de 1985, os produtores bolivianos desenvolveram contra os colombianos na mira de controlarem o lucrativo mercado clandestino europeu.

No âmbito desta luta surgiu um novo itinerário no tráfico, com postos de passagem em Buenos Aires e Rio de Janeiro, ao que parece controlado pela organização de que Jairo Guinoza seria um dos cabecilhas.

As afirmações dos investigadores são também, de alguma forma, confirmadas pelos dados estatísticos que a Direcção Geral das Alfândegas dispõe em relação à apreensão de cocaína no aeroporto de Lisboa. Até 1984, quando o tráfico era essencialmente controlado pelos colombianos, foram detectados 35,7 quilogramas daquela droga na Portela, tendo sido detidos 48 traficantes.

A partir de 1984, quando os bolivianos entraram em «licença», e respondendo ao aumento da procura, as apreensões de «coca» subiram em flecha: em 1984, foram apreendidos 46,6 quilos, um ano a seguir 63, o ano passado 142 e, até Junho deste ano, 52,8 quilos. Paralelamente, o número de «pombos correios» detidos aumentou: em 1984 foram 75, um ano depois 73, o ano passado 107 e, no primeiro semestre deste ano, 34.

Por nacionalidades, entre 1983 e 86, no aeroporto de Lisboa foram detidos 54 traficantes portugueses, 36 colombianos, 33 espanhóis, 18 angolanos, 14 bolivianos e ingleses, oito argentinos, seis italianos, cinco alemães federais, quatro franceses e holandeses, três moçambicanos e um norte-americano.

Mais significativo é que, no ano passado, foram detidos 21 colombianos, seguindo-se na lista 16 espanhóis, nove ingleses e oito portugueses.

As estatísticas referidas não revelam o sexo dos «pombos correios», mas se atendermos às notícias publicadas na imprensa, quando um traficante é preso, a grande percentagem são mulheres. Por outro lado, de acordo com o mesmo estudo, a maior parte da droga vem naturalmente da América Latina, com transbordo em vários aeroportos.

Um milhão de armas para o Irão

Segundo o relatório da Comissão de Inquérito do Parlamento Europeu apresentado em Lisboa aos parlamentares latino-americanos, pensa-se que a superfície cultivada com a «coca» atinja, na América do Sul, os 350 mil hectares. Por outro lado, para um cultivador, entre 250 a 500 quilos de folhas de cocaína rendem entre 450 e 900 dólares, ou seja, aproximadamente entre 63 e 126 contos.

Augusto Bellini, da brigada anti-drogas do Brasil, acentuou a frequência com que se verificam ligações entre o tráfico de droga e os de armamento e carne branca, entre outros negócios ilegais, com os aparelhos repressivos das ditaduras militares da América Latina.

Segundo o «DL» apurou junto de uma fonte do Rio de Janeiro, a imprensa brasileira faz-se eco do envolvimento de Jairo Guinoza na venda, em 1984, de um milhão de dólares de material de guerra, incluindo granadas e outras armas relacionadas com a luta em terra.

A encomenda, que terá sido pedida pelos Estados Unidos, terá vindo a lume nas recentes investigações realizadas em Washington sobre o fornecimento de armas ao regime de Khominy, mas de acordo com a imprensa brasileira, Guinoza não poderá ser extraditado para os Estados Unidos.

O envolvimento de traficantes com as políticas dos regimes ditatoriais da América Latina, referido pelo responsável da brigada anti-droga brasileira, não aparece apenas no caso do ex-informador do Serviço Nacional de informações.

A este propósito, Augusto Bellini revelou que o traficante de narcóticos argentino, Mario Mingolla, detido em São Paulo desde Abril, terá confessado a sua participação em acções de repressão política na Argentina, Bolívia e Guatemala no princípio da década.

Mingolla teria também estabelecido acordos com movimentos de guerrilheiros da Colômbia e do Peru, os quais, a troco das armas, lhe protegiam os movimentos nas zonas de fronteira com o Brasil.

Na operação foi detido o presumível chefe do grupo, Jairo Guinoza, empresário brasileiro, farmacêutico, ex-informador do Serviço Nacional de Informações, organismo encarregado da segurança do Estado..., e já com cadastrado devido a uma operação de venda de armas ao Irão por encargo dos Estados Unidos há três anos.

Jairo Guinoza é dado pelas autoridades brasileiras como responsável pelo transporte e comercialização de, pelo menos, trinta quilogramas de cocaína boliviana na Europa, com um lucro superior a um milhão de dólares nos últimos dois anos.

Passagem por Lisboa era obrigatória

A droga era adquirida pela «Portugal Connection» na Bolívia a 3.500 dólares o quilo, e vendida na Europa a quarenta mil, após um percurso por etapas em Santa Cruz de La Sierra, Rio de Janeiro e Lisboa.

A «coca» chegava à capital portuguesa em voos comerciais, transportada por mulheres que recebiam entre mil e cinco mil dólares por viagem, irradiando depois para Espanha, França e Holanda.

Estas revelações vêm confirmar as afirmações feitas na Conferência Interparlamentar da Comunidade Europeia/América Latina que decorreu durante o passado mês de Junho em Lisboa. Então, a grega Marietta Giannakou-Koutsikou, presidente da Comissão de Inquérito do Parlamento Europeu sobre o problema da droga na Comunidade Europeia referiu que, em 1986, «Portugal e a Holanda foram os principais países através dos quais a cocaína penetrou na Europa, logo seguidos da Bélgica e da França».

«No que respeita às apreensões efectuadas nos aeroportos, por onde passa 60 por cento da «coca» confiscada em 1986, constatou-se que as ligações aéreas directas e regulares entre a América do Sul e a Espanha ou Portugal são as mais utilizadas», adiantou aquela perita, sublinhando que a facilidade da língua constitui um factor adicional para que a Península Ibérica se transformasse na placa giratória da entrada de cocaína no «velho continente».



Mário Castrim

Eu — Tens o ar de quem me quer dizer alguma coisa.

Ele — Pois quero mesmo.

Eu — Mistérios insondáveis!

Ele — Ai é que te enganas. Os mistérios, estes são bem sondáveis. Precisamente, venho sondar-te.

Eu — Sobre quê?

Ele — Sobre o que pensas das sondagens.

Eu — Para ser franco, nunca pensei bem no assunto. Mas, pela experiência que tenho, acho que elas são uma forma de pressão sobre os eleitores.

Ele — Vejamos. Isso acontecerá se não forem tomadas medidas de fiscalização.

Eu — Troca lá isso por miúdos.

Ele — Não há fiscais para averiguar a qualidade dos alimentos? Então criava-se uma comissão para fiscalizar a qualidade das sondagens.

Eu — E como se formava essa comissão?

Ele — Por exemplo, as empresas encarregadas do negócio nomeariam delegados que teriam meios para determinar se não ou sim a coisa era séria.

Eu — Estou a ver. Eram os próprios interessados que...

Ele — Com a vantagem de...

Eu — No entanto...

Ele — Bom nesse caso...

Eu — Nesse caso o quê?

Ele — Criava-se uma comissão oficial para fiscalizar a comissão fiscalizadora das sondagens. E então estás a ver, as sondagens tinham à força de ser honestas.

Eu — Ah, bom, assim é outro falar. Isso de facto dá mais garantias. Porque estás a ver, pá, as sondagens, enfim. Bom, então tu achas que uma comissão para fiscalizar a comissão...

Ele — Sem dúvida se...

Eu — Bem me parecia.

Ele — Quero eu dizer, se essa tal comissão oficial não andasse à balda.

Eu — Claro, nesse caso...

Ele — Já vês.

Eu — Mas então o que é que tu propunhas para?

Ele — Acho que devia haver alguém que fiscalizasse a comissão fiscalizadora da comissão de fiscalização.

Eu — Outra comissão? Não me lixes!

Ele — Espera! Não seria uma comissão, mas alguém, uma autoridade com plenos poderes que lhe dariam maior mobilidade.

Eu — Certo. E quem nomearia esse alguém?

Ele — O Governo, claro. Estás a rir?

Eu — Não, é uma comichão que tenho nas gengivas.

PORTUGAL NÃO PODE PARAR

COMÍCIOS
com
CAVACO SILVA

SEXTA/10

10.00 — Olhão — Lg. do Mercado
10.50 — Tavira — Lg. do Mercado
11.45 — Vila Real de Santo António — Pç. Marquês de Pombal
13.00 — S. Brás de Alportel — Lg. S. Sebastião
15.30 — Loulé — Pç. da República
16.30 — Lagoa — Pç. da República
17.10 — Silves — R. Pintor Bernardo Passos (junto à sede)
18.15 — Lagos — Lg. Gil Eanes
19.05 — Portimão — Lg. do Município
21.30 — Faro — Lg. da Sé



PSD PARTIDO SOCIAL DEMOCRATA

Estado português foi condenado no Tribunal Europeu

O Estado português foi condenado pelo Tribunal Europeu de Estrasburgo ao pagamento de 1400 contos a Joaquim Barahona por violação da Convenção Europeia dos Direitos do Homem. Mas tratou-se apenas de uma meia vitória do queixoso uma vez que reivindicava uma indemnização de 14 mil contos.

O Tribunal Europeu foi solicitado a pronunciar-se sobre a morosidade de um processo nos tribunais portugueses dado que uma indemnização requeria por Joaquim Barahona em Julho de 1981 na Auditoria Administrativa ainda não foi examinada.

A decisão agora tomada em Estrasburgo foi tomada por unanimidade considerando que houve violação da Convenção Europeia dos Direitos do Homem por a questão ter ultrapassado «o prazo razoável» previsto pelo Artigo 6º da Convenção.

O caso teve o seu começo em 1975 quando o agora queixoso se refugiou no Brasil ao que diz por ter perseguições políticas no nosso país, na situação que então se vivia entre nós.

Quando regressou, segundo consta das queixas apresentadas tanto nos tribunais portugueses como na ins-

tância europeia, a sua casa de Cascais e a sua empresa de construção civil teriam sido ocupadas e as suas contas bancárias teriam passado a ser movimentadas pelos trabalhadores.

A decisão agora anunciada em Estrasburgo obriga o Estado português ao pagamento de 500 contos de prejuízos morais a Joaquim Barahona, acrescidos de 900 contos para as suas despesas com advogados. O representante do queixoso fez saber à Lusa que esta decisão será acatada «sem discussões».

Para o Governo português as decisões dos tribunais são para serem cumpridas», afirmou, por seu turno, Irineu Barreto, Procurador-Geral adjunto e representante do Estado português no processo. Assim, acrescentou, a indemnização será paga «o mais depressa possível».

Esta foi a segunda condenação de Portugal naquela instância sempre com base na lentidão da Justiça portuguesa.

O outro caso ficou conhecido como «caso Guincho», como resultado do nome do cidadão que obteve 150 contos de indemnização por atraso no julgamento de um acidente rodoviário de que fora vítima.

No concelho de Castelo Branco

Demolição coerciva de ponte interrompe trânsito

O trânsito entre Almaceda e Ingranal, no concelho de Castelo Branco, está desde ontem interrompido devido à demolição de uma ponte, ordenada pelos Serviços Hidráulicos. Tudo começou quando em 1985 a Câmara de Castelo Branco construiu uma estrada para servir as duas povoações e no seu percurso houve necessidade de erigir uma ponte de manilhas sobre a ribeira do Ingranal.

A Direcção de Hidráulica notificou a Câmara de Castelo Branco para proceder à demolição dos trabalhos então efectuados, dado que estes desviavam a linha de água da ribeira do Ingranal. Dado que aquela edilidade não executou tais orientações, os Serviços de Hidráulica entregaram agora a um empreiteiro a demolição coerciva da ponte.

Doente precisa de sangue

Doente internado no Serviço de Cardiologia, piso cinco do Hospital de Santa Cruz em Carnaxide, precisa urgentemente de sangue a fim de ser operado.

Trata-se de pessoa com poucas posses económicas que apela para a solidariedade dos dadores.

O seu tipo sanguíneo é AB negativo e por intermédio do «DL» agradece antecipadamente a quem o possa ajudar neste transe.

Pinheiros e eucaliptos destruídos por incêndio próximo de Tomar

O incêndio que deflagrou ontem à tarde numa zona entre Portela de São Pedro e Barca Nova, próximo de Tomar, destruiu cerca de 15 hectares de pinhal e eucaliptal. Tendo começado cerca das 15 horas próximo de Portela de São Pedro, o fogo centrou-se posteriormente em Barca Nova, onde estão instalados aviários pertencentes à família Mendes Godinho, proprietária da empresa com o mesmo nome.

No combate às chamas participaram cinco corporações de bombeiros (Golegã, Constância, Barquinha, Torres Novas e Tomar) que só com a ajuda de meios aéreos conseguiram dominá-las quatro horas depois, dada a existência de cabos de alta tensão na zona afectada.

O sinistro, de origem por enquanto desconhecida, não provocou feridos nem chegou a atingir os aviários.

Em virtude da falta de condições de trabalho

PRÓ-SINDICAL ADMITE "NEGLIGÊNCIA" DE ALGUNS AGENTES DA PSP

O Secretariado Coordenador da Zona Centro da Pró-Associação Sindical da PSP (ASP/PSP) admitiu ontem existirem agentes policiais com uma actuação profissional negligente. Esta posição, assumida através de um comunicado ontem divulgado em Coimbra, surgiu a propósito de acusações publicadas num matutino português, segundo as quais alguns agentes da PSP daquela cidade «fazem vista grossa» a certas actuações delituosas, lamentando o secretariado da ASP/PSP da zona

centro que tais factos «se estejam a generalizar um pouco por todo o País».

No entanto, a ASP/PSP refere que essas situações são consequências «da desmobilização que grassa no seio dos agentes da instituição, decorrente da falta de apoio e condições de trabalho, bem como da permanente violação dos seus direitos, liberdades e garantias». Entre as questões que, em seu entender, contribuem para uma tal desmoralização, a ASP/PSP aponta «a das folgas em geral e das per-

das de tempo não compensadas durante as horas de descanso dos agentes, em especial relativamente às presenças obrigatórias em tribunais, Polícia Judiciária e outras entidades».

Nessa óptica, a ASP/PSP afirma que «as situações de flagrante injustiça são inúmeras e variadas, constituindo regra no dia-a-dia do agente da PSP» e interroga se «perante este estado de coisas será lícito exigir o cumprimento integral e rigoroso das suas funções de agente da PSP».



Campanha de segurança nas estradas para emigrantes em férias

A Direcção-Geral de Viação e a Prevenção Rodoviária, em colaboração com as autoridades espanholas, vão lançar uma campanha de segurança, a desenvolver de 15 de Julho a 10 de Agosto, e tendo por objectivo diminuir os acidentes rodoviários entre os emigrantes durante a viagem de regresso a Portugal, nas férias de Verão.

A acção terá lugar através da sensibilização dos condutores para as normas de segurança rodoviária antes de iniciarem as suas viagens, e no apoio directo na estrada, em território espanhol, com a criação de postos de apoio ao longo do trajecto de regresso a Portugal. Esses postos situar-se-ão em Irun, na auto-estrada Bilbao-Vitória, Brivisca, Torquemada e Tordesilhas e funcionarão ininterruptamente durante o citado período.

VAMOS ACERTAR O PASSO!



O **Imposto Complementar** e **Você** têm andado com o passo trocado. Nós demos os nossos passos, para que você possa agora acertar os seus, cumprindo mais facilmente a sua obrigação. Você poderá entregar a sua declaração sem as pressas e bichas do costume, desde que não se deixe ficar para o fim.

Novos postos de atendimento: Foram abertos cerca de 300 postos especiais de atendimento (informação e recepção de declarações):

- Nos Centros Comerciais Amoreiras (loja 1001) e Fonte Nova, em Lisboa e Brasília no Porto;
- Em cerca de 150 Juntas de Freguesia;
- No A.C.P. Automóvel Clube de Portugal — em todas as delegações;
- Em Associações, entidades diversas e empresas de grande dimensão;
- Numa carrinha instalada na Praça da Figueira e outras itinerantes, que percorrerão os principais centros de Lisboa e arredores.

SENHOR CONTRIBUINTE!

NÓS DEMOS OS NOSSOS PASSOS. DÊ AGORA VOCÊ OS SEUS.

Novos horários: Nos postos criados, horário prolongado até às 21 H, com excepção das carrinhas que funcionam das 10 às 20 H e também postos especiais de atendimento em algumas Repartições de Finanças, das 19 às 21 H.

Novas deduções: Informe-se dos novos limites estabelecidos, dos encargos aceites relativamente à habitação adquirida, construída ou beneficiada, das deduções relativas à compra ou subscrição de acções ou de Certificados de Fundos de Investimento, das despesas com a saúde não reembolsadas, com encargos sociais, seguros e despesas escolares dos filhos e dos respectivos documentos exigidos.

Benefício de desconto: Em Julho, o desconto de pagamento é de 4,5%, se efectuar logo a auto-liquidação. Estando sujeito a Contribuição Industrial, a entrega da declaração é até ao dia 15 de Outubro.



MINISTÉRIO DAS FINANÇAS
DIRECÇÃO-GERAL DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS

JUDICIÁRIA AINDA NÃO TEM SUSPETOS MAS DIZ QUE SE TRATOU DE CRIME

Animou nos anos 60 homilias na Capela do Rato

A Polícia Judiciária de Setúbal não tem praticamente dúvidas de que o padre Alberto Neto foi assassinado, segundo revelou ao «DL» um elemento da Secção de Homicídios da corporação. O seu corpo foi encontrado segunda-feira à tarde, na bermã da estrada, no lugar de Águas de Moura, a três quilómetros de Setúbal. O funeral do padre Alberto Neto Simões Dias, prior de Rio de Mouro, desde 1983, sairá amanhã, às 9 horas, da Igreja Paroquial daquela freguesia do concelho de Sintra, soube esta manhã o «Diário de Lisboa» junto do Patriarcado.

O informador da PJ de Setúbal acima citado adiantou ao «DL» que, embora o resultado da autópsia só esta tarde seja conhecido, a corporação «está na posse de elementos» que a habilitam a não ter quaisquer dúvidas sobre o carácter violento da morte do padre Alberto Neto. «Trata-se de um crime de homicídio», sublinhou a mesma fonte que se eximiu a revelar mais pormenores, «para não prejudicar a investigação». Acrescentou, no entanto, que «ainda não há suspeitos».

Pese embora o segredo de que se reveste a investigação, conseguimos apurar noutras fontes policiais que o estado de decomposição em que foi encontrado o corpo não evidenciava qualquer ferimento, pelo menos quando foi transportado para a morgue do Hospital de Setúbal pelos Bombeiros Sapadores desta cidade, chamados para o efeito pelos Voluntários de Águas de Moura. O corpo foi descoberto «em mato baixo, com alguns pinheiros, na bermã da estrada», salientou a mesma fonte.

Sem pistas nem suspeitos indicados, as investigações «partem do zero», revelou uma outra fonte da Polícia Judiciária de Setúbal, que só ontem, quarenta e oito horas depois da descoberta do corpo do padre Alberto Neto, teve conhecimento do caso.

Família sabia da ida ao Algarve

Os familiares mais próximos do padre Alberto Neto, que nos anos 60 foi um dos pioneiros da

modernidade da Igreja Católica portuguesa e cujas homilias nesse período incomodaram a expIDE, o regime de Salazar - Caetano e de um modo geral a direita portuguesa, estavam ao corrente da sua viagem ao Algarve, na passada semana.

A mulher do seu sobrinho mais velho, José Alberto Simões Dias de Oliveira, afirmou esta manhã ao «Diário de Lisboa» que o padre Alberto se tinha deslocado a Armção de Pêra para «tratar de assuntos familiares». Havia viajado no seu automóvel e passado por Faro, onde se encontrou com um amigo na quarta-feira da passada semana. «Esse contacto efectuou-se e nada teve de especial porque se trata de pessoa amiga da família», acrescentou.

O seu rasto perde-se a partir das 17 horas de sexta-feira. Foi nessa altura que o padre Alberto Neto entregou a chave do apartamento da família a uma empregada, à qual disse — apurou esta manhã o «DL» — que se iria encontrar em Faro com pessoas que não identificou. Desde então, o padre Neto não mais seria visto. A família, nomeadamente os seus sobrinhos e sobrinhas-netos, aguardava-o na sexta-feira.

Noivos à espera para casarem...

O padre Alberto Neto, de 56 anos, ordenado há trinta, devia celebrar um casamento no sábado e nesse mesmo dia presidir a um outro acto religioso. Não compareceu a qualquer deles, pelo que quer os católicos de Rio de Mouro quer a família se começaram a preocupar.

Ao fim da tarde desse mesmo dia manifestaram as suas apreensões



às autoridades (GNR, PSP e PJ), fornecendo-lhes os dados necessários à sua identificação, inclusive o facto de haver viajado no seu automóvel para o Algarve, um «Peugeot 203», de cor clara, que até ao momento ainda não foi encontrado.

Esse facto, o de dar «boleias» (normalmente) a quem lhe estendia o braço na estrada e um segundo encontro em Faro, no espaço de dois dias — na passada sexta-feira — com alguém de que a família não tem qualquer indicação, permite admitir que se tratou de crime de homicídio, ideia reforçada pelo facto. É sobre este último encontro na capital algarvia, que as investigações poderão fazer luz.

Associado a este último facto poderão estar as últimas iniciativas do padre Alberto Neto, que se dedicava à recuperação de jovens toxicómanos. Uma actividade de que o Conselho Directivo da Escola Secundária de Queluz poucas indicações tinha, mas que fontes familiares asseguraram ao «DL» ser uma das suas missões neste momento.

Uma sua sobrinha afirmou ao «DL» que o padre Alberto Neto estava «muito entusiasmado» com a abertura de um centro para toxicómanos nos arredores de Lisboa, juntamente com um psiquiatra.

«Pessoa muito activa, dinâmica e alegre»

O padre Alberto Neto era uma

pessoa incansável, que se desdobrava em várias tarefas, desde a sua missão católica como prior de Rio de Mouro/Rinchoa ao ensino de Religião e Moral, desde 1980, na Escola Secundária de Queluz, onde ia todos os dias, salvo à sexta-feira e ao sábado.

Estava, neste momento, nos serviços de apoio à matrículas, aproveitando umas pequenas férias para se deslocar ao Algarve. «Era uma pessoa muito activa, muito dinâmica, muito alegre», disse ao «DL» um elemento do Conselho Directivo da Escola. «Todos gostávamos de o ouvir conversar», acrescentou a mesma fonte.

O padre Alberto Neto Simões Dias, de que ficaram célebres — e polémicas — as suas homilias na Capela do Rato, em Lisboa, no fim dos anos 60 e princípios de 70, devotou quase meio século da sua vida ao serviço dos jovens. «Influenciou várias gerações de jovens», disse ao «DL» uma fonte do Patriarcado de Lisboa.

Ordenado padre em 15 de Agosto de 1957, começou o seu múnus sacerdotal como coadjutor da paróquia de Santa Maria de Belém, de que à data era prior o padre Felicidade Alves, cujo depoimento sobre ele é inserido nesta edição.

«Um santo que foi para o céu»

Como educador, o padre Alberto Neto exerceu um fascínio muito especial sobre a juventude que com ele privou de perto ou o

teve como professor, desde 1959, designadamente nos liceus Pedro Nunes e Padre António Vieira. Foi também assistente diocesano da JEC e da JECF. Entre 1978 e 1981 pertenceu ao Conselho Presbiterial do Patriarcado de Lisboa e pároco de Belas de 1979 a 1982. Estava como prior de Rio de Mouro desde 1984.

«Desde domingo que estamos em vigília. Tem sido verdadeiramente esgotante», disse ao «DL» uma servidora da paróquia de Rio de Mouro, onde ontem à noite foi rezada missa de sufrágio por alma do padre Neto, «um santo que, infelizmente, já nos deixou, e está no céu», acrescentou.

O Cardeal-Patriarca, que se encontra em Roma na visita «ad limine», deu instruções para Lisboa no sentido de o funeral do padre Alberto (já marcado para amanhã) não se realizar antes do seu regresso.

Recorde-se que foi na sua ausência que em 1972 se realizou, na Capela do Rato, em Lisboa, uma «vigília pela paz» que a PIDE interrompeu brutalmente. As suas homilias, de resto, estiveram para ser publicadas em livro.

Figuras importantes da vida política e cultural do País animaram essas mesmas vigílias e iniciativas que enraivecaram a expIDE e o regime, entre elas Nuno Teotónio Pereira, Manuel Serra, Vítor Wengorovius e Luís Moita, as quais não conseguimos contactar esta manhã. O padre Fanhais, mais jovem que todos eles, disse-nos que «gostava muito de o ter conhecido. Fiquei muito chocado com a sua morte», acrescentou. Ele, Francisco Fanhais, e todos os portugueses que de um modo ou outro lidaram com este padre progressista que nos deixou aos 56 anos em condições que a PJ investiga. Para já, não tem a mínima dúvida que se tratou de crime. O seu corpo apresentava uma pancada na cabeça, quando foi descoberto, a meia centena de metros da estrada, junto à bermã, em Águas de Moura. Na algibeira estavam três mil escudos.

«Padre Felicidade»

sobre a morte de Alberto Neto: «É uma perda irreparável para a Igreja»

José da Felicidade Alves foi prior em Belém entre 1956 e 1968, mantendo como coadjutor nesse tempo o padre Alberto Neto, assassinado ontem em Águas de Moura, entre Alcácer do Sal e Setúbal. Mas já antes o conhecia, pois foi seu professor de Teologia no Seminário dos Olivais.

Hoje o «padre Felicidade» já não exerce o sacerdócio (foi expulso pelo patriarcado em 1968 por possibilitar reuniões da oposição política ao regime, na capela do Rato, e esta manhã traçou-nos o retrato de Alberto Neto, em conversa que com ele mantivemos.

«Nos seus tempos de estudante era um rapaz exuberante e difícil de enquadrar na disciplina do seminário. Era considerado pelos seus professores como um pouco anárquico e esteve mesmo para ser expulso. Acabou por ficar, pois a sua irreverência vinha somente do excesso de vida que tinha em si; equilibrada por um temperamento são e esperançoso», disse-nos.

Mais tarde, as suas homilias, conta-nos, «tinham um cunho alegre e optimista, o mesmo que ele emprestou à sua dedicação à juventude quando foi meu coadjutor em Belém. Foi devido a isso que o mandaram depois para professor de Moral e Religião no Liceu D. João de Castro: todos os jovens o adoravam».

Alberto Neto fundou um lar de jovens na Avenida Casal Ribeiro, «uma comunidade curiosa», como a definiu José da Felicidade Alves. E chegou mesmo a trabalhar no sector juvenil do Sporting.

«Tinha uma riqueza humana muito grande, era um festival todos os dias jantar com ele. Creio que é uma perda irreparável para a Igreja», acrescentou ao «DL» o padre Felicidade, emocionado e revoltado com a violência que tirou a vida ao amigo.

Nos centros comerciais de Setúbal: Um quarto das lojas estão já falidas

Pouco menos de um quarto das lojas nos centros comerciais da península de Setúbal estão falidas ou para trespasse — revela um estudo do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, Escritórios e Serviços do Sul, ontem apresentado em conferência de Imprensa, nas instalações daquela estrutura sindical.

O estudo a que o «DL» teve acesso di que o número de lojas vazias, falidas ou em trespasse ascende a 22,58% entre as 1399 existentes na península.

Outro aspecto denunciado no estudo diz respeito à situação dos trabalhadores: «Constata-se que as 1083 lojas a funcionar empregam 312 trabalhadores por conta de outrem e, destes, 93% são contratados a prazo, classificados com as categorias profissionais mais modestas».

O estudo debruça-se igualmente sobre os horários dos trabalhadores nos centros comerciais de Setúbal, dizendo especificamente que o seu horário de trabalho diário é em média de oito horas e

meia, com apenas um dia de folga, quando o «CCPV regulamentado» oito horas diárias e um dia e meio de folga.

Por outro lado, o documento afirma que, «salvo raras excepções, a esmagadora maioria dos chamados centros comerciais do distrito de Setúbal (e mesmo no País) não têm razão para usufruir de tal nome».

Porque, de facto, apenas 45,9 por cento apresenta condições mínimas de segurança para utentes e trabalhadores, segundo o

mesmo estudo, ontem tornado público em Setúbal.

O trabalho refere que na península de Setúbal, dos 55 principais centros comerciais, só 28 possuem extintores ou bocas de incêndio, 2 têm casas de banho separadas (utentes / trabalhadores) e apenas 15 têm ar condicionado.

«Em caso de cataclismo, incêndio ou outras situações geradoras de pânico, as condições de segurança são insuficientes», frisa o estudo, antes de referir

que, na construção dos centros comerciais «não existiu a preocupação de segurança, mas sim obter, manter e valorizar a especulação imobiliária e os rendimentos dos estabelecimentos comerciais. Em consequência permite-se, à luz de falsa modernização, fomentar a especulação dos artigos», acrescenta o estudo.

Relativamente às questões e condições de trabalho, o Sindicato do Comércio, Escritórios e Serviços do Sul estatutou que, das 1083 lojas a funcionar, 312

empregam trabalhadores por conta de outrem e, destes, 93 por cento são contratados a prazo e classificados com as categorias profissionais mais modestas.

Um dado a reter é o número de lojas vazias, falidas ou em trespasse (316), ou seja, 22,58 por cento do total. De 1399 lojas existentes, como já foi constatado até 15 de Junho / 87, funcionam 1083 lojas. Esta situação deve-se ao engano a que a pequena poupança está sujeita — refere o documento.

PLANO INTEGRADO DO DISTRITO DE SETÚBAL CONTA COM O FEDER

O plano integrado para o desenvolvimento do distrito de Setúbal (PIDDS) espera vir a contar com a participação de fundos do FEDER mas se tal não acontecer concretizar-se-á à mesma garantia ontem no Barreiro o presidente da Associação dos Municípios de Setúbal (AMDS) responsável pela iniciativa.

Helder Madeira que falava no final de uma reunião entre técnicos e representantes de Câmaras e Assembleias Municipais do distrito de Setúbal durante a qual responsáveis do consórcio de empresas adjudicatário do PIDDS apresentaram os estudos realizados nos primeiros cinco meses de trabalho adiantou que a Amds «pretende contemplar neste plano de integração os problemas do ordenamento do território e do desenvolvimento sócio-económico do distrito de Setúbal».

«Neste sentido — disse — a Associação fixou como áreas de intervenção prioritária o ordenamento e o desenvolvimento industrial com destaque para os concelhos de Setúbal, Sines, Barreiro, Seixal e Almada».

Quanto ao desenvolvimento turístico as prioridades vão para a faixa litoral sul Tróia — Sines.

Helder Madeira referiu que o PIDDS vai contemplar igualmente de forma especial as redes viárias, urbanas e de equipamentos colectivos de nível supramunicipal.

«Os estudos hoje apresentados permitem concluir que o distrito de Setúbal tem um peso significativo em sectores essenciais da economia nacional» — disse adiantando

do no entanto que «para o aproveitamento dos seus recursos e potencialidades mostra-se necessária uma nova política económica que é AMDS e os municípios que a integram estão empenhados em dinamizar e apoiar».

Helder Madeira frisou por outro lado que «não é possível ignorar que só no período entre 1982 e 1985 devido à política económica que tem seguido o número de postos de trabalho apenas na indústria transformadora do distrito sofreu uma redução de cerca de 11 mil em consequência da falência encerramento ou paralisação de mais de 100 empresas».

«Mas também não é possível ignorar que as iniciativas dos trabalhadores e de pequenas e médios empresários fez surgir numerosas pequenas empresas que só por si criaram milhares de postos de trabalho» — declarou.

Quanto à Câmara Municipal do Montijo que é a única do distrito que não faz parte da Associação de Municípios, Helder Madeira disse que «até agora tem colaborado na iniciativa fornecendo os elementos que lhe têm sido solicitados».

«O caso do Montijo — acrescentou — tem que ser estudado no seio da Associação».

Sobre a de Setúbal que muito embora faça parte da Associação se absteve inicialmente de votar o plano,

até ao momento, segundo disse Helder Madeira, não tem participado na discussão muito embora há dois dias

tenha finalmente dado ordens aos serviços para o fazer». A primeira fase do PIDDS, orçada em cerca de 17 mil

contos, estará concluída em Novembro e o conjunto de todo o estudo dentro de dois anos.

Uma nova era de competitividade

"Relações públicas começam dentro da própria empresa"

«As relações públicas devem começar dentro da própria empresa» — é este o lema da Corsino-Legrand, empresa luso-francesa de material eléctrico que reuniu em Tróia cerca de duas centenas de grossistas naquilo que considerou «um salutar convívio».

Os convidados puderam, para além das sessões de trabalho que assinalaram o encontro, analisar a nova gama de produtos daquela empresa e participar em divesas acções, nomeadamente um passeio de helicóptero sobre a região de Setúbal e num jantar animado por Herman José e Shegundo Galarza.

Durante o mesmo foi apresen-

tada uma original colecção de vestidos confeccionados com material eléctrico, considerados um autêntico achado quanto a imaginação, por parte de Vítor Lourenço — um jovem que dá os seus primeiros passos no «métier» e que como criador augura mais e melhor.

Apostando numa política interna de relações públicas, a Corsino-Legrand está preparada — diz Maria José Borges, da Agência Internacional de Comunicação — «par uma nova era da competitividade, onde, devido à nossa integração europeia, os condicionamentos que a indústria terá de enfrentar são mais du-



INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

FUNDO SOCIAL EUROPEU

(Despacho Normativo N.º 54/87 de 25 Junho)

ÀS ENTIDADES DE DIREITO PRIVADO COM MENOS DE 250 TRABALHADORES

Nos termos do n.º 3.2 do Despacho Normativo n.º 54/87 de 25 de Junho, do Ministro do Trabalho e Segurança Social, poderão as entidades com menos de 250 trabalhadores ao serviço, fazer entrega dos seus projectos de formação profissional nas Delegações Regionais do Instituto do Emprego e Formação Profissional até ao dia 07 de Agosto.

Os formulários a utilizar são os correntemente utilizados para concurso ao Fundo Social Europeu, podendo ser obtidos nas Delegações Regionais do Instituto do Emprego e Formação Profissional ou nas Delegações Regionais do DAFSE.

A apreciação das candidaturas terá lugar até 31 de Dezembro, sendo as acções financiadas como se segue:

- 50% da contrapartida nacional na primeira quinzena após o início do programa de formação
- 50% da contrapartida do F.S.E. na primeira quinzena de Junho, se o programa de formação tiver início antes deste período, ou na quinzena de início do programa de formação se este se iniciar em data posterior
- A parte restante com a aprovação do relatório final e depois de verificado, entre outros aspectos, o cumprimento das metas de emprego dos formandos fixadas no Despacho Normativo n.º 54/87

DELEGAÇÕES REGIONAIS DO I.E.F.P.:

Delegação Regional do Norte—Rua Eng.º Ezequiel Campos, 488— 4100 Porto— Telef: 671344/5

Delegação Regional do Centro—Av. Fernão Magalhães, 648— 3000 Coimbra— Telef: 36561, 36572/83

Delegação Regional de Lisboa/Vale do Tejo—Rua Almirante Barroso, 15— 1000 Lisboa— Telef: 577445 /577145

Delegação Regional do Alentejo—Largo do Colégio, 1— 7000 Évora— Telef: 24091, 24092, 26687

Delegação Regional do Algarve—Rua João de Deus, 45, 3.º— 8000 Faro— Telef: 26161 26162.

"Afrikaners" encontram-se com o ANC

As conversações que hoje se iniciam no Senegal entre mais de 50 personalidades brancas da África do Sul e o ilegalizado Congresso Nacional Africano (ANC) foram condenadas por vários quadrantes sul-africanos. As críticas partiram da rádio estatal, do Partido Nacional do Presidente Botha, de um movimento neofascista e de um movimento esquerdista negro, a AZAPO (Organização do Povo Azaniano). Entretanto em Dacar o Governo senegalês quebrou o silêncio oficial sobre o encontro, informando em comunicado que a reunião de três dias é inaugurada pelo Presidente Abdou Diouf e que a mulher do Chefe de Estado francês, Danielle Miterrand, dirigirá uma saudação aos presentes. Thabo Mbeki, que chefiava a delegação de 15 membros do ANC disse que não serão evitadas as questões polémicas nas conversações.

Haiti: estudantes ameaçam suicidar-se

Estudantes haitianos anunciaram a intenção de suicidar-se pelo fogo caso o general Henry Namphy e os outros membros do Governo provisório de Port-au-Prince não apresentassem imediatamente a demissão. Uma das maiores manifestações de rua dos últimos dias concentrou na terça-feira mais de dois mil estudantes junto do Palácio Presidencial, que gritavam palavras de ordem contra o Conselho Nacional de Governo (CNG) presidido pelo general Namphy, que foi chefe do Estado-Maior da ditadura de Jean-Claude Duvalier e assumiu o poder depois da fuga do ex-«Presidente vitalício» do Haiti, actualmente exilado em França.

ETA reivindica atentado

A organização separatista basca Eta Militar reivindicou a autoria do atentado de terça-feira contra a sede do Governo Militar de Guipuzcoa em chamada telefónica para a Cruz Vermelha de San Sebastian, revelou uma fonte da instituição. Quatro granadas foram disparadas contra a fachada da sede do comando militar da província basca por um dispositivo instalado numa plataforma montada sobre o tejadilho de um carro estacionado a poucos metros do edifício alvejado. Dos cinco militares ligeiramente feridos no atentado, apenas um soldado continua internado.

Irlanda: diálogo com Londres

Líderes unionistas representando a maioria protestante da Irlanda do Norte afirmaram que pretendem entabular conversações com o Governo britânico para tentar quebrar o impasse político nesta província de agitação permanente. «A solução está agora nas mãos do Governo», declararam num comunicado os líderes protestantes Jim Molyneux e Ian Paisley, ambos protagonistas de uma acerbica campanha contra um acordo anglo-irlandês sobre o Ulster, firmado em 1985.

Avião da URSS aterra no Irão

Um avião soviético que transportava 10 militares aterrou ontem no aeroporto iraniano de Zabol, próximo da fronteira com o Afeganistão, revelou a agência noticiosa «Irna». A notícia refere que a bordo encontrava-se uma dezena de elementos do exército da URSS, para além de armas. As autoridades iranianas afirmam que estão a investigar este caso. As tropas soviéticas combatem contra os guerrilheiros nacionalistas afegãos, numa guerra que já dura há mais de sete anos.

Encontro com Kadhafi dá prisão

Um oficial do exército espanhol identificado com a direita e que alegadamente se encontrou com o líder líbio Muamar Kadhafi foi condenado pelo tribunal militar de Espanha a seis meses de detenção por se ter ausentado sem licença. O coronel Carlos Meer de Ribera foi acusado de ter praticado uma falta disciplinar grave, quando se ausentou do serviço durante cinco dias, em Janeiro de 1986. Na sequência da detenção, o Governo expulsou o cônsul geral líbio em Madrid, acusando-o de ter ajudado Meer de Ribera a procurar obter financiamentos líbios. A Líbia negou a acusação.

Itália: Fanfani demite-se

O Primeiro-Ministro interino de Itália, Amintore Fanfani, pediu hoje a demissão numa acção que abre caminho à solução dos esforços tendentes à formação de um novo Governo, após as eleições legislativas de Junho, anunciou a Presidência. Esta atitude permite a Cossiga iniciar conversações com os líderes dos vários partidos políticos e nomear um chefe de Governo.



Milhares de pessoas participam no funeral do estudante sul-coreano morto pela polícia durante as manifestações anti-governamentais de Junho. O presidente Chun Doo-Hwan amnistiou, entretanto, o dissidente Kim Dae-Jung e mais 2.335 opositores políticos ao seu regime

Degelo nas relações URSS-RFA

"CASO RUST" ABORDADO NO E ENTRE WEINZSAECKER E GORE

O Presidente da RFA, Richard von Weizsäcker, disse que abordou com Mikhail Gorbachev a situação do jovem piloto alemão federal Mathias Rust, detido em Moscovo depois de ter empreendido um voo clandestino até à Praça Vermelha. Entretanto foi anunciado que o líder soviético fará, nos próximos 12 meses, uma visita de cortesia a Bona, no âmbito de um programa bilateral acordado em Moscovo e destinado a pôr fim ao esfriamento das relações soviético-alemãs federais.

Em conferência de imprensa, Weizsäcker escusou-se a fazer comentários sobre o caso «Rust», afirmando que isso o iria «piorar» a situação.

Pressionado a comentar ru-

mores de que Rust, detido na prisão de Lefortovo desde 28 de Maio, abandonaria Moscovo no decurso da estada do seu Presidente na URSS, Weizsäcker também se recusou a responder.

Moscovo e Bona têm tentado que o caso do jovem Rust não «ensombre» a visita do Presidente alemão-federal à URSS, a primeira a ocorrer nos últimos 12 anos.

No decurso do ano passado, as relações RFA-URSS foram perturbadas por comentários feitos pelo chanceler alemão federal, Helmut Kohl, a propósito de Gorbachev.

O ministro dos Negócios Estrangeiros da RFA, Hans-Dietrich Genscher, que se reuniu com o seu homólogo soviético, Eduard Shevardnadze, afirmou que os dois países defenderam as respecti-

vas posições quanto à eliminação dos euromísseis de médio e curto alcance, recusando-se a dar mais pormenores.

Bona pretende manter os seus mísseis Pershing 1-A em caso de um eventual acordo EUA-URSS sobre eliminação dos mísseis de médio e curto alcance na Europa. Moscovo insiste na retirada dos mísseis em causa, alegando que as suas ogivas são norte-americanas.

A visita de Gorbachev

Fontes governamentais soviéticas salientaram que a visita de Gorbachev a Bona vai coroar uma melhoria nas

relações bastant ano, q mut K Kremli da naz

Os i centar ção da a Bona blica I nha, E visitar

A ne de alto visita q von V URSS, com a

Chernobyl: um julgamento silenciado?

Três jornalistas ocidentais que assistiram terça-feira ao início do julgamento dos seis funcionários soviéticos considerados responsáveis pelo desastre na central nuclear de Chernobyl foram ontem intimados a regressar a Moscovo. O Ministério soviético dos Negócios Estrangeiros justificou a decisão afirmando que a cidade de Chernobyl, situada 18 quilómetros a sudeste do local em que se encontra a central nuclear, não podia acomodar os jornalistas durante o julgamento que se deverá prolongar por três semanas.

Por outro lado, a agência noticiosa soviética TASS informou que não tinha a certeza de fornecer dados sobre a cobertura do segundo dia do julgamento.

O relatório oficial do governo sobre o desastre de Chernobyl, ocorrido a 26 de Abril de 1986, acusa os seis funcionários de «negligên-

cia». O desastre causou a morte de 31 pessoas, 200 feridos e o desalojamento de cerca de 135.000 pessoas

das áreas próximas da cidade. Para além disso, grande parte do território soviético, assim como a Europa de Leste



Três dos seis funcionários que respondem pelo desastre de Chernobyl. Da esquerda para a direita: Viktor Bryakhonov (antigo director da central), Anatoly Dyatlov (engenheiro assistente) e Nikolai Fomin (engenheiro-chefe)

e Ocidental, foram contaminados pelas fugas radioactivas.

O antigo director da central nuclear, Viktor Bryakhonov, que se confessou culpado da acusação de abuso de poder, incorrendo numa pena de prisão de cinco anos, disse, no entanto, estar inocente relativamente às acusações mais graves relacionadas com a violação das normas de segurança.

Os outros cinco réus também rejeitaram a acusação de violação das normas de segurança, mas o vice-engenheiro-chefe Dyatlov afirmou não poder negar a sua culpa, enquanto Nikolai Fomin (antigo engenheiro-chefe), Alexander P. Kovalenko, responsável pelo reactor número 4, que explodiu, Boris V. Rogozhkin, chefe de turno no reactor e Yuri Laushkin, engenheiro, negaram ser culpados pelo acidente.

CI pa

O ça, ex-lucri «co fun di s Ma age nho R por con dex fun C Par de i gan clai Seg A em nas



Aspecto dos confrontos entre hindus e a polícia de Nova Deli, quando cerca de 1.500 manifestantes entraram ontem na residência do ministro do Interior em protesto contra o assassinio de hindus no Estado do Punjab

ENCONTRO BACHEV

Relações entre os dois países, bastante afectadas desde há um ano, quando o chanceler Helmut Kohl comparou o líder do Kremlin ao chefe da propaganda nazi, Joseph Goebbels.

Os mesmos círculos acrescentaram que, antes da realização da viagem de Gorbachev a Bona, o Presidente da República Democrática da Alemanha, Erich Honecker deverá visitar a RFA.

A nova ronda de contactos de alto nível, iniciados com a visita que o Presidente Richard von Weizsäcker efectua à Rússia, deverá ter continuação com a viagem a Bona, no próximo

Outono, do ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze.

Sobre a questão alemã, O «Pravda» salientara que o líder do Kremlin expressou dúvidas quanto à vontade da RFA em respeitar o Tratado de Moscovo, que estabelece as actuais fronteiras nas duas Alemanhas.

Gorbachev baseou deste modo a sua dúvida: «Estamos sempre a ouvir que permanece em aberto a questão alemã, que não ficou clara a situação das antigas regiões do Leste alemão e as conferências de Yalta e Potsdam não são legais».

CIA autorizou desvio de fundos para os "contras" — afirma North

O antigo funcionário do Conselho Nacional de Segurança, tenente-coronel Oliver North, confirmou ontem que o ex-director da CIA, William Casey, aprovou o desvio de lucros da venda de armas norte-americanas ao Irão para os «contras» da Nicarágua. North, que foi demitido das suas funções após o deflagrar da crise conhecida por Irangate, disse que a ideia do desvio de fundos lhe foi sugerida por Manucher Ghorbanifar, negociante de armas e presumível agente israelita, quando se encontravam numa casa de banho de um hotel de Londres, em Janeiro de 1986.

Rebatendo a ideia de que era um «solitário», agudo por si só, North disse que o seu patrão na altura, o antigo conselheiro de Segurança Nacional, almirante John Poindexter, e posteriormente Casey, aprovaram o desvio de fundos.

Depois de Oliver North ter sido ouvido, o senador do Partido Democrata, George Mitchell, membro da comissão de investigação, disse numa entrevista televisiva que Reagan não tinha sido de maneira nenhuma ilibado pelas declarações do antigo funcionário do Conselho Nacional de Segurança.

As declarações do tenente-coronel foram transmitidas em directo por todas as cadeias de televisão norte-americanas.

Golfo Proprietários de petroleiros reclamam segurança

A Associação Internacional Independente de Proprietários de Petroleiros (Intertanko) apelou aos países ocidentais para formarem uma escolta naval conjunta que proteja a navegação no Golfo, disse a Intertanko.

Em comunicado divulgado em Londres, a associação informou que o seu presidente, Basil Papachristidis, se encontrou com o secretário-adjunto norte-americano para os Assuntos Políticos, Michael Armascot, e a ele lhe transmitiu a premência de tal medida.

Entretanto a Câmara dos Representantes, por 283 votos contra 126, derrotou uma proposta de lei que impediria o Presidente Reagan de concretizar o seu plano de colocar 11 petroleiros do Koweit sob pavilhão norte-americano, para permitir a segurança da navegação no Golfo.

Diferendo Paris-Teerão

A embaixada francesa em Teerão voltou a ser cercada por polícias iranianos, presumindo-se tratar-se de uma «resposta» das autoridades iranianas às declarações do Primeiro Ministro francês, Jacques Chirac, publicadas pelo «Le Monde».

Chirac reiterara estar «fora de questão» que Wahid Gordji, que as autoridades francesas não consideram abrangido pela imunidade diplomática, possa sair do país sem comparecer perante o juiz Gilles Boulouque, que o quer interrogar sobre os atentados terroristas de Setembro de 1986 em Paris.

Quatro mortos e 10 desaparecidos num acidente na RFA

Quatro mortos, 38 feridos e 10 desaparecidos constitui o último balanço do desastre provocado na terça-feira à noite por um camião cisterna que explodiu na localidade alemã de Herborn, informaram as autoridades locais.

Dos escombros de oito casas totalmente destruídas pelo incêndio causado pela explosão da cisterna, que transportava 32 mil litros de gasolina, foram retirados até agora os cadáveres de quatro mulheres.

As equipas de salvamento procuram 10 pessoas dadas como desaparecidas, e que podem ter ficado soterradas entre as ruínas. Há 40 pessoas sem casa.

A temperatura no local do acidente chegou a ultrapassar os mil graus centígrados, impossibilitando a acção dos bombeiros durante cerca de três horas.

A maioria das pessoas que se encontravam na gelataria conseguiram fugir, no intervalo entre o embate do camião contra a fachada do prédio e a explosão da cisterna.

Morte de Samora Machel

África do Sul responsabiliza tripulação do Tupolev

A comissão sul-africana de inquérito às causas da queda do avião que provocou a morte de Samora Machel responsabilizou a tripulação soviética pelo desastre ocorrido em Outubro passado. As conclusões da comissão, ontem apresentadas em Joanesburgo, foram já rejeitadas por Moçambique e pela União Soviética.

O avião em que seguia o presidente de Moçambique, um «Tupolev» de fabrico soviético, caiu em território sul-africano, quando se aproximava de Maputo no final de um voo iniciado em Mbala. O relatório aponta circunstâncias casuais e falta de disciplina em voo por parte da tripulação como razões que estiveram na origem da queda do aparelho.

Adianta que a tripulação não seguiu os procedimentos apropriados para uma aterragem por instrumentação na escuridão e com tempo enevoadado. No mesmo relatório afirma-se que a tripulação do «Tupolev» ignorou ainda o alarme que indicava estar o aparelho a voar a uma altitude demasiado baixa, aparentemente porque acreditava estar prestes a aterrar em Maputo.

Segundo as conclusões do relatório, a tripulação actuou partindo do princípio que as luzes do aeroporto de Maputo não estavam a funcionar. O avião não tinha o combustível necessário para atingir a Beira, o outro destino alternativo a Maputo. A impossibilidade de chegar à Beira pode ter exercido uma influência determinante na decisão do comandante do «Tupolev» de continuar a descida para Maputo, apesar de julgar que a capital moçambicana es encontrava sem electricidade. conclui o relatório.

MINISTERIO DAS OBRAS PÚBLICAS, TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES
SECRETARIA DE ESTADO DAS VIAS DE COMUNICAÇÃO

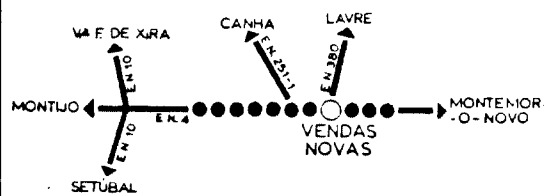


JUNTA AUTÓNOMA DE ESTRADAS

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS REGIONAIS DE ESTRADAS DO SUL

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO INTERNACIONAL NO ÂMBITO DA COMUNIDADE ECONÓMICA EUROPEIA
EN 4 - BENEFICIAÇÃO ENTRE VENDAS NOVAS E MONTEMOR-O-NOVO (PROX.-MARCONI)



● ● ● - LANÇO A CONCURSO

- 1 - JUNTA AUTÓNOMA DE ESTRADAS (JAE)
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS REGIONAIS DE ESTRADAS DO SUL
RUA DO CICLOSO, N.º 18 - 7000 ÉVORA - PORTUGAL
TELEX: 44 693 - TELEF.: 2 62 88
- 2 - CONCURSO PÚBLICO INTERNACIONAL NO ÂMBITO DA COMUNIDADE ECONÓMICA EUROPEIA
- 3 - a) LOCAL DE EXECUÇÃO: DISTRITO DE ÉVORA
b) DESIGNAÇÃO DA EMPREITADA
EN 4 - BENEFICIAÇÃO ENTRE VENDAS NOVAS E MONTEMOR-O-NOVO (PROX. DA MARCONI)
NATUREZA, EXTENSÃO E CARACTERÍSTICAS GERAIS DA OBRA:
EXTENSÃO: 16 000 m.
PERFIL TRANSVERSAL TIPO: FAIXA DE RODAGEM COM 7,00 m DE LARGURA E DUAS BERMAS COM 2,50 m DE LARGURA CADA.
PAVIMENTAÇÃO DA FAIXA DE RODAGEM E BERMAS E CRIAÇÃO DE TERCEIRAS VIAS NUMA EXTENSÃO DE 5 480 m.
O PREÇO-BASE DO CONCURSO É DE ESC.300 000 000000
- 4 - O prazo de execução da obra é de 500 dias, incluindo domingos e feriados.
- 5 - a) O projecto, o caderno de encargos, o programa de concurso e documentos complementares podem ser examinados ou solicitados no Serviço indicado no n.º 1, na Direcção dos Serviços de Conservação, Rua Maria da Fonte, 55, 1100 LISBOA e na Direcção de Estradas do Distrito de Évora, Rua Augusto Filipe Simões, 7000 ÉVORA, durante as horas normais de expediente.
b) Os pedidos dos elementos referidos no n.º 5 a) podem ser feitos no Serviço indicado no n.º 1 até 15 dias depois da publicação deste anúncio no «Diário da República» ou no «Jornal das Comunidades».
c) O custo da totalidade dos elementos referidos no n.º 5-a) é de Esc.: 5 000\$000, sendo o custo do «programa de concurso» de Esc. 500\$000, a pagar em dinheiro ou por cheque passado a favor da Junta Autónoma de Estradas.
- 6 - a) AS PROPOSTAS TERÃO DE DAR ENTRADA NOS SERVIÇOS ATÉ ÀS 15 HORAS DO DIA 14 DE SETEMBRO DE 1987
b) As propostas devem ser enviadas ou entregues no Serviço indicado no n.º 1.
c) As propostas deverão ser redigidas em língua portuguesa.

- 7 - a) Podem assistir ao acto público do concurso todas as pessoas interessadas e intervir as devidamente credenciadas.
b) A ABERTURA DAS PROPOSTAS TERÁ LUGAR ÀS 15 HORAS DO DIA 15 DE SETEMBRO DE 1987 NO SEGUINTE ENDEREÇO: DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS REGIONAIS DE ESTRADAS DO SUL, RUA DO CICLOSO, N.º 18 - 7000 ÉVORA, PORTUGAL
- 8 - Não é exigido qualquer depósito provisório.
- 9 - O modo de retribuição desta empreitada é por série de preços, o financiamento terá como fonte o orçamento do Estado Português e os encargos serão satisfeitos em conta da dotação de investimentos do Plano, consignada à Junta Autónoma de Estradas
- 10 - Podem concorrer empresas ou grupo de empresas, que declarem a intenção de se constituírem juridicamente numa única entidade, ou em consórcio externo, em regime de responsabilidade solidária, tendo em vista a celebração do contrato.
- 11 - ALVARÁS EXIGIDOS
Da IV Categoria ou da 1.ª Subcategoria da IV Categoria, na classe correspondente ao valor da proposta.
CONDIÇÕES TÉCNICAS E ECONÓMICAS A SATISFAZER PELOS CONCORRENTES:
Os concorrentes deverão apresentar documentos que permitam apreciar a sua aptidão para a boa execução da obra, no que respeita às condições mínimas de carácter económico, financeiro e técnico, nomeadamente:
a) Declaração respeitante ao volume de negócios global e ao volume de obras da empresa nos últimos três anos.
b) Declaração sobre as habilitações ou diplomas profissionais do empreiteiro ou / e dos quadros da empresa e, em especial, do ou dos responsáveis pela orientação das obras;
c) Lista de obras mais importantes realizadas nos últimos cinco anos e respectivos certificados (passados pelos donos das obras) de execução. Estes certificados indicarão o montante, o prazo e o local de execução das obras, referindo a forma de como estas decorreram.
d) Declaração que descreva o equipamento e meios técnicos que utilizará na execução da obra;
e) Declaração relativa aos efectivos médios anuais da empresa e a dimensão dos seus quadros permanentes durante os três últimos anos;
f) Declaração que mencione os técnicos ou órgãos técnicos que estejam ou não integrados na empresa, a que recorrerá para a execução da obra.
- 12 - O período durante o qual, qualquer concorrente, é obrigado a manter a sua proposta é de 90 (noventa) dias a contar da data indicada no n.º 7-b)
- 13 - A ADJUDICAÇÃO SERÁ FEITA À PROPOSTA MAIS VANTAJOSA, ATENDENDO-SE AOS SEGUINTE CRITÉRIOS, POR ORDEM DECRESCENTE DA SUA IMPORTÂNCIA: GARANTIA DE BOA EXECUÇÃO E QUALIDADE TÉCNICA, PRAZO E PREÇO.
- 14 - As propostas terão de ser enviadas ao Serviço indicado no n.º 1 através do Serviço Oficial dos Correios (CTT).
- 15 - O anúncio referente a esta empreitada foi enviado ao Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias em 26 de JUNHO de 1987.

Évora, 25 de Junho de 1987

O DIRECTOR DOS SERVIÇOS,
Alberto de Sequeira Queirós

200 mil contos para farmácias

O Banco Espírito Santo & Comercial de Lisboa abriu uma linha de crédito no valor de 200 mil contos para financiar investimentos em farmácias ou laboratórios de análises clínicas.

O protocolo assinado entre o BESCL e a Associação Nacional das Farmácias, prevê o financiamento por aquela instituição de crédito de 90 por cento do custo dos projectos dos sócios desta associação até um montante de 10 mil contos, num prazo máximo de seis anos e a uma taxa bonificada, abrangendo investimentos para aquisição de instalações, trespases, compra de equipamento, mobiliário, material de consumo e realização de obras nas instalações.

Provedor "puxa as orelhas" a Beleza

O Provedor da Justiça emitiu, ontem, um parecer favorável ao sindicato dos médicos no seu protesto à promulgação de um decreto-lei relacionado com carreiras da classe para o qual a estrutura representativa dos médicos não foi consultada.

«Situações destas não se voltem a repetir», recomenda o parecer fundamentado em análises de juristas como Vital Moreira, Gomes Canotilho, Hernani Lencastre, Marcello Caetano e João Alfoa, em que se contesta a argumentação do Ministério da Saúde que considerava o decreto-lei nº312/84 fora de qualquer negociação ou participação.

De acordo com o sindicato, o decreto em causa, promulgado em Fevereiro, dá supremacia à carreira docente universitária em relação à carreira médica hospitalar para efeitos de concursos e preenchimento de vagas de quadro.

Têxteis orientais contra portugueses

As importações espanholas de têxteis e confecções portuguesas aumentaram desde a adesão dos dois países à CEE, em Janeiro de 1986, mas são os produtos do Extremo Oriente que têm sido preferidos pelo mercado espanhol. Segundo um estudo divulgado pelo conselho inter-têxtil espanhol em 1986, a Espanha importou de Portugal confecções no valor de 1 184 milhões de pesetas, o correspondente a um aumento de 8,32 por cento em relação a 1985, centrando-se nomeadamente na importação de algodão e tecidos que contabiliza 524 milhões.

No entanto, apesar destes aumentos, e segundo o conselho inter-têxtil as exportações portuguesas do sector não constituem uma ameaça para a Espanha, não se fazendo qualquer referência à incidência portuguesa na análise que se fez aos perigos para a indústria espanhola.

O maior risco está sim nas importações procedentes de países do Extremo Oriente como o Paquistão, Índia, Coreia do Sul, Formosa e China, que não recolhem concorrência no mercado espanhol, pela originalidade dos seus produtos e competitividade de preços.

COTAÇÕES CREDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	45\$00	51\$00
ALEMANHA FED. (marco)	77\$30	78\$50
ÁUSTRIA (xelim)	10\$95	11\$95
BÉLGICA (franco)	38\$24	38\$74
BRASIL (cruzado)	2\$100	3\$600
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	107\$40	109\$90
(notas de 5 a 1000)	107\$90	110\$40
DINAMARCA (coroa)	20\$35	20\$75
ESPAÑA (peseta)	1\$090	1\$210
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	142\$35	145\$85
(notas de 5 a 1000)	142\$85	146\$35
FINLÂNDIA (marca)	31\$85	32\$45
FRANÇA (franco)	23\$20	23\$90
HOLANDA (florim)	68\$60	69\$70
IRLÂNDIA (libra)	208\$10	212\$10
ITÁLIA (lira)	\$897	\$112
JAPÃO (lêne)	\$904	\$959
NORUEGA (coroa)	21\$15	21\$65
REINO UNIDO (libra)	231\$30	235\$80
SUÉCIA (coroa)	22\$15	22\$65
SUIÇA (franco)	92\$75	94\$25
VENEZUELA (bolívar)	4\$20	5\$20

OBSERVAÇÕES:

- No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

ACTIVIDADE EMPRESARIAL DIFICULTADA PELOS CORTES NO CRÉDITO BANCÁRIO

● A economia estava a crescer demasiadamente depressa — justifica-se o Governo

O montante de crédito interno concedido em Portugal atingia, em Março deste ano, 5 256,9 milhões de contos o que correspondia a mais um quinto que o verificado no primeiro trimestre de 1986, período em que se registou 4 343,2 milhões de contos. Acréscimo semelhante teve o total de activos líquidos na posse do público, elevando-se a 5 470,1 milhões de contos, quando no final de 1986 se contabilizavam em 4 788,4 milhões de contos.

Os dados, agora fornecidos pelo Departamento Central de Planeamento, parecem ter assustado os responsáveis pela política económica nacional que decidiram «apertar os cordões às bolsas» do crédito, limitando a sua expansão, entre Abril e Maio, em cerca de 100 milhões de contos.

Como se afirma na «Síntese Mensal da Conjuntura», publicação do Banco de Portugal, o «novo ajustamento de crédito sujeito a limites» deveu-se à «necessidade de não acomodar um crescimento excessivo da liquidez e da procura interna, sob pena de comprometer os objectivos de curto e médio prazo para a inflação e contas externas».

Com efeito, uma forte pressão do consumo privado, particularmente nos bens não alimentares (com o consumo de gasolina e a compra de automóveis ligeiros à cabeça, crescimento de 23,6 e 30,9 por cento das vendas, respectivamente, no primeiro trimestre) vincou a tendência para o crescimento acelerado da economia portuguesa, de Janeiro a Abril, tendência aliás que se tem vindo a acentuar nos últimos

meses.

A síntese de conjuntura do Banco de Portugal, a segunda publicada este ano e referente ao mês de Junho, sublinha esta tendência e liga-a às medidas recentes do Governo para conter o crédito, com os objectivos declarados de travar a inflação e o desequilíbrio potencial das contas externas.

No entanto e ainda segundo o Banco de Portugal, não é apenas sobre os bens de consumo que se está a exercer uma forte pressão da procura. Também o crescimento do investimento acelerou, com a tendência a manter-se firme nos últimos meses como se depreende do consumo de cimento, aço e veículos comerciais. Segundo o documento que temos vindo a citar, as vendas de cimento subiram 8,5 por cento em Janeiro e Fevereiro, as de aço aumentaram 29,1 por cento no primeiro trimestre, o «boom» dos veículos comerciais excedeu todas as expectativas (mais 71,9 por cento nos dois primeiros meses do ano) e as importações de máquinas aumentaram 35,8 por cento no primeiro trimestre.

De tudo isto tira o Banco de Portugal a conclusão de que os indicadores mais recentes «confirmam a evolu-

ção geralmente positiva da economia portuguesa nos últimos meses». Fala também o BP de «um apreciável dinamismo do comércio externo, tanto mais de sublinhar por ocorrer num período de relativa morosidade do comércio mundial e de grande instabilidade cambial».

«Este dinamismo — comenta o Banco de Portugal — poderá vir a suscitar problemas se implicar agravamentos progressivos dos défices da balança de transacções correntes», que nos dois primeiros meses do ano registou um saldo praticamente equilibrado de mais seis milhões de dólares.

Daf, justificou-se entretanto o Governo, a urgência em cortar no crédito e apertar os «plafonds» atribuídos à banca comercial.

Empresários em dificuldades para descontar letras

A tentativa de evitar que os preços disparem de novo, como ameaçaram disparar em Fevereiro e agora com o factor eleitoral a pesar em todas as decisões político-monetárias, e também o objectivo expresso de desacelerar o recurso à importação de bens não disponíveis no mercado nacional, o que acentuaria o défice da balança de transacções, tem no entanto os seus reversos negativos.

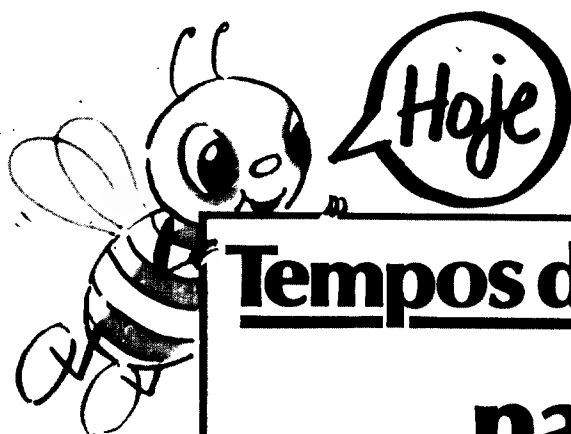
Uma dessas consequências negativas está já a ser sentida a nível da actividade em-

presarial geral, deparando muitos empresários, neste preciso momento, com graves dificuldades de liquidez, resultantes de ter fechado a torneira do crédito, que os bancos concediam, até agora, com certa largueza. Letras em carteira não são descontadas, ou são — no a contá-gotas, e os meses de Verão exigem mais dilatadas disponibilidades de dinheiro por se tratar do período de férias a que corresponde a necessidade de pagar os respectivos subsídios ao pessoal.

Finalmente, anote-se um número relevante contido na síntese de conjuntura do Banco de Portugal, o que se relaciona com a dívida externa. Em fins de Fevereiro a dívida externa portuguesa era de 16,6 mil milhões de dólares, ou seja, ao câmbio actual, 2.400 milhões de contos.

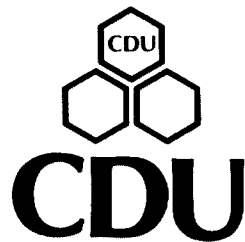
Só mais uma precisão sobre a inflação e a sua reacção ao crescimento acelerado do consumo: ela era, em média anual, de 10,5 por cento em Maio, contra 10,6 em Abril. O objectivo oficial do Governo para 1987 é de 9 por cento mas esse era um objectivo «tremido» sem os cortes do crédito ao consumo e, mais suavemente, ao investimento.

O próprio Banco de Portugal reconhece no seu relatório de conjuntura, de Junho, que «estes números apontam para um abrandamento na desaceleração do ritmo de crescimento dos preços», o que, traduzido do «economês» significa que os preços estão a baixar menos do que desejava o Governo.



Tempos de antena

na RTP 1
a seguir ao telejornal



TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE PORTO DE MÓS ANÚNCIO

A Doutora MARIA RUTH PEREIRA GARCEZ, Meritíssima Juíza de Direito do Tribunal Judicial da Comarca de Porto de Mós, faz saber que nos autos de Carta Precatória n.º 155/87 vindos do 4.º Juízo, 3.ª Secção, do Tribunal Cível da Comarca de Lisboa e extraída dos autos de Execução de Sentença apensa a acção sumária, n.º 1.702-B/85, que a Companhia de Seguros Império, E.P. com sede em Lisboa move contra Manuel Rodrigues, construtor cívico, residente no Bairro da Sobreirinha, n.º 8, Mira de Aire desta comarca, se encontra designado o dia 24 do próximo mês de Julho pelas 10 horas, neste Tribunal para serem postos em praça e serem arrematados pelo maior lance oferecido, os bens abaixo identificados, penhorados ao executado atrás indicado e de que é depositário o próprio executado.

Bens a arrematar

Um frigorífico, dois televisores a preto e branco, um jogo de mapas em napa e uma mobília de quarto de casal em madeira.

Porto de Mós, 87/06/24

A Juíza de Direito

a) Maria Ruth Pereira Garcez

A Escrivã

a) Maria da Graça Carrasco Gonçalves

DL 9-7-87 — 2.ª Páb.

Vitória de Setúbal processa Juanico

O Vitória de Setúbal apresentou na Federação Portuguesa de Futebol uma queixa contra o jogador Juanico — confirmou o secretário-permanente do clube sadino, Tavares da Silva: «Juanico, quando se comprometeu com o Vitória de Setúbal, recebeu 200 mil escudos de sinal. Posteriormente, assinou pelo Belenenses e, não obstante os nossos insistentes pedidos, não devolveu o dinheiro. Entendemos que, como se trata de um assunto do âmbito do futebol não o tratamos pelas vias judiciais mas pelo devido canal, a Federação Portuguesa de Futebol».

Entretanto, o guarda-miguel e o médio Vitinha saíram com destino ao Beira-Mar. Com a vinda de Neno (por uma época) e com a subida do júnior Gomes ao escalão principal, o Vitória de Setúbal fica assim servido de guarda-redes, mantendo-se Meszaros como titular.

A apresentação do novo «plantel» sadino está prevista para o dia 20.

Pedro Pireza: alguém recorda?

Pedro Pireza, um dos maiores malabaristas de todo o futebol português, que integrou a famosa linha de ataque do Sporting (Mourão, Soeiro, Peyroteu, Pireza e Cruz, que muitos julgaram superior aos «cinco violinos»: Jesus Correia, Vasques, o mesmo Peyroteu, Travaços e Albano) está hoje numa clínica de Cascais, depois de ter sofrido amputação das duas pernas. Um dia destes foi lembrado: a Câmara Municipal do Barreiro concedeu-lhe a medalha de ouro da cidade.

Pumpido: dedo amputado

O guarda-redes internacional argentino Nery Pumpido (campeão mundial em 1986) sofreu a amputação parcial do dedo anelar da mão esquerda, durante um treino da sua equipa, o River Plate. A lesão foi contraída quando o experiente guarda-redes tentou deter um remate a um dos ângulos superiores da sua baliza e ficou preso pela aliança num dos ganchos que prendem as redes. Pumpido perdeu momentaneamente os sentidos e parte dos tecidos do dedo ficaram agarrados ao grampo metálico da baliza.

Pumpido (30 anos) foi transportado a uma clínica nos arredores do complexo desportivo do River Plate para lhe serem prestados os primeiros socorros, após o que seguiu para o Sanatório Dupuytren, onde o médico Jorge Maqueria decidiu amputar o dedo lesionado e reimplantá-lo posteriormente. O dr. Jorge Maqueria declinou analisar os efeitos da lesão na carreira do guarda-redes, mas fontes clínicas mostraram-se posteriormente optimistas e consideraram que o «futuro desportivo de Pumpido não corre perigo».

O guarda-redes argentino ganhou em 1986 todos os títulos a que um futebolista argentino pode aspirar: o campeonato nacional, a Taça Libertadores da América e a Taça Intercontinental (pelo River Plate) e o campeonato do mundo de futebol (México-86), pela selecção da Argentina.

Há dois meses, num jogo oficial entre o River Plate e o Estudiantes, Nery Pumpido fracturou o braço esquerdo, o que o afastou da selecção argentina que defronta hoje o Uruguai, em partida das meias-finais do sul-americano de futebol.

FUTEBOL: BENFICA PÔE ORDEM NA CASA

Hoje deve ser o «Dia D» para a definição do novo treinador do Benfica: na Suíça encontram-se o presidente João Santos, Eusébio e os dirigentes Gaspar Ramos, Marcel de Almeida e Mário de Oliveira, sendo possível que a escolha recaia em Cruyff ou Lucescu, depois de goradas as primeiras hipóteses (Carlos Alberto Parreira e Bengtsson). Entretanto, está completamente definido o sector juvenil do clube da água, que fica constituído por artur Monteiro, os treinadores Nenê, professores Rui Caçador, Arnaldo Cunha, Rui Oliveira, Jean-Paul e antigos jogadores (José Henriques, Arnaldo Teixeira e Bastos Lopes), os delegados Paula Messias, Libório e Arriegas Cruz e o gabinete de prospecção (Peres Bandeira, Ângelo, Coluna e Vítor Martins). O grupo trabalhará com técnicos do futebol sénior (Jesualdo Ferreira e Toni) para além de ter «olheiros» por todo o País. Para já, o Benfica contratou juniores: Paulo Madeira (Ex-Lusitano de Vila Real de Santo António), defesa central «internacional»; Melo (Ex-Vialonga), ponta de lança que jogava na primeira categoria do seu antigo clube; e Garcia (ex-Oliveirense), médio-ala «internacional» juvenil. Acentue-se ainda a subida dos «internacionais» juvenis Sousa, Resende, Sérgio e Rebelo. Apenas saíram dois juniores: Luís Mariano e o brasileiro Marlos.

Belenenses perde em França

O Belenenses perdeu (0-1) frente ao Toulouse, gol marcado pelo «internacional» francês Stopyra, dois minutos antes do intervalo. Sob arbitragem de Rey André, as equipas alinharam.

TOULOUSE: Bergeroo; Tarantini; Casini, Ruty e Tihy; Paillard; Gerald Passi, Marcico e Espanhol (Delpech, 60); Rocheteau e Stopyra (Bellus, aos 75).

BELENENSES: Jorge Martins; José António; Galo, Sobrinho, Artur (Carlos Ribeiro, aos 38, depois Gonçalves, aos 75);

Teixeira; Paulo Monteiro, Murça, Jorge Silva (Hilário, aos 65); Luís Reina e Jaime.

O Belenenses joga no sábado com o Auxerre e no domingo (em Paris) com o Metz.

Jovens actuam no Porto

Oito jovens selecções regionais (constituídas por jogadores até aos 13 anos) vão encontrar-se de amanhã até domingo, nos estádios da Maia, Vidal Pinheiro e Antas, para discutirem o primeiro lugar do Torneio Inter-Seleções organizado pela Federação Portuguesa de Futebol.

Jogos de amanhã, 9 horas: Braga - Bragança, campo de treinos do Estádio das Antas; 10.15: Leiria - Açores, campo de treinos do Estádio das Antas; 9.00: Funchal - Évora, Estádio da Maia; 10.15: Lisboa - Porto, Estádio da Maia. Sábado, no Estádio da Maia, 10 horas: vencidos dos jogos do Estádio das Antas, na sexta-feira; e 11.15: vencedores dos mesmos jogos. Estádio das Antas (17.30): vencidos dos jogos do Estádio da Maia, na sexta-feira; 18.45: vencedores dos jogos do mesmo estádio. Domingo: Jogos de manhã no Estádio da Maia, Vidal Pinheiro e campo de treinos do Estádio das Antas, para estabelecimento da classificação, estando a final marcada para as 10 e 15, no Estádio das Antas.

Iniciados: final em Viseu

A final da Taça Nacional de Iniciados (Porto - Sporting) realiza-se no domingo, pelas 11 horas, no Estádio do Fontelo (Viseu).

Elas no futebol

Segunda fase da Taça Nacional de Futebol Feminino: Boavista - União de Coima, domingo (17 horas) no Campo da Pasteleira (Porto).

Captção em Corroios

Encontram-se abertas as inscrições para jovens futebolistas (dos 12 aos 17 anos) que desejem representar o Ginásio Clube de Corroios. O horário dos trei-

nos é das 18,30 às 21 horas às 3.ªs e 5.ªs feiras para iniciados. Nos restantes dias da semana serão observados os juvenis e juniores.

Filipovic treinador

O jugoslavo Zoran Filipovic, que foi jogador do Benfica e do Boavista, é um dos 105 novos treinadores aprovados no segundo curso distrital de treinadores de futebol organizado pela Associação do Porto.

Mudanças

Walsh deixa o Salgueiros: passa a alinhar pelo Espinho. Basaula (Guimarães) está em negociações com o Aves.

Mais brasileiros

Parece uma epidemia: a cada instante, mais brasileiros desembarcam por estas bandas para entrarem no nosso fu-

tibol. Notícias das últimas horas: Mário Juliatto vem treinar o Rio Ave e os jogadores Ado (Bangu), Alemão (Pernambuco) e Marcão (Fluminense). Para fazerem testes também viajaram até Espinho outros dois rapazes: Zezé e Timbó.

Futebol de salão: Lisboa reúne

Foi convocada a Assembleia Geral Extraordinária da Associação de Futebol de Salão de Lisboa, para o dia 20 às 19.30, na sede do Casa Atlético Clube, com a seguinte ordem de trabalhos: 1. Tinta para assuntos vários; 2. Apresentação, discussão e votação do Relatório e Contas de 1986; 3. Eleição dos novos corpos gerentes. Se à hora marcada, não estiverem presentes a maioria dos clubes filiados, a assembleia reunirá uma hora mais tarde, com qualquer número de filiados.

Penalties podem decidir final da Taça de Itália

A «Taça de Itália» em futebol vai passar a ser decidida por grandes por grandes penalidades, sempre que se registre um empate ao cabo dos 90 minutos regulamentares, anunciou a Federação Italiana. A experiência é temporária e será apenas aplicada nos jogos de qualificação do torneio, que se inicia em Agosto. A inovação visa diminuir o número de empates, aumentar a qualidade do futebol praticado e encorajar as táticas ofensivas. A equipa que triunfar no tempo regulamentar somará três pontos, enquanto que o vencedor através de grandes penalidades apenas registrará dois pontos.

Inglaterra: team de presos corrido de campeonatos

A equipa de futebol «Nomads», formada integralmente por presos, deixará de disputar o campeonato regional de Evesham (no centro da Inglaterra) por causar demasiadas «baixas» aos adversários. A decisão da Associação de Futebol de Evesham foi tomada depois de todos os outros clubes se terem recusado a defrontar os «terríveis» «Nomads», apresentando longas listas de jogadores lesionados. A Associação de Evesham resolveu o assunto diplomaticamente e exigiu a aplicação da regra que obriga os clubes a jogar uma partida e casa e outa no terreno do adversário, exigência impossível de cumprir pelos «Nomads», todos eles, «inquilinos» da cadeia de máxima segurança de Lon Larkin. Até agora, as «vítimas» dos «Nomads» «visitavam» frequentemente Longa Larkin para se submeterem ao «sacrifício» de jogar com os «Nomads».

assim vai o



PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO
PARA O CONCURSO N.º 28/87 DE 12 DE JULHO DE 1987

Penalti: 111 112 112 1X11; Jornal de Amarante: 121 112 111 1111; Jornal da Beira: 111 111 111 1111; Comércio de Leixões: 112 112 1X1 1111; De Tudo Um Pouco: 1X1 11X 111 1111; Correio de Coimbra: 1XX 111 11X 111X; Correio do Vouga: 111 111 111 1X11; A Defesa: 1X1 1X1 1X1 1X12; Defesa de Espinho: X21 111 1X1 11X2; O Diário: 1X1 112 221 1X11; Diário de Lisboa: 1X1 XXX 111 111X; Folha do Domingo: 211 1XX 111 1111; Ecos de Cacia: 1X1 11X 11X 1111; Eu Sei Tudo: 111 1X12 112 211X; Jornal de Felgueiras: 1X1 2X2 11X 1X21; Jornal do Fundão: 111 11X 1X1 1X1X; Gazeta das Caldas: 1X1 11X 111 1111; Rádio Totobola: 11X 21X 221 1X1X; Linhas de Elvas: 121 11X 111 2X11; Maria da Fonte: 121 1X12 111 1111; O Mensageiro: 111 1X1 112 1111; No Estádio e no Estádio: 121 11X 1X1 1111; Notícias de Felguei-

ras: 1XX 2X2 1X2 1X21; Notícias de Guimarães: 121 111 12X 1X11; Notícias de Viana: 1X1 212 111 1111; Reconquista: 111 1X12 111 1111; Informação Desportiva/Rádio Altitude: 12X 1X1 111 2111; Clube da Manhã/RDP Comercial: 111 1X12 1X1 1X1X; Manhã, Manhã/RDP Comercial: 1X1 211 1X2 1X1X;

Secção Desportiva/RDP Comercial: 1X1X 1X2 1X1 21X1; Tempo de Desporto/RDP Comercial: 1X2 1X1 1X1 2111; A Voz do Domingo: 111 2X1 111 1111; Voz de Lamego: 111 111 111 1111; Fim-de-Semana Desportivo/RDP Guarda: 1X1 1X12 1X1 1X2; O Algarve: 1X1 121 111 2X11; RR/Rádio do Desporto: 111 1X1 1X1 111X; RR/Bola Branca: 1X1X 1X2 1X1 1111; RR/Desporto: 111 12X 1XX 1X11; Rádio Sports: 1X2 111 111 1111; Voz do Ave: 1X1 111 1X1 1XXX; Desporto Regio-

nal/Rádio Altitude: 12X 1X1 1X2 1111; Pôr do Sol/Rádio Guarda: 2X1 111 1X1 1X11; Rádio Guarda: 1XX 111 2X1 1121; Pista de Dança/Rádio Altitude: 111 111 111 1111; Sons da Madrugada/Rádio Altitude: 1X2 111 1X1 1X1X; Livre e Directo/RDP Antena Um: 121 112 1X12 1211; Tarde Desportiva/RDP Antena Um: 11X 1X2 111 1X11; Desporto Regional/RR: 1X1 11X 121 1X11; Jornal de Gaia: 121 1X12 1X1 1X12; Jornal da Graça: 121 122 1X2 1X1X; Jornal de Notícias: 1X1 XXX 1X1 1X11; Primeiro de Janeiro: 21X 221 121 1212; Repórter do Dia: 1X1 1X1 111 1212; Alvo Desportivo: 111 111 1X1 1X11; Rádio Alvo: 1X1 1X2 2X1 1X12; Alvo: 12X 111 111 1X21; Alvo Suplemento: 112 1XX 1X2 1X11; A Voz dos Rídiculos: 111 111 111 1111; Rádio Placard: 211 1X1 121 1X11; Estúdio 64: 111 111 111 1111.

	R E S U M O			B O L A S (°)		
	1	X	2	1	X	2
1. Vassas-Laasana	48	8	4	10	1	1
2. Aarhus-Carl Zeiss	25	19	16	5	4	3
3. Magdeburg-Hammarby	46	11	3	9	2	1
4. Chaux-de-Fonds-Pogon	39	14	7	8	3	1
5. Halmstads-Wismut	39	14	7	8	3	1
6. Varna-Ujpest	26	17	17	6	3	3
7. Bellinzona-Naestved	42	14	4	8	3	1
8. Bohemians-Malmö	33	13	14	7	2	3
9. Grasshopper-Videoton	43	10	7	9	2	1
10. AIK-Nitra	45	9	6	9	2	1
11. Lech Poznam-Lingby	40	15	5	8	3	1
12. Norrköping-Etär	46	9	5	9	2	1
13. Erfurt-Ruda Cheb	45	10	5	9	2	1

(*) — Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CRUVE" LÓGICA BRILHA:
111 111 111 1111

Benfica "caça" na Jugoslávia

Em três modalidades ditas «amadoras», o Sport Lisboa e Benfica procura reforços na Jugoslávia. Os desejados: dois andebolistas, um basquetebolista e um jogador de voleibol.

Voleibol: jogo por baixo da rede

Maus ventos na Associação de Voleibol de Lisboa, em torno de uns dinheiros entregues a determinado dirigente para pagamento de prémios de arbitragem que os juizes não receberam. Conclusão: em assembleia geral extraordinária, foi aplicada a pena de irradiação de toda a actividade voleibolística ao dirigente, árbitro e atleta José Augusto Pratas Farinha Nunes.

Antas: baixa na natação

Pirsson, o técnico belga que comandava a natação portista, pediu a demissão do cargo e deixa as Antas.

Desporto-RTP: Afonso Rato abdica

Afonso Rato: o responsável pela programação desportiva da RTP apresentou o pedido de demissão. Na base, talvez estejam dois motivos: a fraca qualidade de algumas rubricas e o clima de notória clivagem que existe entre diferentes elementos do sector, tanto dos quadros televisivos como a nível de colaboradores. Pode mesmo dizer-se que Afonso Rato (mau grado a vontade de que ia animado) não conseguiu colocar a casa em ordem, parecendo propósito da cúpula-TV escolher para a sucessão um jornalista da Imprensa desportiva, alheio aos «choques» que se vivem na 5 de Outubro ou no Lumiar.

Tottenham e Leeds trancados na própria Inglaterra

A Federação Inglesa de Futebol proibiu as digressões programadas pelo Tottenham Hotspur e o Leeds United ao continente europeu devido ao comportamento violento dos adeptos dos dois clubes, na última temporada. O Tottenham Hotspur (da 1.ª divisão) deveria participar no final do mês num torneio na Holanda, e o Leeds United (do escalão secundário) tinha planeado deslocar-se à Alemanha Federal.

Os dirigentes federativos basearam a decisão nos incidentes protagonizados por adeptos do Tottenham em dois jogos realizados anteriormente com o Feyenoord (de Roterdão) e nos sucessivos tumultos provocados pelos apoiantes do Leeds (Inglaterra).

As digressões do Tottenham e do Leeds United foram as únicas recusadas pela Federação Inglesa, que aprovou este Verão cerca de uma centena de jogos particulares de equipas inglesas com clubes do continente europeu.

Os clubes ingleses foram afastados há duas épocas das competições europeias de clubes, na sequência da tragédia registada momentos antes da final da Taça dos Campeões Europeus, entre o Liverpool e a Juventude, ocorrida em Maio de 1985 (no Heysel Park de Bruxelas) e que provocou 39 mortos, a maioria dos quais adeptos italianos.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

O Dr. Adriano Augusto Morais, Juiz de Direito do 6.º juízo do Tribunal de Lisboa.

Faz saber que pela 1.ª Secção do 6.º juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, sito na Av.ª Casal Ribeiro, n.º 48-3.º andar, em Lisboa, se encontram registados uns autos com acção emergente de contrato individual de trabalho, com processo sumário com o n.º 20/84, em que é A. — M.ª Otelinda Alves, residente na R. Antero de Quental, 5 — Oeiras e R. Alexandre Cerqueira Dantas, Ana M.ª Ferreira Prata e Fátima Almeida Araújo, residentes em parte incerta, e nos referidos autos correm editos de TRINTA DIAS, citando o referido R., para no prazo de 30 DIAS, fíndos que sejam os dos editos, contestar a acção que lhe move o autor sob pena de o não fazendo, serem condenados ao pedido e ao mesmo tempo, contestar, querendo o benefício da assistência judiciária formulado pela A. na sua p. i.

O duplicado da petição inicial encontra-se à disposição do R., arquivado em lugar próprio nesta secção.

Para constar se passou o presente anúncio que vai ser publicado nos jornais mais lidos desta comarca.

Lisboa, 12 de Junho de 1987

O Juiz de Direito,
Dr. Adriano Augusto Morais

O Escrivão Adjunto,
M.ª Izilda Bento Moutinho

«D.L.» 9/7/87 — 1.º Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL

DA COMARCA DO BARREIRO

ANÚNCIO

No dia 16 de Julho, pelas 10H00, no Tribunal desta Comarca, nos autos de carta precatória, n.º 2/87 extraídos da Execução Sumária que corre termos no 6.º Juízo Cível de Lisboa e em que são: Exequente — União Fabril Cosméticos, S.A.R.L. e Executada — Liarfel — Laboratórios Industriais de Cosméticos, Lda., com sede em Sete Portais, Telha, Barreiro, há-de ser posto em praça, pela 2.ª vez, para ser arrematado por metade do valor indicado no processo, o seguinte bem: uma máquina de fechar ampolas, marca «Zilora», em bom estado de conservação.

Barreiro, 23 de Junho de 1987.

O Juiz de Direito,
(Assinatura ilegível)

O Escrivão Adjunto,
(Assinatura ilegível)

«D.L.» 9/7/1987



Apresentação da «Volta à Madeira».

Madeira impulsiona o ciclismo

A Associação de Desportos da Madeira (representada pelo seu vice-presidente para o ciclismo: João Augusto Andrade de Jesus) promoveu, no Restaurante «O Madeirense» (no Centro Comercial das Amoreiras) uma conferência de Imprensa para revelar pormenores sobre a 15.ª edição da Volta à Madeira em Bicicleta, que terá lugar entre 5 e 12 de Setembro e já ganhou o pleno direito a estar inscrita no calendário nacional da modalidade, num acto de justiça da Federação Portuguesa de Ciclismo. Na oportunidade, foi igualmente dado a conhecer como está organizada a 4.ª Volta à Ilha de Porto Santo, igualmente inserida no calendário anual do desporto do pedal.

A Volta à Madeira tem vários apoios, nomeadamente do Governo Regional, DGD, PSP local, Associação de Desportos da Madeira e autarquias do Funchal, Ribeira Brava, Calheta, São Vicente e Santa Cruz. Muitos órgãos de Comunicação Social e várias empresas de prestígio estão ajudando o projecto e o júri da «Volta» (presidido por Elmano Gomes) inclui João Augusto Andrade de Jesus, João Carlos, Alfred Heinz Wittwer, José Mário Vieira Gonçalves, Emanuel Sousa, João Manuel Mendes Gomes, Renato Freitas, Pedro Carvalho, David Francisco, eng. António Câmara e Delberto Sousa Galvão.

As inscrições para a prova encerram a 1 de Setembro e, quatro dias mais tarde, efectua-se o «prólogo» da «Volta», na funchalense Praça do Município (um contra-relógio por equipas, com seis quilómetros de extensão). Depois, com uma tirada diária, seguem-se: Funchal - Hotel Bungavilla (67km), Santa Cruz - Ponta Delgada (72), Ribeira Brava - E.ª de Meada (39), São Vicente - Ribeira Brava (87), Ponta do Pargo - Achada de Santo Antão (49), Ribeira Brava - Hotel Bungavilla (55) e, finalmente, Machico - Funchal (contra-relógio individual, em 26 quilómetros). Total da competição: 401 quilómetros.

A classificação geral individual oferece prémios desde 30 contos e taça (1.º classificado) até 1500 escudos aos ciclistas cotados entre o 11.º e 15.º lugares. Por equipas, o melhor será para turma triunfante (20 contos e taça) terminando os dinheiros na 6.ª formação (três contos). Melhores de outras tabelas: 12 500 escudos e taça (montanha), mesma coisa para a classificação por pontos. Existem ainda prémios por posse de camisolas de comandantes, para as metas volantes, para as subidas de montanha triunfantes em etapas (individualmente e por equipas).

Record-se que a 1.ª Volta à Madeira (realizada em Agosto de 1972) teve como vencedor Danilo Cabral e a sua equipa (Clube Futebol União). Outros vencedores: Cecílio Machado, Raposo Coelho, Tony Reis, João Fernando, José Henriques, Venceslau Fernandes, Varico Chagas, Luís Domingos, António Marques e Fernando Baptista.

Entretanto, a 4.ª volta à Ilha de Porto Santo será a 26 e 27 do corrente, também com apoio do Governo Regional, DGD, Câmara Municipal de Porto Santo, Direcção do Aeroporto do Porto Santo e Direcção Regional dos Portos, reunindo o patrocínio de diversas firmas e marcas. Nomes do júri: João Augusto, Elmano Gomes, Rui Jorge, Mário Silva, Fernando Caroto, Emanuel Sousa, Alfred Wittwer, João Carlos, Renato Freitas, José Mário Vieira Gonçalves, eng. Rui Pimenta da França, João Manuel Mendes Gomes, Dalberto Sousa Galvão, Albertina Henriques, Pedro Carvalho, David Francisco e eng. Antunes. Tal como aconteceu com a Volta à Madeira, Manuel Fernandes e o seu Restaurante «O Madeirense» estão na lista dos melhores colaboradores.

As inscrições para a Volta à Ilha de Porto Santo fecham a 21 do corrente. As quatro etapas têm lugar no dia 25 (Vila - Pico do Castelo, 41km; Vila - Vila, 40) e dia 26 (Vila - Vila, 40; Calheta - Vila, desta feita em contra-relógio individual em nove km. Os melhores prémios: 15 mil escudos e taça (tabela individual), 10 contos e taça (equipas), 3500 escudos e taça (montanha), 3500 escudos e taça (tabela pontual) e melhor individual do Porto Santo (cinco contos e troféu). Treze taças e 93 500\$00 em dinheiro: eis o que se promete aos concorrentes, que vão prolongar os nomes de António Marques e José Estêvão, já vencedores da prova.

Minho na estrada

José Xavier (Sporting) é o primeiro camisola amarela do 9.º «Grande Prémio do Minho» em ciclismo, após a vitória em ordem, num circuito de 7 quilómetros em contra-relógio por equipas, disputado em Fafe. Na classificação colectiva o êxito foi também para o Sporting (com 9 minutos, 45 segundos e 18 centésimos). Os melhores da classificação individual: 1.º José Xavier, 9 minutos e 45,18 segundos; 2.º Américo Silva e 3.º Vítor Rodrigues, m.t. Todos do Sporting/Vitalis. Por equipas: 1.º Sporting/Vitalis (9.45,18); 2.º Boavista (9.50,38); 3.º Garcia Joalheiro (10.02,81); 4.º Selecção da Associação de Ciclismo de Braga (10.16,68); 5.º Salgueiros/Malhas Comax (10.16,88); 6.º Távira/Esmaltina (10.22,33); 7.º Lisboa e 8.º Marinha/Terminator (10.32,02). Apenas participaram no contra-relógio sete das 11 equipas inscritas. Faltaram Sangalhos/Recor, Louletano/Vale do Lobo, Sicasal/Torreense, Ajaciu/Morphy/Richards e Feirense, o que reduziu substancialmente o interesse da prova. Hoje, disputam-se as etapas Guimarães-Monção (137 km) e Monção-Santa Marta de Portuzelo (89).

Acácio no «Tour»

Acácio da Silva obteve o 119.º lugar na etapa da Volta à França entre Troyes e Epinay-Sous-Senart (205,5 km), mas conserva o 5.º lugar da classificação geral, a 1 minuto e 35 segundos do «camisola amarela», o suíço Erich Maechler. A chegada da etapa ocorreu em pelotão e o vencedor (o holandês Jean-Paul Ven Poppel) ganhou ao «sprint» com o tempo de 5h23.53, o mesmo atribuído até ao 190.º.

A etapa ficou assinalada pela fuga do colombiano Júlio-César Cadena, que fugiu ao pelotão ao 27.º quilómetro e só foi apanhado a 10 quilómetros do fim, por avaria na sua máquina. O seu avanço chegou a ser de 11 minutos (o que daria para vestir a «amarela») quando faltavam 50 quilómetros para o final.

A 9.ª etapa, a disputar hoje, será corrida na distância de 260 quilómetros, entre Orleans e Renaze, com duas contagens de montanha (4.ª categoria).

Elas em acção

A francesa Jeannie Longo (em 3 minutos e 42 segundos) venceu o «prólogo» da «Volta à França» para mulheres, um circuito de 2,9 km efectuado em Sable-Sur-Sarthe. Na 2.ª posição classificou-se a italiana Maria Canins, (com mais 5 segundos) e na 3.ª ficou Jutta Niehaus (Alemanha Federal), a 11 segundos de Jeannie Longo.

Microscópio

Minibasketbol em Vila Franca de Xira

Realizou-se em Alverca a final do I Torneio Concelhio de Minibasketbol, da qual saiu vencedora a equipa B do Clube de Jovens da Escola Secundária Alves Redol de Vila Franca de Xira.

A Equipa A do Clube de Jovens da Escola Secundária Alves Redol ficou em 2.º lugar, a C, da Escola Preparatória de Alverca, em 3.º e em 4.º a da Escola Preparatória de Alverca.

O melhor marcador do torneio foi João Baio, da equipa vencedora, com um total de 148 pontos em 4 jogos, enquanto Renato Leite, da equipa classificada em 2.º lugar, foi o melhor defensor.

Férias desportivas para jovens

A Câmara Municipal de Vila Franca de Xira organiza um programa de férias com animação desportiva para jovens de todas as freguesias do concelho que decorrerá a partir do dia 14 até 25 de Setembro.

As inscrições para o programa poderão ser feitas nas diversas juntas de freguesia.

Ao organizar este programa, a Câmara Municipal, que contou com o apoio das colectividades locais, pretende ocupar as crianças dos 7 aos 13 anos com várias modalidades desportivas.

Associação de Voleibol de Lisboa

amanhã em assembleia

Realiza-se amanhã pelas 21 horas uma sessão da assembleia geral da Associação de Voleibol de Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

Tomar conhecimento sobre a situação de sucessão directiva; discutir e votar as propostas a seguir indicadas, apresentadas pelo Núcleo de Voleibol do Liceu Nacional de S. João do Estoril: proposta sobre pagamento da arbitragem regional e proposta sobre arbitragem regional.

Bibliografia desportiva

«Surf»

Magazine de «surf», «wind-surf» e outros desportos náuticos, «Surf» surge sob o propósito de ser «a revista de quem ama o mar e o seu mundo». De publicação trimestral, «partiu da paixão que os promotores da iniciativa têm pelo mar, que deve ser protegido e respeitado, no sentido de contribuir para o equilíbrio ecológico do planeta». A revista é dirigida por Graça Afonso e tem como colaboradores João Vilela, Luís Cartaxo, Miguel Katzenstein, Alex, Rui Aguiar, Rogério Fonseca, João Paulo Sousa Carneiro, Luís Falcão Simões de Carvalho, José Paulo Brito, Alvarinho, José Pedro Monteiro, Ronaldo Gabriel, Pedro Martins, Francisco Ferreira Lima, Miguel Nogueira, Fernando Fernandes, Zé Nunes, Ana Paula Silveira, António Silva, Carlos Vilela, Rui Gomes Silva, João Paulo Videira Pádua, José Alves Barbosa, Firmino, Pêpê e Cerqueira. Ao novo órgão de divulgação desportiva desejamos longa vida.



Ténis de mesa: evidência para Pedro Miguel

Ao vencer o «Torneio Internacional da Cidade do Porto», Pedro Miguel, o jovem tenista do Sporting, arrebatou pela 3.ª vez consecutiva o lugar cimeiro do «Ranking Nacional» dos praticantes da modalidade. Esta foi a 5.ª vitória da época em torneios

abertos a contar para o «Ranking Nacional», de Pedro Miguel a que se juntam ostítilos de campeão individual de Lisboa, campeão nacional individual, campeão nacional por equipas (pelo Sporting) e vencedor (pela equipa do Sporting) da «Taça de

Portugal».

Na foto: Pedro Miguel recebe as felicitações de Carlos Neves, nome grande da modalidade que, no Porto, realizou o último torneio da sua brilhante carreira ao serviço de vários clubes.

Ténis: vitória de Cunha e Silva

João Cunha e Silva qualificou-se para a 2.ª eliminatória do 3.º Torneio do Circuito de Ténis da Alemanha Federal, a decorrer em Bad Kissingen. Cunha e Silva (número 401 na tabela da Associação dos Tenistas Profissionais) derrotou o alemão-federal Patrick Schmidt (6-1 e 6-4). Na 2.ª eliminatória, o tenista português defronta Steve Guy (Nova Zelândia) número 282 no «ranking» mundial.

Portugal na Borotra

Portugal vai participar, a partir de amanhã e até domingo, na Taça Jean Borotra (Campeonato da Europa de menores de 16 anos), que se disputa em Oeiras. Além de Portugal participam a Argélia, Espanha, França e Holanda, ficando apurados para a fase seguinte em França o 1.º classificado. Bernardo Mota (CIF), Nuno Veiga (Oeiras), Jorge Rocha e Ricardo Cayolla (ambos dos Boavista) integram a selecção portuguesa.

A turma portuguesa é capitaneada pelo professor António Cabral e a competição tem o apoio da «Vitalis» que, recentemente, promoveu um Circuito Satélite Internacional, com partidas no Porto, Lisboa e Algarve. Calendário dos jogos no Clube-Escola de Ténis de Oeiras: amanhã, Argélia/Espanha; dia 11: França/Portugal e Holanda/vencedor do Argélia/Espanha; dia 12: finais.

Sport-Society

Nabisco/Sport Goofy

A Walt Disney Portuguesa promove uma Conferência de Imprensa, no próximo dia 16 (pelas 18 horas) no Clube dos Empresários (Lisboa) para a apresentação do campeonato europeu de ténis infantil «Nabisco/Sport Goofy». Além de outras individualidades conta-se com a presença de Charge-lège, vice-presidente da AET.

Na sua agenda

Beja: jogos desportivos

A Comissão Organizadora dos 2.ºs Jogos Distritais de Beja promove reunião com a Comunicação Social, para encerramento das iniciativas que estiveram no cartaz do grande convívio que se iniciou a 27 de Junho e termina a 12 do corrente. Provas marcadas para domingo, a partir das 9 horas: atletismo (5000 metros), jogo da malha (na Mata Municipal de Beja) a que se segue encontro no Parque das Merendas. Às 14 horas: espectáculo musical (bandolinistas de Santo Aleixo, Moura; Rancho Folclórico de Odivelas, Ferreira de S. Bento; Grupo de Música Popular Portuguesa de Mértola; Trigo Roxo, de Serpa; «UHF» e «D'Age»). Pelas 19 e 30: solta de pombos e encerramentos destes Jogos Distritais. A organização pertence às Câmaras Municipais da Associação de Municípios do Distrito de Beja.

«Horizonte» formação de técnicos

«Horizonte», revista de Educação Física e Desporto, está (pelo 3.º ano consecutivo) a realizar o seu estágio de Verão, acção de formação dirigida a professores e técnicos de Educação Física. Os trabalhos decorrem nas instalações do Instituto Superior de Educação Física de Lisboa e têm como tema genérico «O planeamento e a inovação pedagógica em educação física». Participam cerca de centena e meia de técnicos oriundos de todo o País.

A reunião principiou esta manhã e, pelas 11 horas, houve debate sobre «Planeamento em Educação Física Escolar» (por Francisco Carreiro da Costa, Carlos Januário,

João Jacinto, José Alves Dinis, Luís Bom, Marcos Onofre; «Corfebol na Escola», Mário Godinho e Introdução do T'ai-Chi, Lousteau Mateus. Amanhã: «Reflexões sobre a preparação do ano lectivo na disciplina de Educação Física», Carlos Gonçalves; «O Balneário: local de intervenção pedagógica», J. M. Noronha Feio; «A Força: qualidade física esquecida», A. J. Vasconcelos Raposo; «Ginástica-jazz», Dina Contreiras e «In-

trodução ao T'ai-Chi» Lousteau Mateus. Sábado: «A inovação pedagógica em Educação Física», Carlos Neto; «O orçamento da escola e o grupo de Educação Física», Rogério Mota; «Jogos olímpicos escolares: experiência de interdisciplinaridade», Ema Araújo e Francisco Lemos; «Futebol na Escola», Rui Pacheco e José Maria de Carvalho e «Introdução ao T'ai-Chi», Lousteau Mateus.

Lazlo Pusztai: morte na estrada

O antigo internacional húngaro Lazlo Pusztai e cinco outras pessoas, entre as quais a mulher do ex-futebolista morreram segunda-feira num acidente de viação.

EMPORTEGAL

	T. 6 h	Mín.	Pré.	Às 13 h.
Bragança	18	18	0,0	Nebulosa
V. Castelo	20	20	0,0	Nebulosa
Vila Real	21	21	0,0	Limpo
Porto	17	17	0,0	Nevoados
Coimbra	18	18	0,0	Nebulosa
C. Carveiro	17	17	0,0	Limpo
C. Branco	-	-	-	-
Portalegre	24	23	0,0	Nebulosa
Lisboa	21	21	0,0	Nebulosa
Évora	23	23	0,0	Bruina
Beja	23	23	0,0	P. nub.
Faro	22	20	0,0	Nebulosa
Sagres	22	18	0,0	Limpo
P. Delgada	20	20	0,0	M. nub.
Funchal	20	19	0,0	P. nub.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 33, Porto 28, Faro 28, Ponta Delgada 23, Funchal 25.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

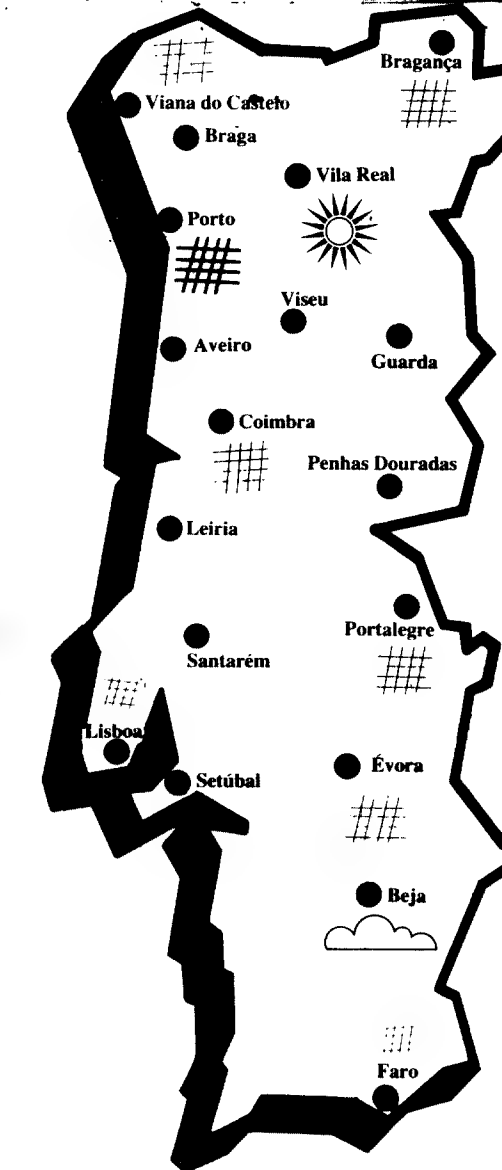
	T. 7 h	Mín.	Às 13 h.
Madrid	22	19	Bruina
Londres	14	13	Pouco nub.
Paris	14	12	P. nub.
Bruxelas	13	11	M. nub.
Amesterdão	16	13	Aguaceiros
Genebra	18	17	Nebulosa
Roma	23	21	Nebulosa
Oslo	14	12	Aguac. fortes
Copenhaga	17	14	M. nub.
Estocolmo	20	17	Pouco nub.
Berlim	21	20	P. nub.
Viena	18	14	M. nub.
Varsóvia	20	14	Chuva
Atenas	21	20	Limpo
Moscovo	20	12	Limpo

NOMUNDO

	Mín.	Máx.	Às 13 h.
Caracas	18	25	Nublado
Joanesburgo	2	17	Limpo
Los Angeles	16	26	Nublado
Montreal	19	26	Nublado
Nova Deli	28	38	Limpo
Nova Iorque	18	22	Nublado
R. de Janeiro	16	31	Limpo
S. Francisco	13	24	Limpo
São Paulo	13	25	Nublado
Tóquio	-	-	-

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

PORTUGAL AMANHÃ



EUROPA ÀS 6 HORAS



TEMPO

HOJE

No Continente:

Céu pouco nublado ou limpo. Vento geralmente fraco soprando moderado de Noroeste durante a tarde no litoral Oeste a Sul do Cabo Carvoeiro. Nebulosa ou nevoeiro durante a madrugada e manhã na faixa costeira ocidental a Norte do Cabo da Roca. Condições favoráveis à ocorrência de trovoadas nas regiões do interior e durante a tarde. Pequena descida de temperatura.

Estado do mar:

Costa Ocidental: Mar encrespado ou de pequena vaga. Ondulação de noroeste de 1 a 2 metros.

Costa Sul: Mar encrespado ou de pequena vaga. Ondulação de Sueste de 2 metros.

AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco soprando moderado de Noroeste durante a tarde no litoral Oeste a Sul do Cabo Carvoeiro. Nebulosa ou nevoeiro durante a madrugada e manhã na faixa costeira ocidental em especial a Norte do Cabo da Roca. Possibilidade de trovoadas nas regiões do interior e durante a tarde.

DEPOIS

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco soprando moderado de Noroeste durante a tarde no litoral Oeste a Sul do Cabo Carvoeiro. Nebulosa ou nevoeiro durante a madrugada e manhã na faixa costeira ocidental a Norte do Cabo da Roca. Possibilidade de trovoadas nas regiões do interior e durante a tarde.

Nos Açores:

Grupo Ocidental: Céu geralmente muito nublado. Vento bonançoso ou moderado de sudoeste. Nos Grupos Central e Oriental: Vento fraco.

Estado do mar: Mar encrespado. Ondulação de noroeste de 2 metros.

Na Madeira:

Períodos de céu muito nublado. Vento bonançoso ou moderado de noroeste. Estado do mar: Mar encrespado ou de pequena vaga. Ondulação de norte de 2 metros na costa norte e inferior a 1 metro na costa sul.

MARÉS

Hoje

Praia-Mar	Baixa-Mar
2.09 3,5 m	7.54 1,1 m
14.35 3,8 m	20.27 1,0 m

Amanhã

3.07 3,7 m	8.45 1,0 m
15.29 4,0 m	21.18 0,8 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

• Informação da agência Lusa

Mas onde estão as praias d'antanho?

Carlos Porto

JOGOS DE PRAIA, de E.A. Whitehead. Tradução: Manuel João Gomes. Encenação: Diogo Dória/João Canijo. Cenografia: Marta/Elsa. Interpretação: Diogo Dória, Susana Borges, Vítor Norte e Rita Blanco. Companhia das Luzes. Estreia: Galeria Monumental/27-6-1987.

Devo esclarecer que nisto de praia pertence ao grupo dos abstencionistas, o que me dificulta a abordagem de um espectáculo que bem realisticamente (ou naturalisticamente?) nos coloca perante uma cena bem praieira. Mas o meu espanto em relação a esta praia teatral consiste principalmente no facto de pelos vistos a evolução da sociedade ter atingido tal extensão que pela minha parte nem sequer sou capaz de reconhecer uma coisa tão elementar como é uma praia — o amor, a areia, e sobretudo as brincadeiras. É que nesse tempo em que ia à praia, onde isso vai, as coisas eram bastante óbvias: havia o prego, a bola, o anda passar o anel. O pior era quando aparecia o banheiro que me agarrava, colocava a manáplua sobre o meu nariz e a minha boca, e me mergulhava numa onda sem fundo. As crianças de agora não conhecem gozos como este... Agora, a julgar pelos jo-

gos de praia inventados (reproduzidos) por este inglês, um tal E.A. Whitehead, não é nada disto: a não ser no que se refere a prego, imagem fállica que estes jogos podiam alegremente absorver.

Ora, o que se passa aqui? Numa praia inglesa, que deve ser fria como o diabo, transporta para o calorzinho duma praia portuguesa, do Sul (com perdão para o Norte), quatro personagens jogam os jogos do amor, se é amor o que se passa entre os dois casais. No fim, com o machismo próprio destas coisas, os dois rapazes, dois amigos, dois companheiros, abandonam as raparigas que naturalmente tinham possuído.

Isto escrito assim, até parece a sério. Mas a peça e o espectáculo não tomam as coisas a sério: o retrato que vemos, sendo provavelmente exacto, tem um toque de burlesco, que é o contrário do hiper-realismo em que o espectáculo também poderia cair. O burlesco, neste caso, tem, porém, um outro perigo: o de tornar inverosímeis estas personagens que se revelam paripatéticas, demasiado exactas para serem verdadeiras.

Duas raparigas e dois rapazes da periferia, carro barato, um pouco de droga, nada de grave, umas pequenas al-



drabices, a incultura de quem não sabe o que isso é, um retrato, terrível afinal, de uma civilização, a dessa tão britanicamente admirada Dama de Ferro. O mesmo diríamos das raparigas que os acompanham, talvez mais indefesas, à procura de umas sensações agradáveis.

O que é mais impressionante neste espectáculo é o que nele não é impressionante: as pequenas coisas, fortes na sua insignificância, na sua materialidade: o bronzeador para a pele, a massagem, as pestanas postiças que se perdem, a laranja que acaba, os apal-

pões, a toalha na areia, os «hits» num transistor resguardado por um plástico, as fugidas para o bosque. Chega-se a acreditar. E isso muito pelo que os actores fazem: reconhecemo-los mas é como se fossem outros, os daquela praia, que não tem nada a ver com as dos poetas. Vítor Norte é o que dá mais gosto ver trabalhar, mas Diogo Dória é um espanto de realismo, e as duas jovens, Susana Borges e Rita Blanco parecem que nunca fizeram outro teatro. Às vezes até perguntamos: será teatro?

A praia, com os seus pertences, ex-

cepto o mar que não há, fica no pátio traseiro de uma casa do Campo de Santana onde está situada a Galeria Monumental. Um espaço com árvores, uma casa degradada, de repente pensávamos estar num daqueles lugares inesperados de Avignon.

Uma surpresa, este espectáculo. Se calhar não é um caminho mas vale a pena conhecê-lo. Talvez uma brincadeira de Verão, como os amores de praia que morrem no último dia de férias. Talvez um jogo mais sério.

EPA — ESCOLA PRÉ-UNIVERSITÁRIA AUTÓNOMA, CRL. ALTERAÇÃO PARCIAL DE PACTO SOCIAL

Em 10 de Junho de mil novecentos e oitenta e sete, no Décimo Quinto Cartório Notarial de Lisboa, perante mim, Notário, Licenciada em Direito, Amélia Josefina de Queiroz Lopes, compareceram, como outorgantes:

a) — Dr. MANUEL DE ALMEIDA DAMÁSIO, casado, natural da freguesia de Fajã, concelho de Pampilhosa da Serra, residente em Lisboa na R. Carolina Michaelis Vasconcelos, 26, 7.º, sq.º;

b) — Dra. TERESA MARGARIDA DA SILVA CARRILHO BANDEIRA GARCÊS, casada, natural da freguesia e concelho de Vila Franca de Xira, residente nesta cidade na R. Francisco Stromp n.º 5, 4.º andar, A, que intervém em representação de «EPA — ESCOLA PRÉ-UNIVERSITÁRIA AUTÓNOMA, CRL», cooperativa de responsabilidade limitada, com sede em Lisboa na Rua Quatro de Infância, número vinte e sete, quinto, esquerdo, da qual são, respectivamente, Presidente e Secretário da Direcção, constituída por escritura de vinte e três de Maio de mil novecentos e oitenta e seis, lavrada a folhas oitenta do Livro número Oito-G, das Notas deste Cartório, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o número quatrocentos e vinte e cinco, pela apresentação número treze de vinte e um de Janeiro de mil novecentos e oitenta e sete, cujo capital mínimo é de oitenta e cinco mil escudos.

E disseram, nas qualidades em que figuram:

Que na Assembleia Geral da Cooperativa que representam, realizada aos dezoito de Setembro de mil novecentos e oitenta e seis, foi deliberado eliminar a alínea b) do artigo nono, passando a alínea c) a ser a alínea b), e a alínea d) a ser a alínea c) e a alínea e) a ser a alínea d), mudar a sua sede para a Rua Pedro Nunes, número dez, freguesia de São Sebastião da Pedreira, alterando por conseguinte o número cinco do artigo primeiro, e deliberado ainda alterar também o número três do artigo primeiro, a alínea a) do número dois do artigo vigésimo terceiro, o número dois do artigo vigésimo nono, a alínea b) do artigo trigésimo primeiro, o artigo quinquagésimo quarto, o número três do artigo décimo sexto e acrescentado a este um número que passará a ser o número quatro, os quais todos passarão a ter a seguinte redacção: NÚMERO TRÊS — (do Artigo Primeiro) — Quanto ao objecto é uma cooperativa de ensino não superior e quanto aos cooperadores é uma cooperativa de prestação de serviços.

NÚMERO CINCO (do Artigo Primeiro) — A Cooperativa tem a sua sede em Lisboa, na Rua Pedro Nunes número dez, freguesia de São Sebastião da Pedreira, mas poderá mudar a sua sede para qualquer outro local de Lisboa, mediante simples decisão da Assembleia Geral.

NÚMERO TRÊS (do Artigo Décimo Sexto) — O desempenho de cargos nos órgãos sociais poderá ser remunerado nos termos determinados pela Assembleia Geral.

NÚMERO QUATRO (do Artigo Décimo Sexto) — A Assembleia Geral poderá decidir, criar e extinguir uma comissão de vencimentos para os efeitos do número três.

NÚMERO DOIS — a) (do Artigo Vigésimo terceiro) — Verificar a legalidade das listas candidatas aos órgãos sociais.

NÚMERO DOIS (do Artigo Vigésimo Nono) — Ao Secretário compete manter actualizado o livro de actas das reuniões da Direcção e o serviço de expediente.

Alínea b) (do Artigo Trigésimo Primeiro) — Com assinaturas conjuntas de dois membros da Direcção, sendo uma delas a do Tesoureiro, nos documentos de levantamento de fundos ou pagamentos e ainda assinatura de papéis de crédito.

ARTIGO QUINQUAGÉSIMO QUARTO — Perdem a qualidade de membros os cooperadores mencionados na alínea b) do artigo sexto, logo que deixem de reunir as condições mencionadas, tendo direito ao reembolso do capital realizado.

Que em tudo o mais se mantém inalterável a referida escritura de vinte e três de Maio de mil novecentos e oitenta e seis, bem como o teor dos restantes artigos do pacto social constantes do documento complementar elaborado nos termos do número dois do artigo setenta e oito do Código do Notariado, que faz parte integrante daquela mencionada escritura.

Fiz a advertência da obrigatoriedade do registo deste acto, no prazo de noventa dias.

Os outorgantes provaram as suas invocadas qualidades e os poderes para o acto, por:

a) — Certidão da Conservatória do Registo Comercial de Lisboa; e

b) — Fotocópia da acta número cinco da Assembleia Geral da referida sociedade, realizada aos dezoito de Setembro de mil novecentos e oitenta e seis, documentos que arquivo.

Exibiram: — O cartão de identificação da sociedade com o n.º 501676422, emitido pelo Gabinete de Registo Nacional.

Verifiquei a identidade dos outorgantes pelos seus bilhetes com os n.ºs 1471951 de 8 de Maio de 1987 e 6939218 de 3 de Abril de 1985, emitidos pelo Centro de Identificação Civil e Criminal.

Esta escritura foi lida e explicado o seu conteúdo aos outorgantes, em voz alta e na presença simultânea de ambos, tendo-os prevenido do aumento de emolumentos, por de harmonia com a sua requisição este acto ter sido celebrado fora das horas regulamentares, nos termos do número um do artigo vigésimo quarto da Tabela Emolumentar.

Manuel de Almeida Damásio
Teresa Margarida da Silva Carrilho Bandeira Garcês

A Notária
Amélia Josefina de Queiroz Lopes

Conta registada sob o n.º 38

«D.L.» 9/7/1987

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 12.º JUÍZO ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da data da 2.ª e última publicação do anúncio, notificando o réu FERNANDO HENRIQUE CORREIA RODRIGUES, com a última residência conhecida na Av.º António Reis, 52-A-8.º em Lisboa, de todo o conteúdo da sentença proferida nos Autos de Acção Sumária em que é autor a COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, E.P., com sede na Rua Garrett, 56 em Lisboa, cuja fotocópia se encontra na Secretaria à disposição do notificando, ficando suprida a irregularidade do mandato, se não recorrer no prazo de oito dias, findo o dos éditos.

Processo n.º 133. Autor: Companhia de Seguros Império, E.P. Réu: Fernando Henrique Correia Rodrigues.

Lisboa, 7 de Janeiro de 1987

O Juiz de Direito
as) Jaime Manuel B. Santana Guapo

A Escrivã Adjunta
as) Carolina I. Loureiro Almeida Pinto

DL 9-7-87 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 16.º JUÍZO ANÚNCIO a)

Execução de sentença n.º 5 263-A/87, 3.ª Secção. Exequente: C.º SEGUROS IMPÉRIO, E.P., com sede em Lisboa, na Rua Garrett, 56. Executado: ANTONIO FERNANDO ANTUNES LINO, casado, residente no Largo José Júlio, Azeiteira, S. João das Lampas, comarca de Sintra.

Por este Tribunal correm éditos de vinte dias, que começarão a contar-se da 2.ª e última publicação do anúncio, citando os credores desconhecidos daquele executado para, no prazo de dez dias posterior ao dos éditos, virem à execução deduzir os seus direitos. Para constar se passou o presente edital, que vai ser devidamente afixado.

Lisboa, 29 de Junho de 1987

O Juiz de Direito
a) Viriato Manuel P. de Lima

A Escrivã Judicial
a) Irene Pades Caetano

DL 9-7-87 — 2.ª Pub.

Itel Apresenta

as Senhoras das Quintas-feiras
de Loleh Bellon

encenação: Luzia Maria Martins

de ter. a sáb. às 21.30
Dom. às 16 horas
(SMIRNOFF)

TEATRO VASCO SANTANA
tel 768609
metro: Entrecampos

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 17.º JUÍZO ANÚNCIO

DE LISBOA

17.º JUÍZO

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar da segunda e última publicação do anúncio, citando a Ré, para no prazo de dez dias, findo o dos éditos, contestar querendo a acção na qual o Autor pede que a acção seja julgada procedente e provida e em consequência a Ré condenada a pagar-lhe o pedido de 133 877\$00, juros e demais despesas, sob pena de não o fazendo, vir a ser condenada no pedido.

Acção Sumária n.º 3849 1.ª Secção

AUTORA: Companhia de Seguros Império, EP, com sede na Rua Garrett, 56 em Lisboa.

RÉ A CITAR: COSTA E FILHOS LD.ª, ausente em parte incerta e com última sede em Entre Fontes — Vago — Amarelo.

Lisboa, 29 de Junho de 1987

O Juiz de Direito,
M.ª da Conceição de Jesus P. S. de Oliveira

A Escrivã Judicial,
M.ª do Rosário Ramos Mourato

«DL» 9/7/87 — 2.ª Pub.

GRUPO TEATRO HOJE • TEATRO DA GRAÇA / VOZ DO OPERÁRIO

o país do dragão

TENNESSEE WILLIAMS

MARCAÇÕES PELO TELEFONE 87 56 26

«... Espectáculo a não perder»

Eugénia Vasques — «Expresso»

Só até dia 12 de Julho

DE 3.ª A SÁBADO, ÀS 21 H — DOMINGO, SÓ ÀS 16 H

DIÁRIO COM PRAÇA DE TOUROS AO FUNDO

Solilóquio

29 de Maio, sexta-feira

O Tó Mesquita é neto do bandarilheiro Domingos Mesquita, que trocou a fama das arenas por outra que se faria maior: a da sua adega do Bairro Alto, onde com a cara metade, a Tia Adelina, mestra cozinheira, recebia os que ali demandavam, não só os fados, também os pitús, frangos e chispalhadas. O Tó mostrou-me hoje, com atencioso orgulho, a relíquia de dois velhos álbuns de visitantes da Adega Mesquita. São centenas de assinaturas e louvores de fim de repasto, não admira que a euforia dos espíritos nomes e dizeres. Mas ainda sobejam claros muitos nomes célebres, no Mesquita comeram e beberam, quem sabe até se cantaram, ou botaram discurso. O Luís Mariano, o Chico Buarque, a Hermínia, a Amália, o Vilaret, o Assis Pacheco, a Lucília Simões, a Sanelia, a Célia Gomez, o Jean Marais, o Trevor Howard, o Sidney Bechet, o Alberto Ribeiro, e o Adolfo Mourão, e o Juscelino cantores, músicos, futebolistas, políticos, de aquém e de além mar. Mas nos álbuns da Adega Mesquita, honra e condição do proprietário, a Festa tinha de estar em força. Matadores de cá e de lá, Cayetano Ordoñez (El Niño de la Palma), Manolo Vázquez, Curro Romero, Rovira, Paco Corpas, Ortequiza, e o Diamantino, e o Manuel dos Santos, o José Júlio até fez um desenho de página inteira, alusivo à sua arte. E cavaleiros, do

Simão da Veiga ao Zé Casimiro. E ganaderos como o doutor Emílio Infante da Câmara. E mestre Patrício Cecílio. E forçados, o grupo de Santarém em peso, à cabeça o bravo Fernando Mascarenhas, e bravos os outros moços, o Ricardo Rhodes Sérgio, e o Mariano de Carvalho, e o Luís Mesquitela, parece que estou a ouvi-lo a dar-me umas luzes prévias, quando soube que eu ia pegar numa vacada, e fui mesmo, mas foi uma vez sem exemplo, e mesmo essa só porque não tive tempo para me arrepender, a vaca já vinha de lá disparada, há sustos na vida que a gente nunca mais se esquece.

30 de Maio, sábado

Há que tempos não via, pelas ruas da cidade, um carrinho de faturas, desses que em Lisboa satisfaziam a gula dos que não podiam ir ao Parque Mayer comê-las quentinhas, com um copo de jeropiga. Agora as faturas tomaram-se produto de estação, tornando-se a Feira Popular; fora as «roulottes» que se vão postar onde cheira a ajuntamento, feira, comício, procissão, espectáculo graúdo, incluindo as touradas nocturnas do Campo Pequeno, apesar dos ajuntamentos serem nelas muito relativos, meia casa já é uma alegria. Ainda outro dia lá estava a viatura à porta da praça, ao lado a frigideira negra, cheiro a óleo refrito, e barulho de gerador, e dentro da carcassa, iluminada a neon, prateleiras com

garrafas de sumol e de cerveja, e no balcão o tabuleiro das ditas faturas, e a tijela do açúcar e canela, esperando à friagem da noite que se detenha ao cheiro algum dos retirantes e transidos espectadores, turista curioso, emigrante com saudades, ou cidadão simplesmente esfomeado. Nada que se compare ao velho carrinho das faturas, como esse que eu vi esta tarde, a passar diante do Alto de São João, era como um sorriso à beira do cemitério, o homem de casaco branco pedalando sobre o triciclo de guarda-lama vermelho, as mãos apoiadas na caixa pintada de azul e amarelo, de janelinhas quadradas, através dos vidros adivinhávamos o rolo concêntrico das faturas, e a tesoura do corte, vá lá, não mas corte pequenas, que elas já são tão finas, descanse, minha senhora, que daqui vai bem servida. E de vez em quando a campainha tocando, chamando, aqui vai o carrinho das faturas.

31 de Maio, domingo

Orson Welles. Ele, o cidadão Kane; e o moiro de Veneza, Otello. Os grandes vultos do cinema perpetuam-se no celulóide, dis pensam a veneração transitória dos seus restos, o recurso ao corpo embalsamado, as honras patrióticas, sigam-se pois os caprichos de cada falecida vontade. Welles queria que o lugar de sua sepultura fosse em Espanha. Fizeram-lhe a vontade, para lá levaram agora as suas cinzas: ficaram a dois passos de Ronda, no fundo de um velho poço, à sombra de dois carvalhos, do jardim de «El recreo de San

Cayetano» — quinta de António Ordoñez, que doutra arte foi também maestro.

4 de Junho, quinta-feira

Praça de Touros do Campo Pequeno. Touros de Fernando Santos para Joaquim Veríssimo, Luís Nortada, forçados amadores do Aposento do Barrete Verde de Alcochete (cabo Luís Cebola), Fernando Lozano e Rafi Camino.

Ainda não tinha ido este ano ao Campo Pequeno, aliás pouco agora em festejos. Aconteceu hoje, na nocturna anunciada com dedicatória ao Congresso Europeu de Radiologia. Mas os radiologistas, todos, mais os turistas, e mais uns tantos indígenas, não chegaram à meia casa, não deram para animar o ambiente, frio como a noite fria. Esforços de aquecimento houve alguns, a começar logo no primeiro pela brega adornada do António Gregório, ele quis animar a coisa, subalterno uma ova, compôs a figura em verónicas, e meia, e recorte garboso, galeou até por chicuelinas, mas o novilho era pequenote, mansote, e o jovem Veríssimo também esteve em ote, tristote, vulgarote, sem lembrar seus tempos de menino; tempos ainda mais recuados lembrei, quando ouvi dizer que o pegador era neto do velho e famoso Artur Barrett. E no novilho que fechou praça, e correspondeu ao segundo cavaleiro, foi a vez do bandarilheiro Farinha, no remate do último curto adornou-se com um cingido recorte. Mas entre o Gregório e o Farinha, tudo ou quase tudo foi frio.

Frio o officio de Lozano, que substituiu o Litri que constava do cartaz, e templou às vezes a nobreza do seu primeiro mutilado inimigo (as hastes sempre cortadas, já se sabe). E também frio, embora com outra chispa no seu sentido toureiro, o filho de Paco Camino. Frio não direi que tenha estado o Luís Nortada, candidato a Marialva: mas começou por não citar, e não tragar, e cravar à garupa, apesar da melhora na animação final dos curtos não houve nortada que desse para a corrida levantar voo.

5 de Junho, sexta-feira

Chegou pelo Santo Isidro, a morte que Andres Segovia esperava, «sem a poeira nem a desejar», como a temera de Meinard que ele citou uma vez. Viveu abraçado à guitarra («tem forma de mulher», repetia). Mulher que Segovia encontrara plebeia, cortesã explorada pelo folclórico, e que ele elevou à majestade das grandes salas de todo o mundo, não mais irmã bastarda da família nobre dos pianos, harpas, violoncelos. Nascera há 94 anos em Linares, na terra onde «Islero» se iria encontrar com Manolo. Vai hoje a enterrar em Madrid, no cemitério de Santo Isidro, do santo das festas que continuam, como se nada tivesse acontecido.

9 de Junho, terça-feira

Foi um consolo, espreitar lá para dentro, ver assim cheio de oficiais, o salão da Casa do Alentejo. O jantar desta noite, com o Vasco Lourenço, não era apenas um acto determinado pela militância do espírito de Abril. Entre

aquelas três centenas de oficiais, não estavam só os disponíveis, que a idade ou a incomodidade afastaram do serviço; havia também os operacionais, chegavam vindos de unidades distantes, caras algumas talvez inesperadas, mas que frontalmente assumiam seu gesto. Não houve um discurso, uma fotografia. Nem foi preciso, para se sentir a autenticidade do sentimento predominante, que era a solidariedade. A solidariedade é uma forma de fazer justiça: relacionada, naturalmente, com os seis dias de detenção aplicados ao Vasco Lourenço pelas suas declarações no almoço comemorativo do 25 de Abril, mas usada como pretexto para um acto de camaraderagem. O Vasco Lourenço merecia-a. Ele é, entre a gente de Abril, um dos originários, dos puros. Um puro de aspecto simpático, sem papas nem rendilhados na língua, beirão determinado, leal e corajoso. A praça de touros ao fundo, reflectindo tanta coisa. Naquela noite, em que ele foi aos touros ao Campo Pequeno, os forçados foram saber onde se ia sentar, para lhe brindarem uma pega. E depois foram pedir-lhe desculpas, afinal não lhe tinham brindado, o ambiente não era propício. As touradas não estavam com o 25 de Abril,

por isso ficaram como estavam, touradas. O Vasco Lourenço sabia disso, percebeu o volta atrás, talvez tenha achado até natural. Mas eu digo que, se o Vasco fosse forçado, antes de ir para a cara do touro tinha brindado do mesmo. Nem que lhe dessem seis corridas de suspensão.

Festival do Algarve tenta divulgação internacional

O Festival Internacional de Música do Algarve, que encerrou em Junho, vai candidatar-se à Federação Internacional dos Festivais, organismo de extrema importância na divulgação mundial deste género de manifestações culturais.

João Félix Martins, vogal da Região de Turismo do Algarve (RTA) responsável pela animação cultural, afirma num comunicado deste organismo estarem já «criadas condições objectivas» para que o Algarve possa apresentar a sua candidatura.

Aquele executivo da RTA considera «extremamente positivo» o

balanço do festival sublinhando que «em termos de promoção, público estrangeiro e população residente» a sua missão foi cumprida.

Quanto às perspectivas para o próximo festival, João Félix Martins declarou que se realizará «sem diminuição de qualidade, continuando no modelo da descentralização e com uma maior promoção interna e externa».

Uma das inovações já previstas reside na criação de condições para poder tornar esta manifestação artística, «mais acessível à bolsa dos jovens».

Fafe instituiu prémios para ficção e monografia

A Câmara Municipal de Fafe instituiu, a nível nacional, os prémios literários Lopes de Oliveira, para as modalidades de ficção e monografia.

Na área de ficção, o prémio com um valor de 100 contos, será atribuído a uma obra em livro, de língua portuguesa e sem limites de páginas, publicada entre 1 de Janeiro de 1987 e 31 de Dezembro de

1988. À modalidade de monografia poderão concorrer as obras publicadas em igual período referentes a qualquer localidade ou região portuguesa, com o limite máximo de 200 páginas.

Todas as obras concorrentes deverão ser apresentadas até ao último dia de 1988.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA ANÚNCIO

Faz-se saber que pela 2.ª Secção do 13.º Juízo, nos autos de execução n.º 25/87, respeitante ao executado LOURENÇO E FIGUEIREDO, Lda, e outro, com sede na Rua Cruz dos Poiais, n.º 96, Lisboa, correm editos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos, para no prazo de dez dias, posteriores aos dos editos, reclamarem o pagamento dos seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na execução que lhe move JORGE HUMBERTO LOPES MONTEIRO.

Lisboa, 3 de Julho de 1987

O Juiz de Direito,
Artur Manuel Ventura de Carvalho
A Escrição,
M.ª Fernanda V. S. Carrapico

DL. 9/7/87 — 1.ª pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 2.º JUÍZO ANÚNCIO

São citados credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começou a contar da publicação do anúncio.

Execução ordinária, n.º 11 571, 3.ª

secção. Executantes: COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO. Executado: CARPINTARIA MECÂNICA CENTRAL VALADENSE.

Lisboa, 30 de Junho de 1987

O Juiz de Direito
(assinatura ilegível)

O Escrição de Direito
(assinatura ilegível)

DL. 9-7-87 — 2.ª Pub.



ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA CONVOCATÓRIA

Nos termos do art.º 24.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral da COOPINHAL — Cooperativa de Consumo Popular Pinhalnovoense, C.L., a reunir em sessão extraordinária, no dia 10 de Julho de 1987, pelas 21 horas, no auditório da cooperativa, sua sede social, com a seguinte Ordem de Trabalho:

- 1 — DEMISSÃO DOS CORPOS GERENTES
- 2 — INFORMAÇÕES E DIVERSOS

NOTA: Se à hora marcada, não estiver presente o número legal de cooperadores esta Assembleia reunirá uma hora mais tarde com qualquer número de presenças.

Pinhal Novo, 6 de Julho de 1987

O Vice-Presidente da Mesa

da Assembleia Geral

Francisco Eduardo Rocha Toucinho

NOVO grupo apresenta

CICLO DE PEÇAS INÉDITAS PORTUGUESAS

A SEGUNDA VIDA DE FRANCISCO DE ASSIS

De José Saramago

Encenação e Cenário: Norberto Barrocas

Figurinos: José Costa Reis

Música: Paulino Garcia

Interpretação

Adriano Luz

Amílcar Botica

Argentina Rocha

Francisco Pestana

Isabel Ribas

João Baião

Jorge Gonçalves

José Gomes

José Pedro Gomes

Laura Soveral

Melina Teixeira

Miguel Martins

Teresa Sobral

APOIO DIÁRIO DE LISBOA

Quintas e Sábados às 21.30

Domingos - Matinée às 16 h

ALFA 77 OMEGA T.L.L. DATA GENERAL DOLBY DIGITAL KEROX

COMPANHIA SUBSIDIADA PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Alfas Triplex

— T. 806496

COMBOIO EM FUGA

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

CAMINHO DE FOGO

(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 hBLUE VELVET —
VELUDO AZUL(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 hFILHOS DE UM DEUS
MENOR(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club

T. 763319

SALVADOR

(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 hBLUE VELVET —
VELUDO AZUL(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

O NAVIO

(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

SALVADOR

(maiores 16 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h

PORKY'S

(interdito men. 13 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

CAMINHOS DE FOGO

(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

COMBOIO EM FUGA

(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Apolo 70

O NAVIO

(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Avila

— T. 539930

ACADEMIA DE POLÍCIA

(A Patrulha do Cidadão)
(maiores 6 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

— T. 547163

EXIBIÇÃO

Porno
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

VAI PELA SOMBRA

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Uma cena do filme «Os Loucos Anos 50» uma realização explosiva de Peter Zadek a estrear brevemente no Estúdio 444

Capitolio

— T. 372358

A MAGIA DO PRAZER

(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

ACADEMIA DE POLÍCIA

— 4
(A Patrulha do Cidadão)
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30, 21.30 h

Cinebolsa

ORGIAS DE

ADOLESCÊNCIA
(Porno)
(Int. m. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
AS SÓFREGAS
(maiores 18 anos)
(Porno)
23.30 h

Cine Camões

T. 324194

A VINGANÇA DOS
MANETAS DE FERRO

(não acons. men. 18 anos)

14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

O DESTRAVADO DO TAXI

AMARELO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

A ILHA DOS URSOS

(maiores 18 anos)
24 h

Cinemateca

Cinema Soviético
18.30 h — A JOVEM DO
CHAPÉU — 1927
21.30 h — OUTUBRO —
1925

Cine Portela

— T. 2524761

Estúdio Anusha

PARA ALÉM DAS
MURALHAS
(maiores 16 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

MASSACRE
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

CONTA COMIGO

(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 23.30 h

Condes

— T. 322523

A VIÚVA NEGRA

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

PRIMAS

(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

NOVE SEMANAS E MEIA

(maiores 18 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

OS AMIGOS DE ALEX

(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

BARRY LINDON

(maiores 13 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Forum Póreas

— T. 541037

SONATA DE OUTONO

(não acons. men. 18 anos)
19 e 22 h

Fonte Nova

— T. 7145109

CROCODILO DUNDEE

(maiores 8 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

QUARTO COM VISTA

SOBRE A CIDADE
(maiores 12 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.30 h

O LUTADOR

(maiores 6 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Gemini

— T. 734009

DUNA

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

A COSTA DO MOSQUITO

(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h

A VIÚVA NEGRA

(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 24 h

Imperio

— T. 555134

A PATRULHA DO

CIDADÃO
(Academia de Polícia IV)
(maiores 6 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

A VIÚVA NEGRA

(maiores 12 anos)
16.15, 18.45 e 21.30 h

SALA 1

SELVAGEM E PERIGOSA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

SELVAGEM E PERIGOSA

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

VAI PELA SOMBRA

(maiores 12 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e 21.30 h

SALA 2

BLUE VELVET —
VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

POLICE

(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
ROMA CIDADE ABERTA
(não acons. men. 13 anos)
23.45 h

Roma

T. 889192

PRIMAS

(não acons. men. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

SAIAS PARA CIMA... A

TROPA ESTA EM BAIXO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

CURTO-CIRCUITO

(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

CROCODILO DUNDEE

(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

COSTA DO MOSQUITO

(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

7.ª Arte

— T. 730715

ACADEMIA DE POLÍCIA

IV
(A Patrulha do Cidadão)
(maiores 6 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

CURTO-CIRCUITO

(maiores 6 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

A FLOR DO DESERTO

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h

Tivoli

— T. 570595

PORKY'S

(interdito men. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

LOUCA POR SI

PROFESSOR
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon

T. 363480

CAÇADA SANGRENTA

(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodiaco

— T. 570151

Exibição permanente de

filmes indianos
(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinestúdio

— «A Lei de Murphy», às
21.00 h (maiores 16 anos)

AMADORA — Cinestúdio

— «Procura-se Morto ou
Vivo», às 15.30 e 21.30 h
(maiores 16 anos)

AMADORA — Babalú

— «A Patrulha do Cidadão» às
15.15, 18.15 e 21.30 h
(maiores 16 anos)

ALGUEIRÃO — Cine Teo-

tro Chaby — «Caminho de
Fogo», às 21.30 h (maiores
12 anos)

CACÉM —

Cinestúdio Flores —

«Águia de Ferro», às
15 e 21.30 (maiores 12
anos)

MEM MARTINS — Estú-

dio Dois Eme — «Perigosa-
mente Juntos», às 15.30 e
21.30 h (maiores 18 anos).

ODIVELAS — Cineodivel

— «Fogo contra Fogos», às
15.30 e 21.30 h (maiores 12
anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril

— «Filhos de Um Deus Me-
nor», às 17 e 21.30 h (maio-
res 12 anos)

ALGÊS — Cinema 2000 —

«O Massacre», às 15.30 e
21.30 h (maiores 12 anos).

LINDA-A-VELHA — Cine-

tropical — «O Bando da
Mão», 15.30 e 21.30 h
(maiores 16 anos)

OEIRAS — Alto da Barra

— Sala 1 — «A Costa do
Mosquito», às 15.15 e
21.30 h (maiores 12 anos)Sala 2 — «Uma Mulher dos
Diabos», às 15.30, 19 e
21.45 h (maiores 6 anos)

CARCAVELOS — Atlânti-

da Cine — «Os Bravos do
Pelotão», às 15.30 e 21.30 h
(maiores 12 anos)

CASCAIS — Miramar —

Sala 1 — «Selvagem e Peri-
gosa», às 15.15, 18.45 e
21.30 h (maiores 12 anos)Sala 2 — «Viúva Negra», às
15.30, 18.45 e 21.30 (maio-
res 12 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia —

«A Testemunha», às 15.30 e
21.30 h (maiores 12 anos)

COVA DA PIEDADE —

Clube Piedense — «Os Mer-
cenários da Aventura», às
15.30 e 21.30 h (maiores 12
anos)

ALMADA — Cinestúdio —

«Veludo Azul», às 15.30,
18.30 e 21.30 h (maiores 12
anos)

COVA DA PIEDADE —

Clube Piedense — «Os Mer-
cenários da Aventura», às
15.30 e 21.30 h (maiores 12
anos)

COSTA DE CAPARICA —

Oceano — Sala 1 — «A Cha-
ve do Clúme», às 15.45 e
21.30 h (maiores 18 anos)Sala 2 — «A Mulher do Pat-
rão», às 15.15, 17.30 e
21.45 h (maiores 12 anos)

BARREIRO — Cinestúdio

Barreirense — «Viver e
Morrer», às 15.00 e 21.15
(maiores 16 anos)

TELA COM "A NOITE ANTES DA FESTA"

«A Noite Antes da Festa», de José Gil e Carlos Fragateiro, é a nova peça do TELA — Teatro Experimental de Leiria — que estreia no próximo dia 18, no Mercado de Santana.

Encerrado o ciclo do Teatro Clássico, o TELA percorre agora uma nova experiência, que intitulou «Projecto Novas Dramaturgias», onde pretende fazer uma análise do nosso quotidiano.

Tal como a recente ficção, na opinião do colectivo do TELA, a «nossa dramaturgia tem que assumir os caminhos mais simples do que vivemos, o próprio viver simples da solidão, das novas tecnologias, das comunicações incomunicantes».

Com «A Noite Antes da Festa» o grupo dá «o grito de afirmação do dia a dia sobre o dia a dia. Este espectáculo é um abismo de estre-las, mas o quotidiano é uma vitória que se

constrói todos os dias de pequenos nada, tão banais quanto essenciais».

Trata-se de uma peça inquietante, onde os actores percorrem lugares comuns ao hábito, ao sonho e à ruptura.

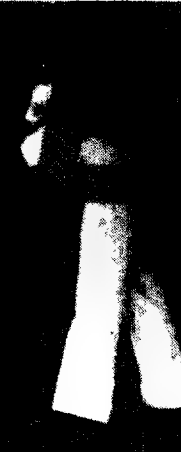
«A Noite Antes da Festa» é um espectáculo de José Gil e Carlos Fragateiro, encenado-res da companhia. A interpretação está a cargo de Joaquim Paulo Nogueira, Margarida Torres, Maria José Belbut, Pedro Oliveira, Rui Sérgio e Susana Margarida. A produção é de Luís Filipe Cruz e a montagem de Carlos Silva.

O espectáculo estará em cena até meados de Agosto, de terça a domingo às 21 e 45 horas, no Mercado Santana. O TELA conta com um subsídio de montagem da Secretaria de Estado da Cultura e com o apoio da Câmara Municipal de Leiria.

DAQUI PERA ALI E DE LA PERA CA

um espectáculo de José Gil

VICENTE JOSÉ GIL E CARLOS FRAGATEIRO interpretado por Bibi Perestrelo Joaquim Paulo Nogueira Maria José Belbut Rui Sérgio Susana Margarida Valdemar de Sousa voz Susana Bettencourt cenografia José Carlos Barros assistente de cenografia Carlos Silva guarda roupa Helena Carmona produção Luis Filipe Cruz



«O Conde de Novion»

TEATRO

TEATRO NACIONAL D. MARIA II (Rossio, Lisboa): o Grupo Persona estreia esta noite, pelas 21 e 45 horas, o seu terceiro espectáculo desta temporada: «O Conde de Novion», de Almeida Garrett. A encenação é de Paulo Lages e a interpretação está a cargo de Guilherme Filipe, Custódia gallego, Cristina Buero, Miguel meneses e Paulo Lages. Trata-se da última peça a ser representada pouco tempo da morte do dramaturgo romântico. «O Conde de Novion» é uma comédia de costumes sobre a vida lisboeta de princípios do séc. XIX, a par das questões políticas que tanto apaixonaram Garrett e que se encontram perfeitamente actuais decorridos tantos anos.

ESCOLA SECUNDÁRIA Nº 2 DOS OLIVAIS: alguns professores desta escola formaram um grupo de teatro no princípio deste ano lectivo. O texto escolhido para o trabalho foi «Castro», de António Ferreira. A encenação está a cargo de António Branco, fundador e ex-actor do Teatro do Mundo, que faz parte do corpo docente daquele estabelecimento de ensino. A adaptação do texto chama-se «Castro em Toda a parte...». O espectáculo está em cena até ao dia 11, no anfiteatro da escola, todas as noites pelas 21 e 30 horas.

TEATRO CARLOS ALBERTO (Porto): termina hoje, pelas 21 e 30 horas,

a apresentação da peça de Molière «A Escola das Mulheres», pela Companhia do Centro Cultural de Évora neste espaço. A peça tem encenação de Luís varela, dramaturgia de Christine Zurbach e interpretação de Alexandre Passos, Álvaro Corte-Real, Isabel Bilou, João Sérgio Palma, José Alegria, José Caldeira, José Russo, Rosário Gonzaga e Victor Zambujo. No dia 11 «Escola das Mulheres» é apresentada em Viana do Castelo, no

Teatro Sá de Mireanda, e no dia 13 em Viseu, no Auditório da feira. Depois destes espectáculos, que se integram na digressão da Companhia pelo Norte, o Centro Cultural de Évora leva à cena a sua 66ª produção, a peça «Afonso III».

TEATRO DA TRINDADE: continua em cena durante este mês o último espectáculo do Teatro da Cornucópia: «Trilogia da Guerra» (1ª parte), de Edward Bond. O espectáculo é composto por dois textos, «Vermelhos, Negros e Ignorantes» e «As Passões das Latas de Conserva». Em toda a Trilogia o tema central é a guerra nuclear, como destruição total do homem. No entanto, as peças de Bond não são textos de antecipação científica, apesar da acção das peças se situar numa era pós-holocausto. São peças que acima de tudo denunciam o estado de degradação da sociedade contemporânea, a violência das relações humanas e da

estrutura social. «Trilogia da Guerra» está em cena de terça a sábado às 21 horas e aos domingos às 16.

GRUPO DESPORTIVO DO BESCL (delegação do Porto): O grupo de teatro desta associação cultural dos trabalhadores do Banco Espírito santo e Comercial de Lisboa têm em cena a peça infantil «O Farruncha», de Jaime Gralheiro, numa encenação de Manuel Angelo. A peça encontra-se à disposição de associações culturais e recreativas e escolas que estejam interessadas.

TEATRO DA GRAÇA (Trav. de S. Vicente, 11, Lisboa): a carreira de «O País do Dragão», de Tennessee Williams, pelo Grupo Teatro Hoje está a chegar ao fim. Se ainda não viu esta peça, pode fazê-lo até dia 12, às 21 e 30 horas e no domingo numa sessão às 16 horas. A encenação é de Carlos Fernando, a cenografia de Dalton Salem Asseff, a música de Carlos Curto e a interpretação de Alexandre Sousa, Elisa Lisboa, Fernanda Coimbra, Isabel de Castro, Lia Gama, Manuel Mendes, Maria José, Maria José Pascoal e Rui Pedro.



«O País do Dragão»

MÚSICA

TEATRO RIVOLI (Porto): o grupo de música dos anos 60 «The Blue Jeans Band» realiza a partir de hoje e até ao dia 11 uma série de espectáculos ao vivo. «The Blue Jeans Band» é um grupo de música revivalista formado há quatro anos, constituído por Vichy Paes Martins (viola ritmo e

vocalista), Meky Margnes (viola solo), Fernando Martins (viola baixo) e Mário João ceja (baterista). O grupo tem tido diversas actuações não só em todo o país como também no estrangeiro. O grupo identifica-se com a música dos anos 50 e 60, desde Elvis Presley aos Beatles, passando por todo o género musical em voga nessas décadas, da balada ao rock'n roll, privilegiando compositores como Carl Perkins, Chuck Berry, Roy Robisson e Little Richard.

PALÁCIO NACIONAL DE SINTRA pelas 21 e 30 horas concerto do Festival de Sintra, com Marina Ferreira (contralto) e Nuno Vieira de Almeida (piano). O espectáculo tem a colaboração da Câmara Municipal de Sintra.

EXPOSIÇÕES

GALERIA DE ARTE DO CASINO ESTORIL: continua patente até 19 de Julho, das 15 às 24 horas, a exposição de aquarelas de Paulo Ossião. O pintor, de 35 anos, realizou já 10 exposições individuais e cerca de 20 colectivas. Esta mostra é a maior de todas as realizadas e conta com cerca de seis dezenas de trabalhos sobre os mais diversos temas, com preferência pela paisagem urbana e pela figura. São temas da sua predilecção o casario da Ribeira portuense e os velhos bairros lisboetas de Alfama e Mouraria. Na figura a preferência vai para os temas do trabalho — as peixeiras da Póvoa do varzim, as «lavadeiras» da Ribeira Lima ou do Rio Alva, as ciganas das feiras de Ponte de Lima ou as camponesas do Minho.

GALERIA DO TEATRO IBÉRICO (Rua de Xabregas, 54, em Lisboa): uma exposição de 23 apinéis de cerâmica de João Branco patente até ao próximo dia 12, todos os dias, excepto às segundas-feiras, das 15 às 20 horas. A presença de João Branco no Teatro Ibérico deve-se à ligação do artista com o grupo de Branco Gil, para quem já executou esculturas,

máscaras e adereços para várias peças.

GALERIA DE ARTE FONTE NOVA (Centro Comercial Fonte Nova, Est. de Benfica, 503, Lisboa): está patente até ao dia 17 de Julho a exposição do artista Sam Correia, todos os dias, das 10 às 24 horas.

FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA (Rua tenente Valadim, 231/57, Porto): até ao dia 11, das 14 e 30 às 18 e 30 horas, está aberta ao público a exposição de pintura de Maria José Serrano.

JARDIM INFANTIL «O PINTAINHO» (Urbanização Cidivel, lote 14, r/c, Odívelas): Os alunos da 4ª classe, dentro das actividades do ano lectivo 86/87, desenvolveram diversos temas relativos ao Ano do Ambiente, tendo organizado uma campanha de protecção às árvores, subordinada ao tema «o papel velho pode ser matéria prima para o papel novo, desde que aquele fosse aproveitado», sugerindo o aproveitamento em caixas do tipo vidrões (como se faz com o vidro).

Desenvolveram-se diversas actividades, entre elas uma carta dirigida ao presidente da Junta de Freguesia de Odívelas. Culminando esta campanha, uma exposição de trabalhos dos alunos nas instalações do jardim infantil, que está aberta ao público até ao dia 11 de Julho, das 15 às 20 horas.

CENTRO DE ARTE MODERNA (R. Dr. Nicolau Bettencourt): No átrio do

museu a exposição

«Desafio de Amadeo à Pintura Portuguesa». **GALERIA EMI** (Palácio das Alcáçovas, R. da Cruz dos Poiais, 111, Lisboa): exposição de pinturas de Angelo de Sousa, Álvaro Lapa, Jorge Martins, António Sena e Ana Marchand.

EDIFÍCIO ESPELHO DE ÁGUA (Belém): está patente até 6 de Setembro, das 10 às 18 horas, a «Feira de Artesanato».

Mostra, organizada pelo Europa Trade Center, pretende promover o sector que mais caracteriza e defende os oito séculos de História e tradição do povo português: o artesanato. No local poderão ser apreciadas várias formas de artesanato (barro cerâmica, cobre, latão, cristal, madeira e filigrana), bem como o trabalho ao vivo de artesãos de variadas regiões do país.

CASA DE BOCAGE (Setúbal): Até 26 de Julho podem ser apreciadas neste espaço esculturas da autoria de Noémia Cruz.

GALERIA MÓDULO (Av da Boavista, 854, Porto): «1.12VR87» é a designação da exposição que está patente na Módulo do Porto e na de Lisboa até 14 de Agosto, de segunda a sábado, das 16 às 20 horas. Trata-se de uma mostra de pintura de Ana Vidigal, Ilda David, João Jacinto, Manuel Botelho, Pedro Casqueiro, Pedro Portugal, Pedro Saraiva, Ruth Rosengarten e Vítor costa, esculturas de Manuel Rosa e dos G.A.V.E. e objectos de Xana.



Noémia Cruz na Casa de Bocage

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE
**— ARCO DO CEGO — ESTE-
 FÂNIA:** Palma, Av. Duque de
 Ávila, 25-31 (T. 547088);
AVENIDA DE ROMA: Avs.
 Av. de Roma, 56-B-C (T.
 895370); **CAMÕES — SANTA-
 CATARINA:** Combro, C. do
 Combro, 82 (T. 326059);
CAMPO DE OURIQUE:
 Pinheiro, R. de Campo de Ourique,
 135 (T. 682610); **CAMPOLIDE-
 SETE RIOS:** Nova, R. de Campolide,
 297-C (T. 687475); **LUMIAR:** Patuleia,
 A. das Linhas de Torres, 262-B
 (T. 790332); **LUZ — FRENTE**
AOS MENINOS DA LUZ:
 Gény, R. Conselheiro José Sil-
 vestre Ribeiro, 12-A, ao 218 da
 E. da Luz (T. 7140342); **OLI-
 VAIS SUL:** Fernandes Bor-
 ges, R. D. Aleixo Corte Real,
 lote 388, cruzamento com a R.
 Cidade de Bolama (T. 311091);
PEDROUCOS: Sociedade
 Higilux, R. de Pedrouços,
 50-52 (T. 610280); **PENHA**
DE FRANÇA: Higiénica, R.
 Helodoro Salgado, 20-A (T.
 844361); **PICHELEIRA:**
 Marluiz, C. da Picheleira,
 140-B-C e R. Prof. Mira Fer-
 nandes, MAF (T. 880703);
RATO — MARQUÊS DE
POMBAL: Vieira Borges, R.
 Alexandre Herculano, 28-30
 (T. 520536); **BRANDOA —**
AMADORA: Tavares de
 Matos, R. Irene Lisboa, lote
 108 (T. 993220); **CARNAXI-
 DE:** Central de Carnaxide,
 Av. de Portugal, 16-B (T.
 2184913); **ODIVELAS:** Gon-
 çalves, R. Dr. Egas Moniz,
 30-B (T. 9815662); **PONTI-
 NHA:** Cruz Correia, E. de
 Santo Elói, 41-A (T. 992453);
REFORÇO — ALTO DE
SANTO AMARO: Santo
 Amaro, R. Filinto Elísio,
 29-A-B (T. 637070); **ALVA-
 LADE:** Brisália, Av. do Rio de
 Janeiro, 66-66-A (T. 882368);
AVENIDAS — SALTANHA:
 Império, R. António Enes, 10
 (T. 548002); **AVENIDAS**
NOVAS: Fátima, Av. 5 de
 Outubro, 147-A (T. 763107);
BAIRRO AZUL: Sírui, R.
 Fialho de Almeida, 38-A (T.
 544000); **BAIXA:** Silva Car-
 valho, R. dos Fanqueiros,
 124-126 (T. 873875); **CA-
 LHARIZ — BENFICA:** Rebo-
 cho, R. Tenente Coronel Ribe-
 ro dos Reis, 12-B (T. 743871);
CHELAS — COLÉGIO VAL-
SASSINA: Serra, R. Luís Cris-
 tino da Silva, lote 221, loja 133,
 zona 2, Chelas (T. 853720);
MARVILA: Freitas, R. Vale
 Formoso de Baixo, 23-A (T.
 381136); **MERCADO DO**
CHILE: Corvo, R. Ângela Pin-
 to, 32-B-C (T. 549756); **RADI-
 ODIFUSÃO — EX-EMIS-**
SORA NACIONAL: S. Nunes
 Simões, R. do Quelhas, 1-3 (T.
 661275); **BURACA — AMA-**
DORA: Vaz Martins, R. An-
 tónio Ferro, 6-A (T. 970660);
OLIVAL BASTO: Nova, R.
 dos Açores, 11-A (T. 9810305);
PRIOR VELHO: Matos, T.
 das Prioras (T. 2519939).
Outra Banda — ALMA-
DA: Magalhães, R. Capitão
 Leitão, 8-B (T. 2750242). Per-
 manente; **COVA DA PIEDA-**
DE: Louro, R. Alexandre Her-
 culano, 6-B (T. 2763517). Per-
 manente; **MONTE DE CA-**
PARICA: Guerreiro, lote
 31-I-J, Moinho (T. 2950727).
 Até às 19 horas; **COSTA DE**
CAPARICA: Chal, Av. Gene-
 ral Humberto Delgado (T.
 2403218). Até às 19 horas;
LARANJEIRO: Oliveira Sér-
 gio, R. dos Alamos, 2-A (T.
 2296464). Até às 22 horas;
SESIMBRA: Lopes, R. Cân-
 dido dos Reis, 21 (T. 2233028).
 Até às 19 horas; **LAVRADIO:**
 Parreira, R. D. Silva Cristino,
 15-A (T. 2042016). Até às 19
 horas; **BARREIRO:** Central,
 Av. Alfredo da Silva, 48 (T.
 2073207). Permanente; **BAIXA**

DA BANHEIRA: Nova Fátima,
 E. Nacional, 244-A (T. 2040141).
 Até às 19 horas; **CORROIOS:**
 Lino, Alfirim, Sesimbra (T. 2232841).
 Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU:**
 Fonseca, R. do Ribatejo, 2-A
 (T. 2211131). Até às 22 horas;
ALDEIA DE PAIO PIRES:
 Central, E. Nacional, 9 (T.
 2210365). Até às 22 horas;
MONTIJO: Giraldez, R. Al-
 mirante Reis, 45 (T. 2310008).
 Até às 22 horas; **MOITA:**
 União Moitense, Av. Dr. Teó-
 filo Braga (T. 239025). Até às
 19 horas; **ALHOS VEDROS:**
 Portugal, Av. da Bela Rosa, 8
 (T. 2040250). Até às 19 horas;
ALCOCHETE: Nunes, R.
 Coronel Ramos da Costa, 10 (T.
 2340137). Até às 19 horas;
SETÚBAL: Marques, R. Ar-
 ronches Junqueiro, 109 (T.
 22783). Permanente; **Sorome-
 nho,** R. Machado dos Santos,
 24 (T. 22691). Permanente;
Cunha Pinheiro, E. da Canari-
 nha, 32 (T. 29215). Até às 22
 horas.
Linha de Cascais —
ALGÉS: Miraflores, R. Dr.
 António Granjo, 2-B (T.
 4101161). Permanente; **LIN-**
DA-AVELHA: Moderna,
 Av. 25 de Abril, 30-C (T.
 4191235). Até às 19 horas;
TIRES: Guimarães, L. Duar-
 tes, lote A, r/c (T. 2441616).
 Até às 22 horas; **ALCABIDE-**
CHE: Carvalho, B. Padre P.
 Correia, 4 (T. 2690363). Até às
 22 horas; **PORTO SALVO:**
 Ferreira Bastos, R. D. Firmino
 Rebelo (T. 2421015). Até às 22
 horas; **MALVEIRA DA SER-**
RA: Luz, E. Nacional (T.
 2850635). Até às 22 horas;
PAÇO DE ARCOS: Godinho,
 Av. Patrão Lopes, 4 (T.
 2432039). Permanente; **OEI-**
RAS: Central, R. Conde Fer-
 reira, 29 (T. 2430058). Até às
 22 horas; **CARCAVELOS:**
 Vilar, Av. Maria da Conceição,
 lote B (T. 2470777). Permanen-
 te; **SÃO DOMINGOS DE**
RANA: Godinho da Silveira,
 R. Afonso de Albuquerque, lote
 B, loja 2 (T. 2470361). Até às
 22 horas; **PARADE:** Guerra
 Junqueiro, R. de Luanda, lote
 5 (T. 2477838). Permanente;
SASSOEIROS: Amaral Sem-
 blano, Quinta das Encostas (T.
 2461312). Até às 22 horas;
BIRRE: Imani, lote 7-B, Hera
 (T. 2852121); **MADORNA:**
 Madeira, R. A (T. 2476326).
 Até às 22 horas; **AMOREIRA:**
 Abrantes, Vivenda Maria Car-
 los Anjos (T. 2682313). Até às
 22 horas; **MONTE ESTORIL:**
 Suíça, Cruzeiro (T. 260087).
 Até às 22 horas; **CASCAIS:**
 Cascais, R. Conde de Monte
 Real, Bairro das Caixas (T.
 2824077). Permanente.
Linha de Sintra —
AMADORA: Melo, P. D. João
 I, 9-B (T. 4932756). Permanen-
 te; **Central,** Av. Cardoso Lo-
 pes, 25-A (T. 4932210). Até às
 22 horas; **DAMAIA:** Damaia,
 P. Alexandre de Gusmão, 9-B
 (T. 970523). Até às 22 horas;
QUELUZ: André, Av. Elias
 Garcia, 151 (T. 950043). Per-
 manente; **CAMARATE:** Flo-
 res, Av. das Forças Armadas,
 Vivenda Mor, Catujal (T.
 2510850). Até às 19 horas;
CACÉM: Rodrigues Garcia,
 Av. dos Bons Amigos, lote 5-D
 (T. 9213693). Permanente;
MEM MARTINS: Cristina,
 Av. Vitorino Nemésio, 14-A
 (T. 9210012). Permanente;
MERCÊS: Claro Russo, R.
 Abade de Faria, 2-A (T.
 9215275). Até às 22 horas;
RINCHOA: Cargaleiro Lou-
 renço, C. da Rinchoa, 38 (T.
 9262006). Até às 22 horas;
SINTRA: Misericórdia, Pen-
 doia, 17 (T. 9231070). Perma-
 nente; **COLARES:** Abreja (T.
 9290088); **SÃO PEDRO DE**
SINTRA: Valentim (T.
 9230456). Permanente.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

De terça a sábado, às 21.45; domingo, às 16.30

«ROMANCE DE LOBOS», de Ramon Valle-In-
 clán. Encenação de Xosé Blanco Xil. Cenários e
 figurinos de Simon Soarez. Música de Manuel Bol-
 boa. Escolha de J. Mendez. Coreografia de Fernando
 Lima. Intérpretes: Ruy de Carvalho, João Perry,
 Manuela Cassola, Eunice Muñoz, entre outros.

Teatro da Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 32 00 00

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingo, às 16.00

«TRILOGIA DA GUERRA» (1.ª parte), de
 Edward Bond. Tradução de Miguel Cintra, Luís
 Lima e José Manuel Mendes. Encenação de Luís Mi-
 guel Cintra.

Vasco Santana

Av. da República, 16 — Tel. 76 86 09

De terça a sáb., às 21.30. domingos, às 16.00

«AS SENHORAS DAS QUINTAS-FEIRAS»,
 de Lohé Bellon. Pelo Teatro-Estúdio de Lisboa.
 Tradução e dramatização Monique Rutler. Encena-
 ção de Luzia Maria Martins. Intérpretes: Carlos Viei-
 ra de Almeida, Clara Joana, Luísa Ortigoso, Manuel
 Medonça e Maria Dulce.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

De 4.ª a sábado, às 21.45; sábado e domingo, às
 16.00

«O DIABINHO DA MÃO FURADA», de Antó-
 nio José da Silva, «O Judeu». Encenação de Hélder
 Costa. Interpretação de João Maria Pinto, Maria do
 Céu Guerra, Paula de Sousa, Teresa Faria, Maria
 João Luís, António Gomes, João Azevedo e Luís
 Tomar.

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 23.00; domingos e
 feriados, às 16.00

«LISBOA, TEJO E TUDO», de César de Olivei-
 ra, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de
 César de Oliveira.

TEATROS

Teatro da Graça

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingo, às 16.00

«O PAÍS DO DRAGÃO», de Tennessee Wil-
 liams. Pelo Grupo de Teatro Hoje. Encenação de
 Carlos Fernando. Intérpretes: Alexandre de Sousa,
 Elias Lisboa, Fernanda Coimbra, Isabel de Castro,
 Lia Gama, Manuel Mendes, Maria José Pascoal,
 Maria José e Rui Pedro. Cenografia de Dalton Salem
 Asseff.

A Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

Sala Café Teatro

Sextas e sábados, às 23.00

«FARSA VOCÊ MESMO», de Abel Neves, Car-
 los Paulo e Ary dos Santos. Intérpretes: Almeno
 Gonçalves, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Isabel
 Medina Paulo Ferreira e Manuela Couto.

Teatro do Triângulo

R. da Cintura do Porto de Lisboa, Santos — Tel.
 67 61 91

De terça a sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

«O FÍSICO PRODIGIOSO», de Jorge de Sena.
 Adaptação e encenação: André Nuno.

Teatro Manzum

R. dos Poiais de São Bento, 75-B, 2.º — Tel.
 60 18 66

«BELA-CALÍGULA», de Augusto Sobral. En-
 cenção: Rogério Vieira. Cenários: Augusto Sobral.
 Figurinos: Jasmin. Intérpretes: Manuel Cintra e Sil-
 vina Pereira.

Teatro Galeria Monumental

Campo dos Mártires da Pátria, 101 — Tel.
 53 38 48

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

«JOGOS DE PRAIA», de E. A. Whitehead. Pela
 Companhia das Luzes. Encenação: Diogo Dória e
 João Canijo. Intérpretes: Diogo Dória, Rita Blanco,
 Susana Borges e Vitor Norte.

Casa da Comédia

R. Francisco Borja, 24 — Tel. 69 72 99

De terça a sábado, às 21.45; domingo, às 17.00

«ELECTRA OU A QUEDA DAS MASCA-
 RAS», de Marguerite Yourcenar. Encenação: Filipe
 La Féria. Intérpretes: Glicínia Quartim, João de Ávi-
 la, Juvenal Garcês, Rocha Santos, Virgílio Castelo e
 Zita Duarte.

Cascais — Espaço TEC

Junto ao Pão de Açúcar

De terça a domingo, às 21.45; sábados, domingos e
 feriados, também às 17.00

«APARECEU A MARGARIDA». Texto e ence-
 nação: Roberto Athayde. Cenários: Fernando Filipe.
 Intérpretes: Graça Lobo e João Soromenho.

Estoril — Teatro Mirta Casimiro

Av. Fausto de Figueiredo — Tel. 267 03 20

De 5.ª a sábado, às 21.30; sábado e domingo, às
 17.00

«TARTUFO», de Molière. Pelo Teatro Experi-
 mental de Cascais. Encenação de Rogério de Carva-
 lho. Interpretação de Santos Manuel, Marília Costa,
 João Vasco, Luísa Salgueiro, Paulo B., Alexandra
 Lencastre e Luís Rizo, entre outros.

Teatro da Nova — Universidade Nova

Av. de Berna, 24

De 2.ª a sábado, às 21.30

«A QUEDA E O COICE 'VULGO' ROQUE À
 PRESIDÊNCIA», de Rui Costa Lopes. Pelo Teatro
 da Nova. Encenação de Carlos Fogaça. Interpretação
 de Carlos do Rosário, Milena Barbas e Rui Martins,
 entre outros (Estreado em 25 de Maio de 1987).

TEATRO ABERTO

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

5.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«A SEGUNDA VIDA DE FRANCISCO DE
 ASSIS», de José Saramago. Cenário e encenação de
 Norberto Barroca. Figurinos de José Costa Reis.
 Música de Paulino Garcia. (Com o apoio de «Diário
 de Lisboa».)

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 17079

HORIZONTAIS:

- Leiloeiro. Artigo definido.
- Versejo. Mulo. Nota musical.
- Preposição. Suspiros. Preposi-
ção.
- Cidade do Sudão Francês na
margem do Níger. Mulata.
- Indivíduo misantropo. Nota
musical. Pátria.
- Alcatifa.
- Morada. Acção de empar.
- Ondas curtas. Vassourara o
forno depois de aquecido. Su-
fixo que designa estado.
- Freguesia do concelho de
Loulé. Da Arábia.
- Cidade da Argélia. Aproxima.
- Tomasses de assinatura.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

VERTICAIS:

- Mandrião.
- Versejar. O mesmo que encara.
- Preposição. Sufixo que designa
abundância (pl). Pêlos de cer-
tos animais.
- Distrito da ex-Índia Portu-
guesa. Género de crustáceos
(pl).
- Prefixo de negação. Clima.
- Tempo do verbo ser. Afinal.
- Prefixo de privação.
- Prefixo de negação. Feche as
asas para descer mais depressa.
Espécie de nabo.
- Ruténio (s.q.). Maquinismos
para tecer.
- Descascam. Suspiros.
- Cidade santa da Afábia. Men-
digo.
- Dar oiro a. Superfícies planas
delimitadas.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 17078

HORIZONTAIS:

- A. MULHER. Ps.
- Cl. Úa. Adu.
- Bradai. Card.
- Eu. Ora. Ga.
- Ps. Aa.
- Ama. Não.
- Aral. Bom.
- Eca. Heé. Aro.
- Airó. Re. Li.
- Ursos. Eos.
- Mãos. Soar.

VERTICAIS:

- BELA. É. UM.
- Cru. Maçara.
- Mia. PARAÍSO.
- DOS. Sor.
- Luar. OLHOS.
- Haia.
- 7 INFERNO.
- 8 Raça.
- 9 DA. ALMA. Er.
- 10 PURGATÓRIO.
- 11 DA. BOLSA.

PROVERBIO: A mulher bela é:
 um paraíso dos olhos, inferno
 da alma e purgatório da bolsa.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 15905

HORIZONTAIS:

- República da América Central.
- Divido em toros. Brilhante.
- Do latim ou a ele relativo (pl).
Visceral dupla.
- Abreviatura que se usa em mú-
sica. Comei à ceia.
- Molestem. Apelido.
- Pertences. Personagem do
«Otelo», de Shakespeare.
Antes de Cristo.
- Aquele que foi vítima da sua
própria ambição. Pingue.
- Gorgulhos tropicais. Sabor pi-
cante.
- Pêlos de certos animais. Palá-
cio real.
- Figura que simboliza o povo
americano. Nicaraz.
- Fazer crepitação. Ruim.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

VERTICAIS:

- Antiga província da Palestina,
principal teatro das prédicas de
Jesus Cristo. Sentidas condo-
lências.
- Joeira. Estudante.
- Macacos americanos. Fio de
lão.
- Alcunha dos naturais do Porto
(pl).
- Aventureiro francês que apare-
ceu vestido de mulher na corte
da czarina Isabel. Extremida-
des dos braços. Bismuto (s.q.).
- Ósmio (s.q.). Mitologia.
- Colina na Suécia. Régulo.
Centiare.
- Lutécio (s.q.). Aqui. Lançar o
arpejo a.
- Apre! Caminhar.
- Ena! Incubam.
- Defraudava (fig). Freguesia do
concelho de Guimarães.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 15904

HORIZONTAIS:

- Reguenga. Mi.
- Apertarem.
- Mira. Sereno.
- Aca. Sol.
- Lombadas. Sá.
- Amados.
- Apurados. Va.
- Sari. Iris.
- Batávia.
- Rodada. Sião.
- Amo. Asa. Oso.

VERTICAIS:

- Ramahal. Rã.
- Épico. Bom.
- Geram. Usado.
- Ura. Barata.
- Te. Camarada.
- Nas. Dédivas.
- 7 Grelado.
- 8 Aer. Sósias.
- 9 Més. Io.
- 10 Nós. Viras.
- 11 Isoladas. Oó.

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rocklândia; 17.00: Campanha eleitoral; 18.00: Campanha eleitoral; 19.00: Informação e música; 20.00: No estúdio e no estúdio; 20.15: Música portuguesa; 20.30: A viver também se aprende; 21.00: Imaginário; 22.00: Campanha eleitoral; 22.30: Campanha eleitoral; 23.00: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

16.05: «Concertos Brandeburgueses», n.º 1, BWV 1046, de Bach; 16.30: Álbum musical; 17.00: Histórias da História; 17.40: Trechos de óperas; 18.40: Música de bailado; 19.00: Integrais; 19.32: Música, de Chopin; 20.40: Solos, de violino, de Kreisler, Falla, Rachmaninov e Wieniawski; 21.00: Histórias de música e... outras; 21.30: Quinteto, para clarinete e cordas, de Artur Bliss; 22.00: 3.º acto, da ópera «A Dama de Espadas», de Tchaikovsky; 23.30: Concerto sinfónico; 00.50: Último andamento; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; 17.00: Feira mágica; 20.00: Peça que a gente passa; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo e resultados; 23.00: 4.ª hora; 01.00: É de noite... já se vê; 03.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; 16.00: Som da frente; 17.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Ao fim e ao cabo; 20.00: Nova geração; 21.00: O sabor da música; 22.00: As mil e uma noites; 23.00: Em órbita; 00.00: Morrison Hotel; 02.00: O rock pode esperar; 03.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1- Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Fim-de-tarde; 20.00: Programa da LAR; 20.30: Cidade nova; 21.00: Propaganda eleitoral; 23.00: Bola branca; 23.30: Suplemento especial; 23.55: Meditando.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Grande bazar.

Voz de Lisboa

15.00: Rádio da cidade; 18.00: Bola branca; 18.30: Sete colinas; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço; 21.00: Propaganda eleitoral; 22.00: Propaganda eleitoral; 23.00: Bola branca; 23.30: As canções da meia-noite; 23.57: Meditando.

RFM-Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

09.00: Os cem mais; 20.00: Propaganda eleitoral; 21.00: Propaganda eleitoral; 22.00: Oceano Pacífico. Noticiários a todas as horas.

RTP

14.35 - Matinée

«O Espadachim»: Na Escócia do século XVIII, há uma contenda entre famílias que vem de há muito. Um dos filhos temerários da família MacArden apaixonou-se pela bela Lady Barbara Glowan. A relação entre eles provoca a ira da família.

16.15 - Brinca Brincando

«O Vento nos Salgueiros»

16.55 - Documentário — FITEI

17.30 - Estádio

Reportagem da etapa Orleans — Renaze da Volta à França em Bicicleta

18.20 - Sumário

18.25 - A Família Bellamy

3º Episódio: Hazel fica alarmada ao descobrir que Hudson anda a fazer uma campanha contra os alemães junto dos criados e pede-lhe para deixar de os assustar com as histórias. Então Hudson decide ir oferecer-se como voluntário para a guerra...

19.30 - Telejornal

20.00 - Bolsa Dia a Dia

20.05 - Boletim Meteorológico

20.10 - Campanha Eleitoral

para a Assembleia da República

«CDU», «PRD» e «PPM»

20.45 - Dona Santa

8º Episódio: De repente, a rotina de Dilela é interrompida. No caminho para a mercearia do bairro, ela encontra um movimento diferente no posto de gasolina. Atraída pelo trabalho de dois modelos, fotógrafos e do director de cena, aproxima-se e acaba por ser convidada pelo director para fazer um teste. Enquanto isso, Sílvio vai à direcção do PDL onde é fotografado para iniciar a sua campanha eleitoral como deputado estadual. Em casa, o casal conta as grandes novidades, e as reacções são diferentes: Dilela aprova com louvor o entusiasmo a candidatura do marido, enquanto Sílvio crítica e desaprova a vontade da esposa em quer ser actriz, criando um conflito que gira em torno dos direitos do homem e da mulher.

21.40 - Campanha Eleitoral para o Parlamento Europeu

«UDP», «MDP/CDE» e «PS»

20.10 - Alf - Uma Coisa do Outro Mundo

17º Episódio: Alf sofre um grande choque eléctrico e fica amnésico. Apesar de toda a família o tentar ajudar a recuperar a memória, Alf julga-se um vendedor de seguros, casado e com uma amante, que fora raptado pelos Tanners.

Realizador: Tom Patchett

22.05 - Primeiro entre Iguais

10º Episódio: A mulher e a ex-mulher de



Às 22.05 no 1º canal, o 10º episódio da série «Primeiro entre Iguais»

Charles Seymour resolve vingar-se dele na sua luta final com Simon Kerslake pela liderança dos conservadores. Andrew Fraser prepara uma moção para derrubar o Governo trabalhista que goza de uma maioria instável, ao mesmo tempo que a doença do Primeiro Ministro oferece a Raymond Gould, então Ministro das Finanças, a sua grande oportunidade política. São convocadas eleições gerais e começa então a grande corrida para o nº 10 de Downing Street.

Realização: Brian Mills

00.05 - Notícias



17.16 - Os Imigrantes

15º Episódio

18.00 - Countdown

19.05 - Simon Show

20.05 - Modelo e Detective

8º Episódio: Ao tentar evitar que uma pessoa se lance de cima de um telhado, Maddie sabe que o homem que a arruinara está em Buenos Aires, onde dirige um casino. E, sem perder tempo, Maddie apanha um avião para a Argentina, decidida a recuperar o seu dinheiro.

21.00 - Jornal das Nove

21.30 - Montra de Livros

21.35 - Sarilhos Com Elas

8º Episódio: Blanche decide frequentar uma escola nocturna para completar o seu curso, mas acaba por aprender mais do que esperava... O seu professor mostra-se totalmente disponível para a ajudar a vencer o exame de psicologia, desde que ela vá estudar para casa dele...

22.05 - O Tempo e o Vento

14º Episódio

22.40 - Soldados

6º Episódio: O processo utilizado pelos exércitos através dos tempos para tentar criar soldados que não cedam ao cansaço nem à tensão da guerra, é o tema deste episódio.

AMANHÃ

RTP-1

10.02 - Às Dez
12.15 - Cambalacho
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - Desenhos Animados
14.00 - Foi Éxito na TV
15.00 - Seja Bem Video
17.00 - Brinca Brincando
17.30 - Estádio
18.30 - Sumário
18.35 - A Família Bellamy
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - Boletim Meteorológico
20.10 - Campanha Eleitoral para a Assembleia da República
20.40 - Dona Santa
21.25 - Campanha Eleitoral para o Parlamento Europeu
22.00 - A Arte de Bem Cozinhar
22.15 - O Programa das Festas
22.45 - Notícias
22.50 - Pelo Noite Dentro

RTP-2

17.16 - Os Imigrantes
18.00 - Countdown
19.00 - Simon Show
20.00 - Modelo e Detective
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - Sarilhos Com Elas
22.00 - Troféu
22.30 - Aventura e Paixão



Cabeleireiro Eva

— É um cabeleireiro para as senhoras que não dispõem de tempo e não querem gastar muito dinheiro.

MANICURE — PEDICURE — DEPILAÇÕES — SAUNA

Pr. Marquês de Pombal, 1 — Lisboa

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1

Primeiro entre Iguais

RTP 2

Sarilhos com Elas

GRUNDIG PORTUGUESA

comércio de artigos electrónicos, Lda.

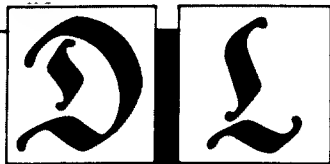
Rua do Comércio, 117
1200-001 LISBOA
Tel. 349 03 61



Cambalacho



PORTE
PAGO



Fundador **Joaquim Manso**

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 11 54-5 - 32 02 71 2 3 Publicidade 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção 32 02 71 2/3
Endereço Telegrafico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição INTERPRESS Rua do Norte 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 - 32 22 04 - 32 07 84

Preço do «DL» na Madeira 40\$00

DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Director **A. Ruella Ramos**

Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

ÚLTIMA HORA

A Fundação Brasileira do Índio (FUNAI), órgão estatal de tutela dos índios brasileiros, foi hoje acusada pelo Conselho Missionário dos Índigenas, de promover o genocídio por autorizar a exploração mineira em terras índias. Cerca de 70 por cento dos 220 mil indígenas brasileiros vivem na região amazônica, cujo subsolo é rico em ouro e outros minerais, além de recursos naturais.



Foi o 13.º suicídio desde o Natal

Jovem parricida enforcou-se numa cela da cadeia do Linhó

Um jovem de 19 anos, Manuel da Conceição Campos, enforcou-se na cela que ocupava na Cadeia do Linhó, em Sintra, elevando assim para treze o número de suicídios registados desde o último Natal nos estabelecimentos prisionais portugueses.

Condenado a uma pena de treze anos por homicídio do pai, Manuel Campos que era o recluso n.º 34, estivera em tratamento psiquiátrico no Hospital-Prisão de Caxias de onde regressara no dia 28 do mês passado.

O suicídio anterior ocorreu em 27 de Maio, na cadeia das Caldas da Rainha, tendo sido vítima o comerciante Carlos Alberto Gomes, de 42 anos, que estava a cumprir uma pena de 14 anos de prisão por furto qualificado.

Crime da Rua do Alecrim

Presos na Judiçiária três suspeitos do homicídio de septuagenária

Uma guarda da esquadra das Mercês da Polícia de Segurança Pública deteve, há dois dias, na zona do Castelo de S. Jorge um jovem, suspeito de co-autoria no homicídio que vitimou, no dia 29 de Julho último, uma septuagenária residente na Rua do Alecrim, em Lisboa.

Eleva-se assim para três o número de detenções relacionadas com aquele crime, cuja vítima, Maria do Carmo Santiago Pinheiro, de 74 anos, terá sido surpreendida sozinho em casa pelos assaltantes e, na circunstância, perante eventual resistência terá sido golpeada por nove vezes com uma faca.

O corpo seria mais tarde encontrado pelo marido quando regressou a casa e, na oportunidade, verificou-se o desaparecimento de dois aparelhos TV, dois rádios, moedas antigas e dinheiro num total de cerca de 150 contos.

Os detidos encontram-se já nos calabouços da PJ a cargo da qual se encontram as investigações.

Aquela Polícia confirmou esta manhã as capturas, indicando que os presumíveis homicidas, de idades entre 26 e 28 anos, são tóxicodependentes e dedicavam-se habitualmente ao furto em especial por assalto a residências. A PJ revelaria ainda que os elementos provatórios contra os suspeitos não são ainda conclusivos embora suficientes para verem confirmadas as prisões pelo juiz de Instrução Criminal que não lhes admitiu caução.

Dívida externa em Fevereiro era de 2 400 milhões de contos

A dívida externa portuguesa atingia em finais de Fevereiro um montante de 16,6 mil milhões de dólares, segundo os últimos dados do Banco de Portugal, o que corresponde em escudos, ao câmbio actual, a 2.400 milhões de contos.

A serem fiáveis estes números, ou melhor, se os critérios utilizados para a contabilizar forem os mesmos da OCDE, isto significaria que desde fins de 1985, praticamente no período de um ano, a dívida teria sido reduzida em 5,2 mil milhões de dólares.

Com efeito, o relatório anual da OCDE, hoje divulgado em Paris, diz que a dívida bruta portuguesa totalizava 21.852 milhões de dólares em fins de 85 (uns 3.200 milhões de contos), mais 2.948 milhões de dólares do que em 1982.



SÁ MACHADO, candidato português à direcção-geral da UNESCO, almoçou ontem, em Lisboa, com embaixadores dos países latino-americanos na sequência dos contactos que tem vindo a efectuar com os representantes das missões diplomáticas em Portugal. Sá Machado, cuja candidatura foi apresentada pelo Governo português em Abril, almoçou também recentemente com diplomatas da Comunidade Europeia e do Japão. No âmbito das acções programadas a nível externo, Sá Machado parte proximo num périplo de duas semanas pela União Soviética, Suécia, Dinamarca, Alemanha Federal, Bélgica, Holanda e Espanha.

MADONNA acaba de inscrever o seu nome no livro de recordes «Guinness» como a artista feminina que mais bilhetes vendeu para concertos na Grã-Bretanha. A cantora norte-americana dará um concerto em Agosto no Estádio de Wembley, na capital britânica, depois de ter esgotado em 18 horas os bilhetes dos dois primeiros, num total de 144 mil entradas.

BARATA FEYO, escultor, foi galardoado, por unanimidade do júri, com o Prémio

Aquisição 87 pela Academia Nacional de Belas Artes. Esta distinção passou a integrar, desde 1983, os antigos prémios anuais daquela instituição e destina-se «aos artistas portugueses, nos domínios da arquitectura, da escultura e da pintura, autores de uma obra que, pela sua qualidade, seja considerada relevante no contexto da cultura nacional». Barata Feyo, depois de participar, em Lisboa, nas décadas de 20 a 40, nos movimentos renovadores da arte e da cultura, radicou-se, definitivamente, no Porto, onde, como professor catedrático da Escola de Belas-Artes, marcou várias gerações, enquanto prosseguia a notável carreira de estatuariário com inúmeros trabalhos, que lhe conferem uma posição de maior destaque.

ANTUNES VARELA presidiu à comissão para a reforma do sistema processual civil, que entregou ontem ao actual titular da pasta da Justiça o anteprojecto do novo Código de Processo Civil. Na ocasião, o ministro Mário Raposo salientou a «fundamental incidência das leis de processo na funcionalidade do sistema judiciário» e destacou o seu empenho no

desenrolar dos trabalhos da Comissão presidida pelo catedrático Antunes Varela.

SOFIA e Juan Carlos, reis de Espanha, chegaram já a Praga, procedentes da Hungria, para uma visita oficial de três dias à Checoslováquia — anunciou a agência oficial CTK. Gustav Husak, chefe de Estado e do Partido Comunista, deu as boas vindas ao casal real no Aeroporto de Praga-Ruzyně. Esta é a primeira visita à Checoslováquia de um chefe de Estado espanhol desde que os dois países encetaram relações diplomáticas em 1921. Estas relações bilaterais foram interrompidas em 1939, e reatadas em 1977.

LUÍS SÁ é o autor do livro «Soberania e integração na CEE», que ontem foi apresentado na Casa da Imprensa. Na ocasião, referiu o autor: «O desconhecimento e ignorância em Portugal sobre a integração na CEE — não cito sondagens, mas se erro é por defeito — atinge pelo menos metade da população», acrescentando que «é caso para perguntar: a quem aproveita esta desinformação?». A esta e outras perguntas responde o livro de Luís Sá.

Provedor de Justiça censura Governo

A Provedoria de Justiça emitiu um parecer em que considera que os sindicatos médicos deveriam ter sido consultados pelo Governo antes da promulgação de um decreto-lei sobre as carreiras da classe.

O decreto, que foi promulgado a 26 de Fevereiro, dá supremacia à carreira docente universitária em detrimento da carreira médica hospitalar, para efeitos de concursos e preenchimentos de vagas dos quadros, o que o Sindicato dos Médicos da Zona Sul contesta.

O parecer, fundamentado em análises de juristas como Vital Moreira, Gomes Canotilho, Hernâni Lencastre, Marcelo Caetano e João Alfaia, não ficou sintonizado com a argumentação do Ministério da Saúde, que defendia que o Decreto-Lei 313/84 estava fora de qualquer negociação. Recomenda mesmo o provedor de Justiça no seu parecer que «situações destas não se voltem a repetir».

Seguidamente, o Sindicato dos Médicos da Zona Sul irá solicitar, assim que o novo Parlamento estiver composto, que o diploma governamental seja declarado inconstitucional e depois revogado.

Verbas para as Misericórdias desbloqueadas

O desbloqueamento de um milhão e duzentos mil contos para proceder ao pagamento das indemnizações devidas pela oficialização dos hospitais da Misericórdia foi autorizado ontem em portaria publicada no «Diário da República».

A portaria, assinada conjuntamente pelos ministérios da Saúde e das Finanças, surge este ano depois do Decreto-Lei 14/80, que previa a reparação dos prejuízos causados às Misericórdias.

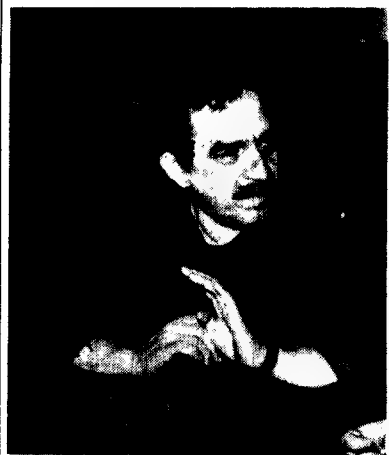
As verbas agora desbloqueadas permitirão o prosseguimento das obras de segurança social e saúde das Misericórdias, sabendo-se já que a Santa Casa da Misericórdia do Porto será contemplada com cerca de 200 mil contos.

LER ESCRIVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS.
NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRES-
PONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72.

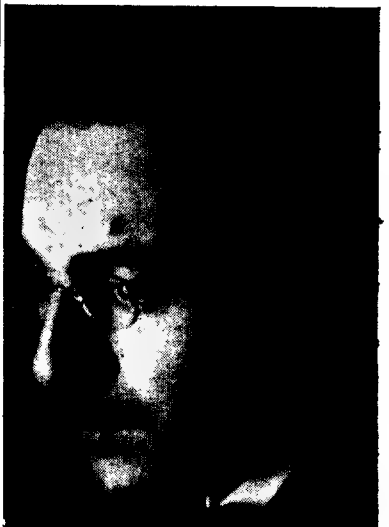
N.º 310

Um conto de García Marquez



Pág. 5

Falsos diários de Fernando Pessoa



Pág. 7

Depois do álbum da D. Quixote, o da Vega: Stuart «ressuscita» no seu centenário, pela mão de um investigador jovem, José Pacheco, que tenta situar a obra do ilustrador, do gráfico, do pintor perante as gerações modernistas. A multiplicidade dos interesses e das ocupações de Stuart, o seu «esgotamento» ao longo de 50 anos de trabalho para páginas de jornais, os seus altos e baixos, surgem aqui enquadrados por um enfoque biográfico e por uma aproximação das épocas que esboça a descrição do «todo» em que ele se inseriu. «Fazedor de bonecos», como ele próprio se definia, Stuart terá sido, para José Pacheco, «um designer que nasceu no tempo certo e num país certo».

Pág. 4

O Stuart de José Pacheco



Ficções

Cenas de pirataria

INSISTO na explicação que já dei: foi a casa, ou melhor, o facto de eu ter estado lá absolutamente só durante todo aquele período. O Inverno tinha acabado, regressava depois do almoço, o sol a pique e a poeira nos pinheiros, com uma sensação crescente de ansiedade alegre. Fechava a porta atrás de mim e, durante horas, deambulava pelos corredores e pátios onde o jogo da luz e sombra e o silêncio aumentavam ainda mais o espaço. Podia gritar, cantar e rir. A absoluta disponibilidade para fazer o que queria afectava-me como um excitante forte, punha-me fora de mim, como costuma dizer-se. Tornava-me teatral, espreitava os cantos e as pinturas de olhos esbugalhados, encenava poses frente aos grandes espelhos. Pouco a pouco ia ficando eufórico, descontrolado, entre a representação e a sinceridade, complemento necessário das memórias, das paredes a que me agarrava como um amante ou como um animal com cio. Fi-

cava, depois, muito tempo imóvel, passando os olhos por cada objecto já muito conhecido a tremer de excitação, à espera. Foi numa dessas ocasiões que a vi, a brincar no jardim do lado de lá do muro baixo. Olhei-a distraído comigo. De repente afastou-se para trás de um arbusto e, virada para mim, encolheu-se pelo cortinado, sentou-se no chão, levantou as saias e, inclinando para trás a cabeça, de olhos fechados, introduziu dois dedos ondulantes por baixo do tecido branco. Daí em diante o seu fantasma passou a acompanhar-me na minha singular ocupação da casa e foi esta que tornou a imagem das suas coxas abertas obsessivas e fez germinar a ideia na minha cabeça. Espreitava-a agora todos os dias, estudava cuidadosamente os seus hábitos e gestos. Obcecava-me a maneira como o vestido lhe moldava as ancas, a penugem loura da barriga das pernas, a sombra da carne quando se coçava um pouco acima dos joelhos. Passei a andar



quase doente, irritável, insatisfeito com a casa, as paredes, os frescos. O plano que elaborei era apenas mais um devaneio, cheio de hipóteses e mais hipóteses, tão irreal como os outros. Acho que comprei o frasco de clorofórmio para agudizar a sensação de realidade como fazia com peças de roupa, desenhos, objectos aparentemente sem sentido. E foi mais uma vez a casa que decidiu tudo. Tinha deixado

afastadas as cortinas de uma das janelas. Foi por aí que entrou o aro que ela atirou desajeitadamente por cima do muro. Comecei imediatamente a representar. Com um esgar maldoso, gestos de teatro, agarrei o frasco de clorofórmio e um pano, atravessei como um réptil o pátio e o corredor, entreabri a porta de entrada e escondi-me no silêncio. Só o coração aos saltos e o suor na palma das mãos desmentia a teatralidade que eu por isso mesmo exagerava ali quieto, na sombra do biombo de seda. Ouvi-a bater repetidas vezes à porta, mas não me movi. Vi-a depois entrar cuidadosamente, chamar para o silêncio e procurar com os olhos a sala. O aro tinha rolado para debaixo de uma mesa (sempre a casa e as suas habilidades...) e ela teve que se curvar e deitar no chão para o ir buscar. O vestido enrolou-se-lhe na cintura e as suas nádegas nuas e brancas de jovem fêmea perturbaram-me de tal modo que me esqueci de abrir o frasco. Quando se levantou para

sair, revii num relâmpago aquela casa deserta e como gostava dela assim. Percebi que a morte daquela jovem era indispensável. Estava de costas para mim a caminho da saída. Como, depois de a estrangular (o calor do corpo a debater-se contra o meu...), lhe enfiei um saco na cabeça nunca lhe vi os olhos e consegui, desse modo, ficar sozinho. Levei-a, com infinita ternura, para um quarto e durante algumas horas, meio a sonhar meio acordado, despia-a, lavei-a com mãos de veludo e garras de abutre, deitei-a, gritei e gemi sobre ela, atroando as paredes daquela casa com o meu absoluto poder e solidão.

É tudo o que tenho a dizer. Faço, para finalizar, um pedido que pode parecer estranho mas que não me parece difícil de realizar: já que tenho de ficar no cárcere o resto da minha vida, ponham-me naquela casa, dêem-me comida como fariam numa vulgar cela.

Heliogábal

Raízes do Romantismo

A Alemanha ganhou consciência de si própria bem mais tardiamente do que outros países da Europa, ao contrário da França e da Inglaterra, que, poucos séculos volvidos sobre as grandes invasões bárbaras do século V, d.C., começavam já a conhecer uma identidade unificadora, a Alemanha permaneceria, por longo espaço, praticamente até à contemporaneidade — e, muito especialmente, na sequência da Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) —, uma «manta de retalhos», repartida por tão raros minúsculos territórios, muitos deles subordinados uns aos outros, ao sabor das vicissitudes do feudalismo.

A histórica intervenção de Lutero, contribuindo, a golpes de audácia e de génio, para a criação do alemão moderno, lograra lançar, com apreciável consistência, um fermento aglutinador da pátria alemã.

Longo caminho, porém, havia ainda a percorrer, até que os interesses colectivos, a nação alemã, se impusessem de forma definitiva ao particularismo dos pequenos Estados, aos interesses privados dos territórios. A repressão que recaí sobre a revolta camponesa de 1525 ilustraria, de resto, e desde logo, a aspereza dos caminhos a trilhar.

Enquanto em França e na Inglaterra (e mesmo nos países ibéricos, se bem que aí adentro de outros parâmetros — cronológicos, inclusivamente) crescera e se afirmara, sobretudo nos planos económico e social, toda uma burguesia — crescimento que se torna um dado ad-



quirido nos séculos XV e XVI —, na Alemanha a sociedade manteve-se, durante os últimos séculos da Idade Média e ao longo de toda a Idade Moderna, uma estrutura de características arcaicas, nela avultando o peso da componente rural e do esquema feudalístico. Carlos Magno e a instituição do Sacro-Império Romano-Germânico tinham criado um quadro jurídico-formal, sem dúvida útil; não haviam logrado ainda, porém, plasmar a verdadeira «Gemut» da nação alemã.

Daí, o carácter retrógrado das condições socio-políticas da Alemanha ao findar do século XVIII, carácter retrógrado que a comparação com o que, entretanto, se pas-

sava em França mais fazia ressaltar.

Em França, com efeito, operava-se a revolução — a grande Revolução Francesa. A burguesia ascendia, enfim, ao poder político. A monarquia absoluta fora derrubada. Uma primeira constituição política surgiu (1791). Tomados como contrarrevolucionários, Luís XVI e Maria Antonieta tinham acabado por ser eliminados (1793). A tomada da Bastilha, a extinção dos privilégios de classe por decisão lavrada na legendaria noite de 4 de Agosto de 1789, as primeiras leis de feição francamente revolucionária, e tantos outros episódios marcantes, haviam acordado profundos ecos nos países europeus ainda sujeitos ao absolutismo monárquico. Em

quem, porém? Em que exactos sectores das respectivas populações? Nos elementos mais cultos; nos escritores, nos artistas, nos pensadores — enfim, na camada intelectual mais avançada, a qual, nos Estados onde a burguesia adquirira já peso significativo, era, sobretudo, da extracção burguesa.

Já a segunda fase da Revolução Francesa iniciara o seu curso, já os exércitos napoleónicos se dirigiam a diversos pontos da Europa, e ainda numerosos desses intelectuais eram levados a encarar a França como a pátria que libertaria as outras pátrias. Homens do «*turm und Drang*» (o próprio Goethe, ainda que, em relação à política concreta, sempre muito reticente) chegam a comungar de semelhante esperança. Esperança que não é, todavia, compartilhada pela grande massa da população, dado o desfazimento da sua evolução cultural. Mas esperança, também, que não tardará a ser secundada por acabrunhante desilusão.

Ora, será o Romantismo que, olhando à realidade da Nação (que a «*Aufklärung*» esquecera), à identidade do Povo ao longo da História, procurando tomar cada vez mais nítida consciência do «*Volksgeist*», visando à síntese do presente com o passado, tentando, nestes, pressentir o futuro, será o Romantismo, dizíamos, que irá apostar, justamente, no despertar e acentuar da consciência nacional (surge, nomeadamente, a «*Volkslandlied*»), na interpretação da consciência do artista com a da Nação, na recuperação da religião (tal como a viven-

ciava o povo), com vista a compensar o redutor esquematismo racional dos «*Aufklärer*».

Hipertrofiando aparentemente o seu papel, a sua função, na arte e na sociedade, o romântico não deixará porém, de visar uma determinada harmonia. Com efeito, ele afasta-se do dia, para poder ver a noite; do sol, para poder contemplar a lua (que, no fundo, semelha a luz e a energia solares); da razão, pra poder experimentar a religião... O romântico, olhando para o seu mundo interior, ou para o muito que está interiorizado na psique colectiva (os sonhos que percorrem os «*Märchen*» ou os do «*Student Anselmus*» em «*Dergoldne Topf*», nas «*Vigílias*» de Hoffmann), ultrapassa a vulgar maneira de ver as coisas, ilumina a transitoriedade do quotidiano com o «*unendlich*», o «*unheimlich*», o «*unbekannt*» da poesia universal. Ele, romântico, sabe que em todas as coisas dorme uma canção («*schläft ein Lied in allen Dingen*» — Eichendorf), sabe que é, ele, o único ser a quem é dado penetrar no destino das coisas e dos homens, destino que acabará sempre por ser, como pretenderá Novalis, um retorno ao passado, a casa, a Deus — à eternidade, enfim («*Es ist die Dauer des Schlafs*» —, reflectirá Novalis no segundo dos seus «*Hymnen*»...). Eternidade, essa, de que tudo lhe fala, ao romântico, a começar pela Natureza que, com olhos ávidos, o mesmo romântico contempla...

Manuel Alexandre Alvim

Iluminuras Filomena Cabral Átlio

«**M**ETADE de mim, o meu outro corpo, necessário como água à corrente e esta ao leito de extravasado rio, és», afirma Filomena Cabral no primeiro texto de «*Iluminuras*». Isto é: no seu recente livro de poesia consagrada à tematização do amor.

Canta-se o amor de um modo sereno, onde se reflecte o tempo. O modo como as coisas se transformam. Deterioram?, apetece-me perguntar ao ler: «Aconchegado ao medo aguardas / e poderia dizer-te / uma ninfa ainda no bosque / rasto odor / o verde esmagado / Na primeira estação do ano / decidias decifrar um prado / e sentir no corpo flores rasteiras / pequenas e quase sempre amarelas.» Ou: «Hoje, não és metade de mim, sim ilha de arquipelago imenso por cujo istmo me desloco penosa, dolorosamente.»

Também a solidão existencial se espelha nesta escrita clara. Transbordante de música como se de pequena cascata se tratasse. Daí o afirmar e questionar da autora: «No caminho sinuoso da vida encontramos eremitas vários. / Onde estarão os companheiros da estrada?» Ou:

«Encerraram-me numa torre de silêncio construída de palavras, palavras silenciosas; (...) / Junto as mãos para o desespero, cerro os punhos, aproximo-os da boca, faço-os descer até às ancas e assim fico olhando, sem ver, palavras que esfomeadamente gostaria de devorar e devolver.»

Bonito é este livro de Filomena Cabral porque nele a palavra se edifica legível luminosidade. Transparencia acessível a todos. Cito: «Não te disse ainda o apaziguamento / e não escutarei exigências vagas / dissimuladas nas pregas dos sentidos / quisera ausente / o medo radicado / em minha superfície.» Ou: «Imita os pássaros / esconde a cabeça sob asa sedosa: / O esgar da descrença magoa.» Bonito ainda pelas graciosas iluminuras que acompanham alguns textos.

Um conjunto de poemas de amor se apresenta «*Iluminuras*» (Que belo título!). Uma rítmica sequência temática onde a intensidade do começo se vai suavizando quando o distanciamento afectivo toca a autor. Donde o seu interrogador no penúltimo texto: «Terei sido espectadora e participante em ritual macabro, agónico, quando imaginava atingirmos o cume do sentimento?»

Ana Paula Portugal



As «Metamorfosi» de Jorge de Sena na «Empiria» de Roma

Em Janeiro ou Fevereiro deste ano de 1987 apareceu em Itália uma edição (bilingue) de *Metamorfoses* (*Metamorfosi*) de Jorge de Sena. Chancela Empiria, colecção Poetidiana, a tradução dos poemas do livro, e das notas aos poemas é de Carlo Vittorio Cattaneo, autor também de uma nota de apresentação.

Um *acontecimento*, deve dizer-se liminarmente, na acepção de *acontecimento* como qualquer coisa de não muito frequente, e, desde logo por isso, mais do que assinalável, em português e em Portugal talvez mais do que em italiano e em Itália.

Importa especificar as razões desta qualificação, para que não pareça qualquer coisa como lugar comum, e menos ainda arbitrariedade.

Antes de mais, é a edição de um livro de poesia de um poeta português contemporâneo num espaço linguístico (e num mercado literário) porventura não muito amplo, mas intensamente prestigiado. É certo que o italiano é uma língua falada por apenas uns 60 milhões de falantes («apenas»: o inglês ou o espanhol, por exemplo, são falados por muito mais). Não tem a irradiação do francês, do inglês, até mesmo do alemão, talvez. Mas é um espaço cultural — e de designadamente um espaço literário — dos mais ricos da Europa, e nem precisa de valorizar-se em termos de mercado internacional para que a tradução de um livro de poesia proveniente de outra língua e de outro espaço cultural pareça festejável, desta parte (a portuguesa). Um tanto diverso do que se passa em Portugal, em Itália traduz-se e publica-se tudo o que se justifica ou explica que seja traduzido, — para que haja também em língua italiana o que, em princípio, o público italiano deve conhecer sem ter de recorrer à edição estrangeira. Sem que o recurso à edição estrangeira, em língua estrangeira, significasse alguma coisa de empobrecimento, submissão ou diminuição, é óbvio que a tradução só representa enriquecimento patrimonial e alargamento de perspectivas para uma língua e o que poderíamos chamar os seus *fundos* culturais, — as peças, os textos que, através da tradução e do diálogo com outras línguas e outras culturas, passam a fazer parte do património (cultural) próprio.

É fácil de entender, e podemos entendê-lo melhor perante o caso português e de Portugal, pelo que este já tem (pelo que neste já há) e principalmente pelo que este não tem (e pelo que neste ainda não há). Se tivermos presente que da poesia italiana se contam pelos dedos das mãos (e os dedos das duas mãos talvez sobre para contar) os poetas italianos que já há (e os que ainda não há, principalmente) em português e em Portugal, teremos uma ideia do que são as nossas limitações nestes domínios. O caso ganha aspectos de certa gravidade se considerarmos (como é justo que se considere, o italiano e a Itália como um dos dois espaços linguístico-culturais mais próximos de Portugal e do português; (o outro é o espanhol e Espanha, já se vê). Infelizmente, o reconhecimento disto não está minimamente generalizado, e o que Portugal e portugueses têm por referências mais próximas ainda são o francês e a França, o inglês e Inglaterra (ou os Estados Unidos, o que é bem pior).

Depois, é a publicação, em Itália e em italiano, de um dos melhores livros de um dos maiores poetas da poesia portuguesa contemporânea. Não cabe aqui reproduzir lugares-comuns acerca do livro e do autor, tão familiares eles são, pelo menos daqueles para quem estas referências contam (e para além desses, também, pelo menos no caso de Sena).

Haverá ainda outros motivos de inte-

resse que qualificam especialmente este *acontecimento*, e é o facto de a edição ter sido feita ao cuidado de Carlo Vittorio Cattaneo. Quem é este Carlo Vittorio Cattaneo? O nome deve ser alguma coisa familiar para aqueles que se interessam por estas coisas. Para nós, em português, ele terá começado por ser o último antologado de Sena na antologia deste, *Poesia do Século XX*. Depois disso, o autor de *Três Solidões*, poesia, aqui há anos na Contexto. Não chegou a ser o autor de *O Gesto Ritual* que A Regra do Jogo teve anunciado durante muito tempo na colecção In-Verso. E antes disso será, em italiano, o autor de um livro de poemas, *La Destrutzione per l'Uso*, que não conhecemos.

Cattaneo será certamente mais conhecido pelos seus escritos de análise e interpretação crítica no *Expresso* - *A Revista* e na *Colóquio - Letras*, que fazem dele, a nosso ver, um dos estrangeiros mais conhecedores da poesia portuguesa contemporânea. Apenas se estranha que esses escritos (dezenas deles) não tenham sido, até agora, editados em Portugal, em livro. Precisaram deles (da divulgação arrumada deles) um sem-número de obras de uns tantos autores, muitos deles das promoções de 70 e 80.

Antes disto e depois, Cattaneo tem desenvolvido forte acção no campo da divulgação da poesia portuguesa em italiano. Herberto Helder e Eugénio de Andrade, além de Jorge Sena, entre outros, são dos que lhe devem muito da projecção que terão hoje em Itália. Os outros são uma dezena de autores dos anos 60 e 70, antologados na *Nuova poesia portuguesa*, aqui há uma dezena de anos (que não conhecemos).

Incompreensivelmente, da edição de *Metamorfosi* nada consta acerca de Cattaneo.

Assinale-se que esta edição da Empiria é o terceiro livro individual de Sena que sai em Itália e em italiano, depois de *Exorcismi*, em 75, e *Su questa Spiaggia*, em 84, além de figuração em pelo menos uma antologia, que também não conhecemos: *Da Pessoa a Oliveira*, de Giuseppe Tavani.

Com isto não se pode dizer que o melhor da obra de Sena já esteja vertido para italiano. *Metamorfoses* é um poema de capital importância na obra do autor, mas esta obra é vastíssima, e dela constam ainda, por exemplo, *Conheço o sal e outros poemas* e *A Arte da Música*, e um lote numeroso de poemários dos anos 40 e 50 o melhor dos quais (ou o mais representativo) será *Fidelidade*. Uma antologia como a proposta pelo próprio Sena em *Trinta Anos de Poesia*, por exemplo (dos livros de *Exorcismos*, 72) daria ao público de qualquer espaço linguístico-cultural alguma ideia do valor desta obra, tal como a dará ao público português.

Metamorfosi, Jorge de Sena, tradução e apresentação de Carlos Vittorio Cattaneo, Empiria, Roma, 1987

Lugarcomum, segunda série, n.º1

Entre 1976 e 1978 publicaram-se em Braga uns cadernos de poesia chamados *Lugarcomum*. Por estes dias — fins de Junho, princípios de Julho — tais cadernos voltam a ser notícia porque acabam de reaparecer, agora com a indicação de que se trata duma segunda série, por conta de que passaram dez anos sobre a primeira, e ainda porque houve alterações no formato — de bolso para o dobro. E é esta a única alteração para além de que o coordenador (e responsável pela edição, ao que julgamos saber) é Vergílio Alberto Vieira, enquanto na primeira série tal responsabilidade era



partilhada com o angolano David Mes- tre.

Dez anos passados justificam uma evocação da primeira série, ainda que limitada aos nomes que aí aparecem, os quais, aliás, vêm nas orelhas deste primeiro volume da segunda. Vinte e nove poetas entraram nos quatro primeiros números: Egito Gonçalves, Eugénio Lisboa, J.H. Santos Barros, Vergílio Alberto Vieira, Adélio Costa Melo, José Manuel Mendes, Olga Gonçalves, Vítor Oliveira Jorge, Casimiro de Brito, E.M. Melo e Castro, Eugénio de Andrade, António Ramos Rosa, José Viale Moutinho (portugueses); Costa Andrade, Rui Duarte de Carvalho, David Mestre (angolanos); Donald Macedo e João Vário (cabo-verdianos); Carlos Espírito Santos (são-tomense); Margarita Ledo Andión e Manuel Maria (galegos); Mário de Oliveira, Raimundo Caruso, Marta Gonçalves, Clodomiro Monteiro (brasileiros); e Nicolás Guillén (cubano).

Neste primeiro caderno da nova série entram os portugueses António Ramos Rosa, José Miguel Braga e Vergílio Alberto Vieira, o angolano David Mestre, os moçambicanos Mía Couto e Sebastião Alba, o cabo-verdiano Sucre de Sal, o brasileiro Jair Ferreira dos Santos, e o galego Xosé Maria Álvarez Caccamo.

Considerando que os três nomes (Ramos Rosa, Mestre e Vieira) aparecem pela segunda vez, temos que é já de 35 o número de autores que *Lugarcomum* tem no activo. O número de peças é ligeiramente maior. A dimensão dos cadernos não tem dado para muito mais

do que uma peça (para não dizermos poema) por cada autor. De qualquer forma, os resultados parecem assinaláveis, como um mínimo de estatísticas faz suspeitar.

Naturalmente, os portugueses predominam, com quase metade do total. Mas entraram já autores de toda a área de língua portuguesa: Portugal, Brasil, os cinco estados africanos. Mais: entrou também a Galiza — e lembremo-nos das pretensões galegas (de sectores mais ou menos numerosos da Galiza, pelo menos) na integração linguística na área (e no sistema) do português. Não podemos dizer com grande propriedade que os galegos, aqui, sejam estrangeiros. O único estrangeiro é Nicolás Guillén — mas até neste caso se inflecte alguma coisa sobre a qualificação de estrangeiro: é certo que Nicolás Guillén é cubano, mas escreve em castelhano (em espanhol, se preferirmos). A inflexão não tinha fundamento: É óbvio que o espanhol é para nós um idioma estrangeiro. Mas tinha objecto: assente-se na ideia de que, por largas razões, o espanhol é o idioma mais próximo do português.

Há mais pormenores que parecerá interessante assinalar. Por exemplo, Eugénio Lisboa entrou por (representando) Moçambique. Contámo-lo porém como português, uma vez que há muito ele se afastou de Moçambique, e, vivendo embora presentemente em Londres, é a Portugal que se encontra ligado. E J.H. Santos Barros entrou por Açores-Portugal: a indicação (trata-se, aliás, somente de indicação de proveniência, não tem nada a ver, em princípio, com representatividade) respeita a

ideia de literatura açoriana, da qual Barros (falecido entretanto) era um razoável defensor (se bem que no quadro, no enquadramento da literatura portuguesa).

Num relance pelos nomes pode anotar-se que alguns — portugueses e outros — são pouco conhecidos. A anotação não vale mais do que estoutira: outros são do topo de referências da poesia a que pertencem.

A ideia (dos coordenadores, agora do coordenador) era publicar peças de autores mais do que conhecidos e, ao mesmo tempo, de autores pouco ou nada conhecidos, segundo cremos.

Neste número de reaparecimento de *Lugarcomum* aparece um nome como José Miguel Braga, de quem não nos consta que alguma vez tenha publicado.

Faltam referências bibliográficas (mínimas que fossem) acerca dos autores. Talvez não coubessem facilmente nas breves dimensões dos cadernos.

Um dia, porém, talvez tudo saia num só volume — o que talvez não tarde muito a justificar-se: as tiragens são reduzidas (não consta quantos exemplares, mas calculamos nós que escassas centenas) e os quatro cadernos da primeira série podem considerar-se hoje raridade bibliográfica.

Uma boa razão para o coleccionador não perder este. Mas, nada de distorções: este tipo de interesses até é secundário, e, de resto, não teria razão de ser se não resultasse de outro — o da qualidade, já se vê.

Luís de Miranda Rocha

Década de 30 — o princípio do isolamento

à longe da dinâmica e da polémica das duas décadas anteriores, os anos 30 irão pautar-se pelo desejo da reunião harmoniosa das duas gerações «modernistas» (23). Assim, o «Salão dos Independentes»,

organizado exactamente em 30, por António Pedro, tendo subjacente este princípio, decide apresentar a curta história do movimento moderno em Portugal, onde Stuart aparece como ilustrador e decorador, dando a ideia de pretender enterrar algo que já não tinha sentido, para propor o início de uma nova fase do movimento artístico português. Cada vez mais arredado do diluído movimento artístico, Stuart contudo, irá manter uma colaboração assídua no «Sempre-Fixe» e na «Ilustração Bertrand», até 34; no «Magazine Bertrand», até 33; no «ABCzinho»; até 31, e com novas experiências, no «Kino», até Março de 31, altura em que esta revista de cinema deixa de se publicar; no «Repórter X», até 32, por convite do seu amigo Reinaldo Ferreira; e ainda no semanário infantil «Sr. Doutor», em 33, onde publica uma nova banda desenhada — «Aventuras dos Autênticos Zuca, Zaruca e Bazaruca».

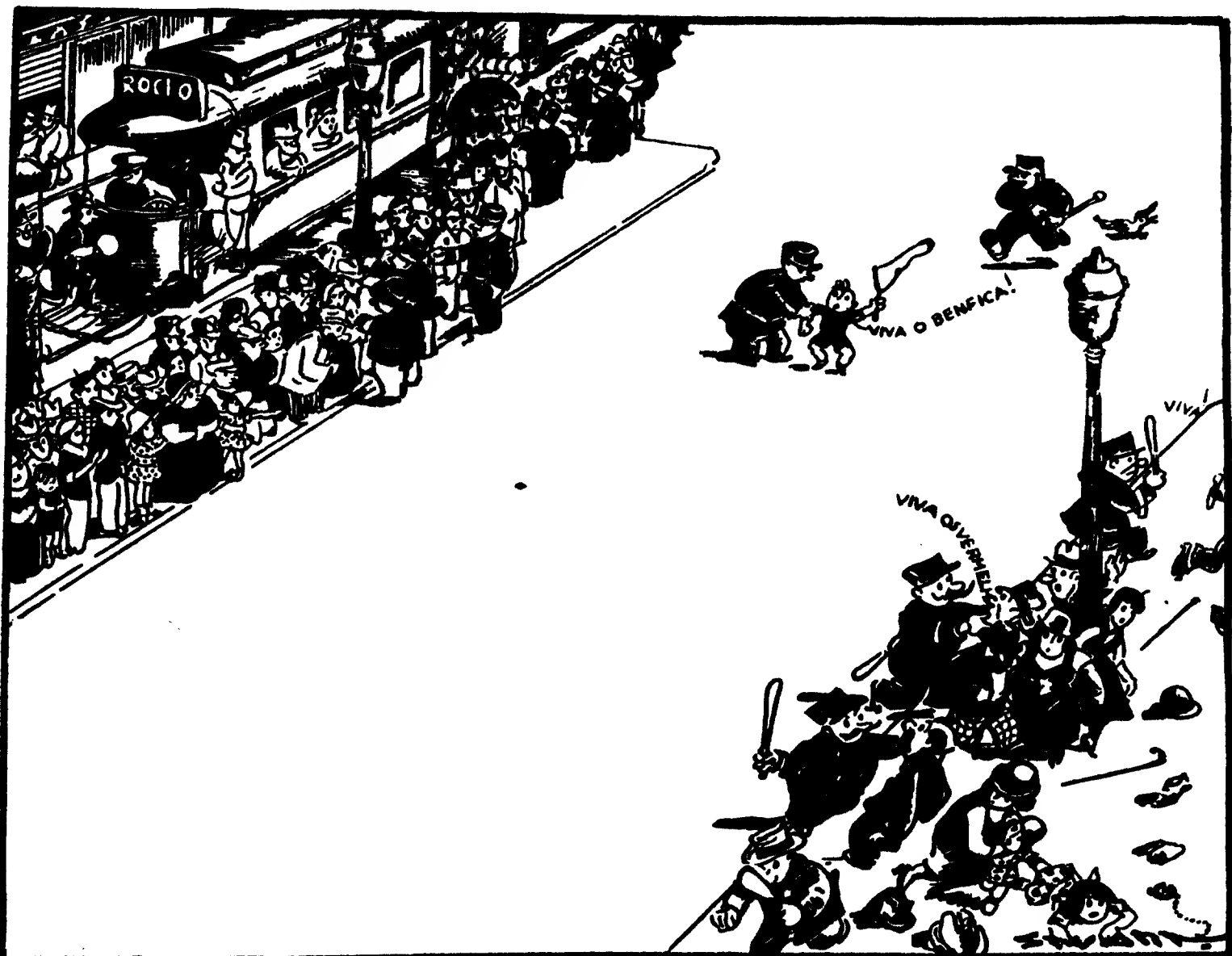
Para além destas experiências, Stuart irá continuar a trabalhar com Lopo Lauer, na concepção dos cenários e figurinos para o teatro-revista e, em 32, fará a sua primeira e única exposição individual, na Casa da Imprensa.

Esta exposição que é anunciada na primeira página do «Sempre-Fixe», torna-se alvo de algum humor, quando o texto que acompanha o seu auto-retrato, destaca que «para em tudo ser original, a Semana do Stuart, até terá «nove dias...» (24).

A exposição caracterizar-se-á «pela modicidade de preços, ao alcance de todas as bolsas, de modo que todos os admiradores do popular artista» tivessem a possibilidade de «adquirir os seus tão apreciados originais» (25). Quanto à crítica, o «Diário de Lisboa», pela pena de Artur Portela, lamenta que «o talento de Stuart Carvahais feito de irregularidades, de defeitos e de divinas perfeições», não se pudesse medir, nem sequer classificar pelo que o artista acabava de expor, acrescentando que «o génio, tomando por padrão o Stuart, é o que ele é; altos e baixos, toda a tecla dos sentimentos e das paixões, ora sinfonia macabra, com acentos goyescos, epilepsias de sonho, ora Primavera de luz, gritos de volúpia, estados de alegria, quasi original e idílico» (26).

Mas o «Diário de Notícias» também dá a esta exposição a importância de uma crítica, onde A.P. — provavelmente também Artur Portela — afirma que «Stuart é um grande artista, na mais perfeita acepção da palavra», e destaca a sua facilidade de representação, o virtuosismo «e ainda a pujança da sua inspiração criadora de beleza e o seu alto sentido estético», que lhe proporcionavam «uma personalidade inconfundível entre os artistas da sua geração» (27). Mas apesar do êxito desta iniciativa, patente na concorrência de visitantes e no elevado número de trabalhos adquiridos, Stuart não voltará a expor sozinho, embora, na mesma Casa da Imprensa, venha a participar na «Exposição de Artes Plásticas», em 35. Por outro lado, até ao fim da década, com o desaparecimento de várias revistas e a desistência, por parte dos magazines ilustrados, da colaboração da quase totalidade dos artistas plásticos, Stuart publicará os seus desenhos sobretudo no «Sempre-Fixe» e no «Diário de Notícias».

Entretanto, continuará a colocar a sua criatividade ao serviço de outro tipo de iniciativas, com foram por exemplo, a execução de cartazes e outros suportes informativos para a Câmara Municipal de Lisboa, em 34 e 35; as ilustrações para «Le peuple portugais et ses caractéristiques sociales», de Francisco Casanova, edição promovida pelo SNI; para «Tragédia Rústica», um conto de Gentil Marques; ainda para «Quem vem lá? Gente de Paz! Gente de Guerra...», de Félix Correia e, por fim; a participação na «Exposição de Motivos de Lisboa — Festas da Cidade», em 35, organizada pela SNBA e sob o patrocínio da C.M.L.

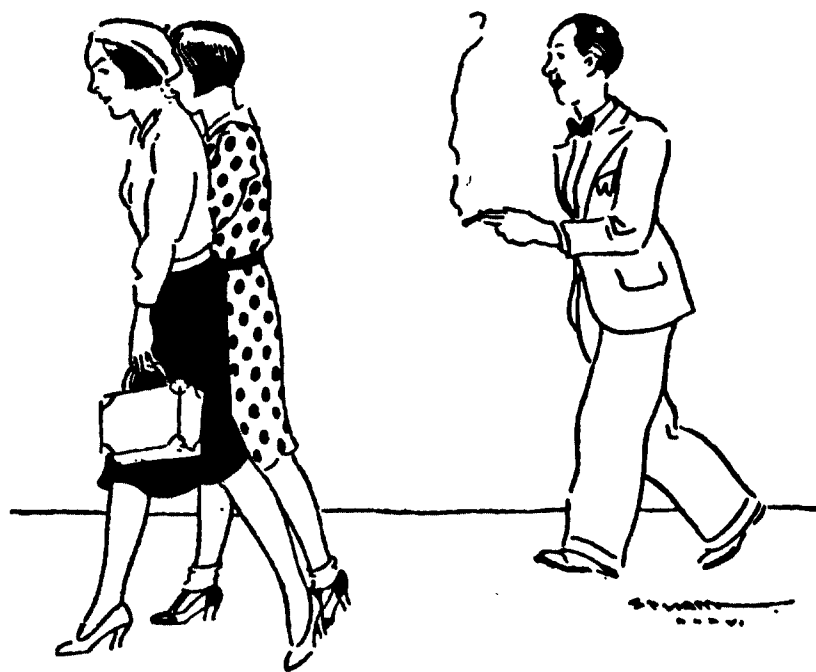


Um aspecto de Lisboa ao Domingo — Capa do «Sempre-Fixe» (1935)



— Uma esmolinha pelo amor de Deus, pois há já dois dias que não como.
— Olha que grande coisa. O Gandhi é capaz de estar um mês e mais e não morrer!...

«Record» — in «Sempre-Fixe» (1936)



— Ai, filha, deve ser comunista! Fugamos!
— Porquê?
— Então não ouviste ele dizer que a vontade dele era fuzilar-nos?!

Comunista... — Desenho in «Sempre-Fixe» (1936)

Excertos de «Stuart e o Modernismo em Portugal», José Pacheco, ed. Vega, 1987.

O mar dos meus contos perdidos

Por Gabriel García Marquez

DURANTE muitos anos quis escrever o conto do homem que se perdia sempre nos sonhos. O homem sonhava que estava a dormir num quarto igual àquele em que dormia na realidade, e também nesse quarto sonhava que estava a dormir, e sonhava o mesmo sonho, num terceiro quarto igual aos dois anteriores. Naquele instante tocava o relógio-despertador na mesa-de-cabeceira, do lado do leito da realidade, e o homem adormecido começava a acordar. Para consegui-lo, naturalmente, tinha de acordar do terceiro sonho para o segundo, mas o fez com tanta cautela, que quando acordou no quarto da realidade já o relógio-despertador tinha parado. Então, acordado completamente, teve o instante de dúvida que foi a sua perdição: o quarto era tão parecido com os outros dos sonhos superpostos que não pôde encontrar causa nenhuma para não duvidar que aquele também era um sonho sonhado.

Mas o seu grande infortúnio foi que cometeu o grande erro de se dormir novamente, ansioso de explorar o quarto do segundo sonho para ver se ali encontrava um sinal mais certo da realidade, e como não o encontrou dormiu-se outra vez no segundo sonho para encontrar a realidade no terceiro, e depois no quarto, e no quinto.

Daí — com os primeiros abalos do terror — começou a acordar de novo para trás, do quinto sonho para o quarto, para o terceiro, e do terceiro para o segundo e no seu impulso louco perdeu além da realidade. De forma tal que seguiu acordado em recuo, nos sonhos doutros quartos que já não estavam à frente mas sim por trás da realidade. Perdido na galeria interminável de quartos iguais, ficou dormido para sempre, passando de um extremo ao outro dos sonhos inconscientes sem encontrar a porta de saída à vida real, e a morte foi um alívio num quarto com um número inconcebível que jamais se pode estabelecer com certeza.

Durante muito tempo pensei que não tinha escrito esse conto de horror porque o seu parentesco com Jorge Luis Borges era muito evidente, mas além disso inferior a todos os seus contos. Porém, agora que o recordo e o escrevo, tomei conta de que o quarto em que o faço — com a máquina de escrever à frente duma janela por onde todo o Mar das Caraíbas entra sem pedir licença — é um quarto igual ao que sempre quis para o sonho do conto: justamente quadrado e de paredes lisas e sem cor, com uma porta e uma janela e nenhum outro móvel diferente da cama simples e a mesa-de-cabeceira com um relógio-despertador que se teria de repetir sem descanso em cada um dos quartos sonhados, mas que devia tocar no quarto real.

Agora que o vejo na realidade dou-me conta de que este conto não era de Borges, mas sim da estirpe mais antiga e arrepiadora de Franz Kafka. Em todo o caso, nunca o

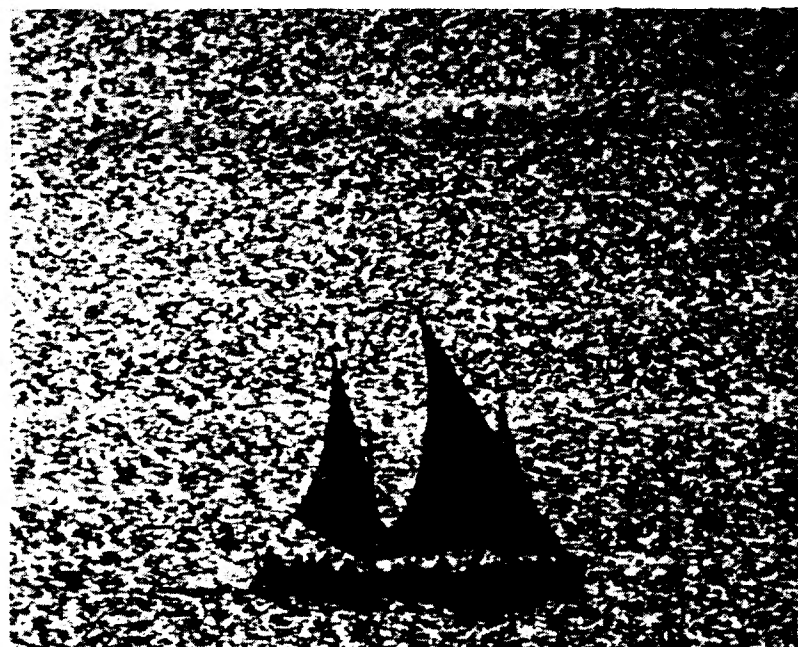
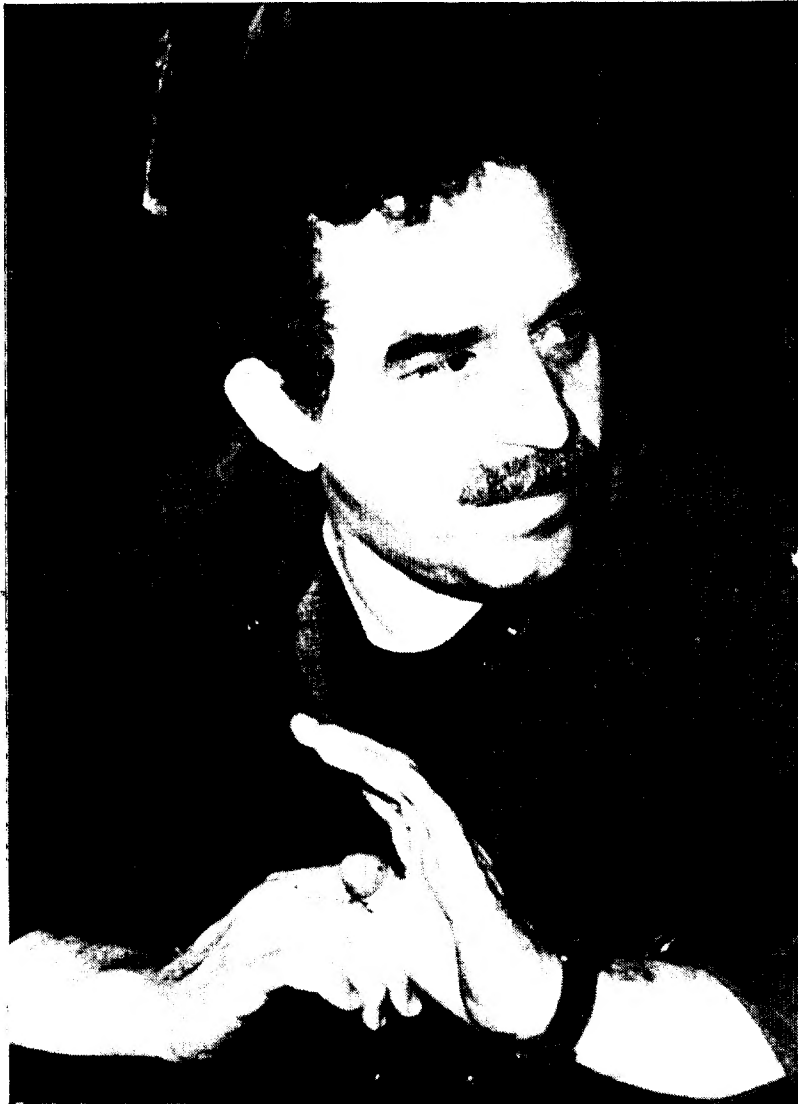
escrevi e talvez seja esse o seu mérito maior.

Não é o único que ficou sem escrever, nem também não foi uma exceção no mundo da literatura; a vida dos escritores está cheia das obras que nunca escreveram, e que talvez em muitos dos casos teriam sido melhores das que escreveram. Mas o curioso é que essa desordem quase interminável de histórias concebidas, jamais nascidas, constituem para os escritores uma parte invisível e importante da sua obra: a parte que nunca verá nas suas obras completas.

Também durante muitos anos, e numa época posterior à do conto, do homem que se perdeu nos sonhos, sonhei com escrever um conto do qual somente tinha o título: **El ahogado que nos traía caracoles** (O afogado que nos trazia caracóis). Recordo que o disse a Álvaro Cepeda Sumudío numa fragante noite na casa de amores de Pilar Ternera, e ele me disse: «Esse título é tão bom que já nem sequer há que escrever o conto.» Quase quarenta anos depois fico surpreendido de comprovar quão certa foi aquela resposta. Com efeito, a imagem do homem imenso e molhado que devia chegar à noite com um punhado de caracóis para as crianças ficou para sempre no desvã dos contos sem escrever. Em troca, perdi muito tempo tentando escrever uma e outra vez o conto do homem que decompunha as máquinas.

De certa forma, essa era uma nova variação do assunto que se converteu na minha maior obsessão inelutável: as pestes. O homem tinha chegado a um povo de artesãos e perguntara por alguém a um homem que estava a trabalhar com um tractor. Sem remédio: o tractor não voltou a funcionar, igual ocorreu com a máquina de costurar da costureira a quem fez a mesma pergunta pouco depois, e a todas as maquinarias de diversos ofícios com cujos proprietários ele teve relação. Fiz muitas versões antes de que o anjo da guarda, que tão mal se ocupa dos escritores teimosos, convenceu-me de que não persistisse mais pela razão mais simples do mundo: era um conto muito mau.

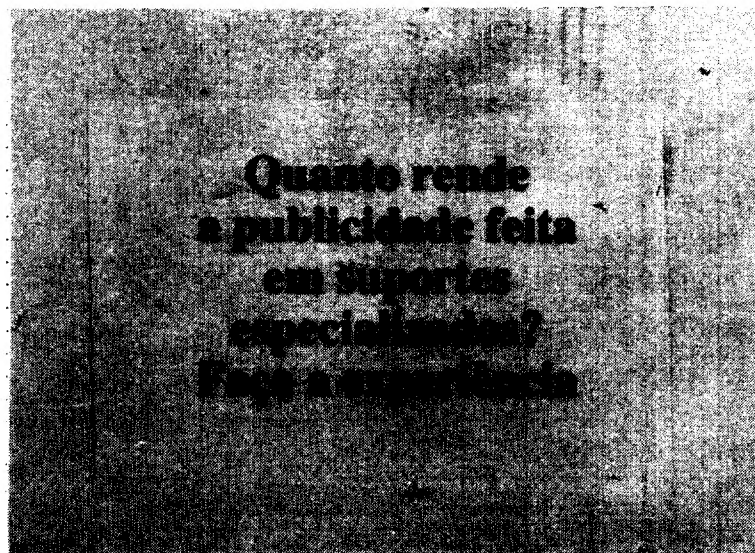
Em troca, sempre acreditei que também era muito bom outro dos



contos que também não pude escrever. Refiro-me ao que concebi numa enlouquecedora tarde transmontana em Cadaqués, o povo mais belo e melhor conservado da Costa Brava. Depois de três dias com aquele vento inclemente tive de repente a revelação deslumbrante de que jamais voltaria a esse povo porque podia custar-me a vida. O personagem do meu conto devia padecer a mesma obsessão durante longos anos, até que, numa noite de festa, contou-a a um grupo de amigos em Barcelona. Os amigos, com toda a intenção de aplicar ao seu medo uma cura de burros, meteram-no à força num automóvel e levaram-no essa mesma noite a Cadaqués. O homem fez a viagem paralisado pela superstição, e quando finalmente viu as luzes do povo, da última curva da montanha, conseguiu safar-se dos amigos e lançou-se a um abismo, incapaz de suportar o terror do regresso.

Nesse estado ficou para sempre a recordação da rapariga que procurou durante muitos anos o desconhecido que a violou num parque, até que ela mesma descobriu que somente queria encontrá-lo porque não podia viver sem ele. E o conto das crianças que conspiraram para matar o rei e no fim o conseguiram com um rebuçado envenenado, e o conto das crianças que mataram o companheiro que sabia tudo porque não podiam suportar que soubesse tanto. Houve um que o terminei: o conto do homem que se meteu numa armadura de aço para assustar os seus amigos numa festa e nunca mais pôde sair dela, de forma tal que continuou a viver nela durante anos e morreu dentro dela de uma boa velhice. Estava quase prestes a publicá-lo quando o leu um amigo providencial, e fez-me chegar à conclusão de que as armaduras dos guerreiros não eram uma única peça — como eu acreditava até essa altura — mas sim que se ia colocando no corpo peça por peça, como os fatos dos toureiros. De forma tal que como tantos outros, também este conto naufragou para sempre, e com toda a justiça, no mar dos contos perdidos.

(Extraído do diário **Juventud Rebelde**)



Na terça-feira

Sete Ponto Sete

SOAP

Aventura inclinada

A GORA que é a estação morta e a pedra da cabeça ausente rola como seixo que aqui fosse, abri-la julgo — tem no meio um lagarto ao sol;

o plano era o inclinado, o gosto. Como também, ao fundo e dos lados, um cavaleiro negro se inclinou numa saudação gentil ao deparar assim, tão cansado, com a ponte cortada pelos que, batidos, retiravam. Em boa ordem, digo, temeram-se ou ao Inverno. E uma coisa é a outra no plano da cabeça, delírio sem anestesia prévia, uma forma, é preciso que não me pergunte quem sou ou ao que venho. Julga ele, ao recolher-se na rua, que é um cão, que é um cartaz descolorido e sem dono que pariu as belas virgens do metal plástico — eu julgo que espero que chova ácido nos meus olhos. O cão que realmente teve absorveu-o a parede, nunca teve a coragem de lhe pedir que não partisse.

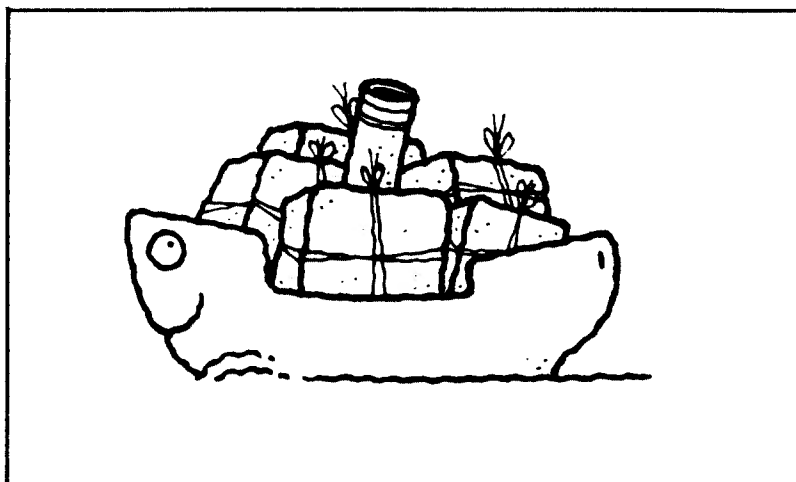
O ruído do mar, ruído do mar apenas, este, da linha de sombra, coalhado, sem vento, de cor verde cinza e ouro, estriado por um sol de alucinogénico. Eia!

Eia ó opacidade simples!
Lírio encandeante das trapeiras!
Aldeão intacto!
Eia! Eia! Eia!

Oh, o elemento essencial das avenidas
(o cimento),
restolhar de cobra que acorda! Eia!

Na cidade do sul, ao lembrar-me o coração, transmuto (segredos de trapeira) a jangada em suor gélido, na nuca. Aqui, desidratados e de rosto voltado a norte, todos os dias morrem os corpos dos seus imortais habitantes. Imortais, mas sem alma. Dar-lhes uma alma foi o que aqui me trouxe. Não é segredo nenhum, é natural isto; a sul, as cidades são infantis de mais. A morte senta-se

connosco à mesa e deita-se nestes mesmos lençóis, entre nós, conhece-nos o fastio, o mínimo gesto antecipa-o sempre. A ti, minha bela, tenho-te na minha cama de campanha, antes da alvorada, como à calma antes da batalha que, de tão madura, cai sem que ninguém a colha em sua palpa de esquecimento e purificação. Sou eu que para o sul te trago comigo, tatuada no coração, e neste rio de lama e sangue (o dia de amanhã, daqui a poucas horas mais) te lanço para que me salves salvando-te eu. Não tenho mais deserto que não atravesse (a sede é sempre tão mais atroz e tão mais árida que torna fácil a desolação desértica entre os poucos oásis que por aqui há), a não ser esta tua imagem, que me guia e me acolhe à noite com censuras mudas. Pareces dizer vai, vai, mais. Como se desde sempre soubesses que teria de ser assim. Por que dissesse vai — e não vem? Pela grinalda que iria trazer-te, com que a fronte cingisses, noiva, senhora de alto preço? Yoko disse o mesmo a John, ó alma minha, que fosse e se encontrasse. E John foi e fechou-se num hotel de Tokyo durante toda uma noite. O bellboy encontrou-o bêbado de manhã. Os seus jornais, sir, disse o bellboy, a criada pergunta se pode arrumar agora o quarto. Então onde, quais as flores para a tua grinalda? Colho-as, campestres, do acaso, como às almas que se ignoram — as mais viçosas e luxuriantes: de cobre-níquel, níquel-vanádio, cobalto-platina, platina-alumínio, fibra óptica, plasma sintético (nos pedúnculos), CAD, CAM, RAM (oh, estes robots, só queria que visses as suas flores-hologramas!), e outras (morning glories, daisies, margaridas, nenúfares, goivos e os cardos agrestes) que me morrem entre as mãos, estioladas pelo pavor nocturno, poucas horas duram depois que a grinalda fica pronta e a pouso sobre o escudo ao lado do catre. Acordo a meio da noite e, à luz da vela, olho a ver se ainda lá está. Temo adormecer, pois, quando ao toque da alvorada acordo, tudo desapareceu, da tua grinalda o que resta em cima do escudo não é mais do que flores com oito dias de jarra em água choca. Lembrei-me já de fotografar uma grinalda logo que a acabasse, ou de tatuar uma na tua imagem sobre o meu coração. Contentar-te-ia isto? Antes um holograma? Poderíamos fingir tudo, teremos um



jogo íntimo de fingimento entre nós. A ideia da tatuagem não é desinteressante de todo, bem pelo contrário — lembra Bradbury, O Homem Tatuado, Rod Steiger. Que achas? Espero a tua resposta sem demora. Acabou-se-me o pão de centeio — poderias mandar-me algum embrulhado em papel estanhado (talvez congelado fosse melhor)? Dois pares de meias de lã também. E tintas para avivar a tatuagem. Beijos onde gostares mais deste teu

Livro das horas, com páginas que se incendeiam de flores mortas, canções do medo. A paisagem canta a sua canção dura ao ouvido, para ninguém imerso que estou na folhagem reflecte-se ela em mim, que a amplio — eu, um seu reflector mais potente que eu, livro apenas, d'algumas horas, d'entre deux guerres. Alguém o deixou na esplanada, numa mesa de toalha aos quadrados vermelhos, indefeso perante a sua própria voracidade, opaco e visível como o pires da conta, círculos de vinho tinto que o sol seca, migalhas, copos, espinhas de sável nos pratos, a mesa dividida por uma linha de sombra. Vem a empregada, recolhe a conta e a toalha e sacode tudo nas traseiras do café, para os gatos. Volta a passar horas depois pelo café vazio e um halo luminoso envolve os objectos todos, contemplo as mesas com jarras de flores ao meio.

Aventura que adversa o vento torna, volta, a de outrora, dum livro lido. Para nós, enforcados que o próprio bafo da ausência balouça em seus ramos secos. E tapa-nos com o teu favor suave as misérias vergonhosas, com o teu soporo insufla-nos perdão para os que pedem um resgate para pagar o preço, alto embora, duma aventura no pião do tempo.

Carlos Leite

Iluminuras Der Letzte Mann

O mal (o bem) é que todos morremos demasiado cedo. Lentamente. Não há nada, de facto, que a apague. A morte é algo que acontece sempre aos outros, demasiado cedo. Antes de tempo. Quando se chega lá, é já demasiado tarde — no hospital, na maca, ao acaso um lençol levantado, inadvertidamente. Já me aconteceu dar de caras com ela e não a reconhecer. A morte é sempre a morte, uma coisa tautológica. Nela, os vivos (os mortos) sempre se equivalem, e a morte, a ela, nada há que a figure verdadeiramente. Também quem este poema escreveu já morreu. Este é, mesmo, o poema do seu enterro.

Felizmente que era belga. Contentava-se com pouco: um pouco de sol — e de silêncio. Na Grande Place, em Bruxelas, com os vidros das janelas a rebrilhar. Por dentro. Morre-se, mas a vida também é bela — mesmo em Bruxelas. Ainda vale a pena vivê-la — e escrever mesmo, de vez em quando, um poema. Enquanto é tempo. Como este. Que seja como um sobretudo. Ou um rio, lento.

Théodore Fraenckel

(*) Este é o último poema conhecido de T. Fraenckel. Rabiscado no papel, à margem, podia-se ler: **Hotel Scheers, Bruxelas, noite de 1 para 2 de Julho** (1950). O autor viria a morrer no dia seguinte, a 3. Sobre T. Fraenckel, de quem temos vindo a publicar aqui a maior parte dos textos conhecidos, pode-se dizer, como **epitáfio** (provisório) que nasceu e morreu em Bruxelas (1900/50), onde exercia a profissão (irónica) de professor de Francês. Frequentou os círculos surrealistas, mas, exceptuando **La Géante** (Ed. Les Lèvres Rouges), a maior parte da sua obra permaneceu, em vida, dispersa (NT).



Territorial

I NSISTO embora na pequenez do ser que pensa ingrátido a grandeza das coisas:

iconoclasta delirante de deuses solitários.
Atlantes ilhas ou nós somos e seus arquipélagos; amigos que nos ladeiam:
a nova linguagem.

a assim não ser, navegador, a ti me arrimo «Ode Marítima», ausente a lusitana suprema voz.
há tempo doméstico / domesticado no tempo vago da inútil dor.

apenas as vertentes da fala, um presente que nos envolve e em névoas manhãs cisma com outras aparições.

alígero me unjo por vossa voz: poder ser vítima inocente... mas vos agrido, pendão vencido numa plaga que julgais só vossa

João Candeias

Diários falsos de Fernando Pessoa

15 de Abril de 1912

O Sol ainda ferrava quando saí, como é meu hábito, dos urinóis do Rossio. Não há dia que não vá lá cumprir a promessa. Alguém me dirige a palavra. Não conheço a pessoa, nem percebo o que ela quer. Contudo aproximo-me delicado. É uma pessoa simpática, de meia-idade, com uma mala à executivo e um fato azul-marinho.

Diz-me que tenho a portinhola aberta. Acontece a qualquerum respondendo, agradecendo. Fiquei humilhado. Mas depressa e o mais disfarçadamente possível tento abotoar-me. Mas um dos botões solta-se e desenrola uma corrida frenética pela berma da Rua Augusta fora. Tento a todo o custo pará-lo, mas não consigo ultraassá-lo. Eu que sempre fui avesso a corridas. Mas não tinha outra hipótese e aumento a velocidade.

A meio da rua choco com Almada Negreiros que «speed», mal eu lhe indico o botão, mas o botão leva grande avanço. Eu não podia mais e continuei a passo de corrida.

O botão acaba por desaguar no Terreiro do Paço onde uma pomba o resgata, largando o rato em putrefacção, engolindo-o. Almada ainda lhe atira com a boina.

Sento-me a fumar um cigarro num desespero terrível. Almada aproxima-se e ajuda-me a levantar e vamos tomar um copo.

5 de Abril de 1912

Sio de madrugada em direcção a Fátima. Há anos que ando para ir lá, mas não me tem sido a favor. Não gosto muito de viajar. É sempre uma chatice. Assim juntei um saco-cama e outros utensílios de uso pessoal e pés ao caminho. Talvez ainda encontre a Ofélia pelo caminho, mas seria improvável, na medida em que ela saiu mais os seus, há quarenta e oito horas. O Mário foi gentilíssimo em me emprestar o saco-cama e vamos á ver no que isto vai dar.

Será uma boa oportunidade para desintoxicar e para observar de perto a sociedade que me rodeia. Não está em causa a minha paixão religiosa. Ou estará. Nunca se sabe, mas até lá, tenho tempo de colocar os meus raciocínios em dia.

Tenho que controlar bem a passada e começa a amanhecer e estou perto de Sacavém. Sento-me um pouco a fumar um cigarro e ligo a telefonia para ouvir as notícias e o tempo. Pelo aspecto julgo que não será mau de todo. Seria engraçado encontrar a Ofélia. O pessoal iria ficar entusiasmadíssimo.

Ao meio-dia estou a chegar a Alenquer. Vou até um pequeno restaurante almoçar e vou até ao pinhal dormir um sono, para poder caminhar pela fresca. Comi um frango assado com batatas fritas e muita alface. Bebi dois litros para adormecer depressa.

6 de Maio de 1912

Acordo sobressaltado. A noite já vai adiantada. Olho as estrelas. Esqueci-me de desligar o rádio.

Estão a dar as notícias da meia-noite. No meu pé rasteja um caracol. Sacudo-o: — Salta daí Ricardo. Ricardo repito. Onde é que fui buscar este Ricardo.

Levanto-me lavo a cara e os dentes e volto a atacar a estrada. Ninguém pelas ruas. Um ou outro peregrino, mas doutra viagem. Os grilos brram que se fartam.

Encontro com um pastor que me pergunta se vou a Fátima. Falo com ele durante uma hora. Chamava-se Ricardo Reis. Achei um pouco estranho andar com o rebanho à noite.

13 de Maio de 1913

Estou há duas horas à espera do Almada. É sempre a mesma coisa. Na volta esqueceu-se. É sempre a mesma coisa. Leio vagarosamente o «Crime» talvez o mais interessante semanário. Compro-o religiosamente. Gostava ... Chamam-me ao telefone é o Almada. Acaba de sacar umas alemãs na estação e não pode vir ter comigo. Aquele Almada nunca me deixou ficar mal. Na capa do crime torno a reparar e em caixa um corpo de uma alemã. Saí do Nicola a reler pormenorizadamente a notícia.

15 de Maio de 1913

Ontem estive todo o dia a escrever. A obsessão era tal que a máquina de escrever não tinha fita.

13 de Maio de 1914

Estou há cinco minutos a olhar-me ao espelho. Sinto-me naduro como uma maçã.

Maçã possuída por um lagarto.

14 de Junho de 1914

A minha virilidade está toda no olhar.

Fui até à beira-mar a ver os pares de namorados a fornicarem.

Como perdem tempo em serem amais.

1 de Julho de 1914

Ando a esquecer-me de lavar os dentes. Por falar nisso não posso me esquecer de fazer a barba e ir ao cinema. Não esquecer de enviar um ramo de flores à Ofélia. A tia dela faz anos.

Tenho que comprar umas cuecas.

E fico teso.

Que se lixe.

2 de Julho de 1914

Tirei umas fotografias. Não gosto de me ver. Se não fosse para o bilhete de identidade, deitava-as fora. Nada de normal, entre estes cadáveres. É uma boa maneira de nos vermos depois de mortos.

A cidade está cheia de suor. Consegui sacar duas carteiras. Bem controlado dá até ao fim de semana.

3 de Julho de 1914

Só morre quem tem coração. Não consegui adormecer. Estive na cervejaria Jansen.

Uma mosca cai dentro do príncipe e evitei bebê-la.

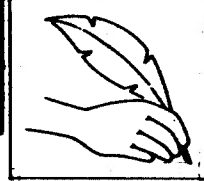
20 de Julho de 1914

A morte pesa-me. Hoje não saí com ela. Estava com febre. Servi-lhe o pequeno-almoço e fui chamar o médico.

A. Dasilva O.



Acabados de Chegar



■ Guia urbanístico e arquitectónico de Lisboa, Ed. Associação dos Arquitectos Portugueses (Secção Regional do Sul)

Fez-se esperar mas vale a espera: alargando o rio aberto pela publicação de um vasto álbum realizado nas décadas de 50 e 60 sobre a arquitectura tradicional portuguesa (há que reeditá-lo, há que reeditá-lo), a AAP esquadrinhou a capital, recensou, contou, classificou, fotografou, identificou tramas, salientou acidentes, ressuscitou o desconhecido, chamou a atenção para a fénix que o banal esconde, juntou tudo e publicou um Guia que interessa a arquitectos e estudantes de arquitectura, mas também a todos os amantes da cidade, todos os nostálgicos das suas várias idades, todos os que, ignorantes do que ela contém, nela derivam ou repetem itinerários sem reconhecer os seus traços históricos, a sua amálgama de passados, a individualidade dos seus protagonistas. Sem dúvida que a publicação, hoje, do Guia da AAP é também um alerta por Lisboa, apesar do seu ar indiferente de grande arquivo de memórias. O arquivo liberta a imaginação, mais que um manifesto. Não serão poucos os que reaperceberão a andar em Lisboa à medida que forem folheando estas páginas. A organização do livro é um projecto que vem de 1981. Custa 1500\$00 e vale o preço. Apenas uma curta citação, respigada da nota de abertura:

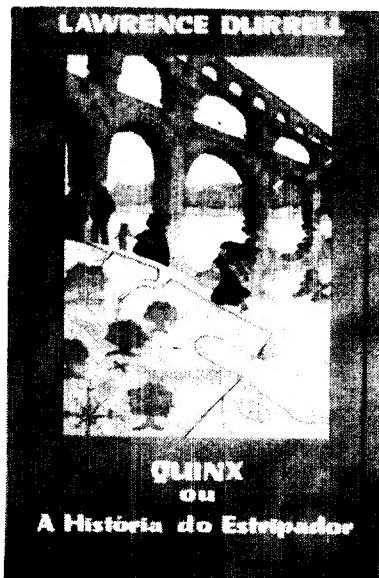
«A arquitectura como arte, como técnica e como ciência humana continua desafiando a compartimentação do saber. Por isso neste guia se tocam áreas convergentes com a História, a Geografia, a Sociologia.»

■ Crónicas de Prydain - IV, O Errante Taran, Lloyd Alexander, Col. Ficção Científica, Publicações Europa-América

É o penúltimo volume da série «Crónicas de Prydain» da qual foram já publicados os seguintes títulos: «O Livro de Três», «O Caldeirão Mágico» e «O Castelo de Llyr».

■ As Vingadoras, Jackie Collins, Publicações Europa-América

Dizia a revista Penthouse que Jackie Collins é «um Harold Robbins no feminino». Quem conhece Robbins sabe, portanto, com o que contar.



■ O Império do Sonho, Alfred Kubin, Col. Contemporâneos de Sempre, Ed. Vega

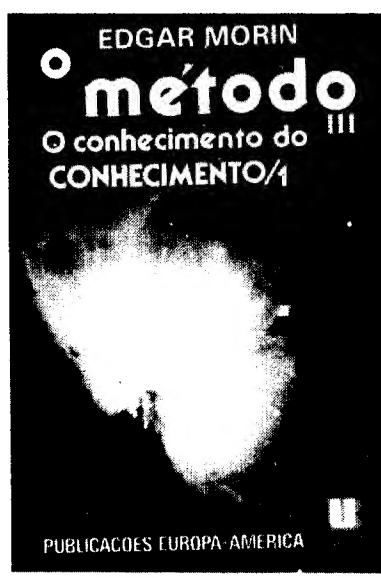
Alfred Kubin descreve neste livro a desagregação de um país imaginário, regido por um poder oculto e habitado por toda a espécie de personagens delirantes, numa narrativa onde é dado grande destaque ao papel do inconsciente e à importância das descobertas de Freud.

■ Zaca, Zaca, António Torrado, Col. Palco, Ed. Rolim

Conhecido principalmente como escritor de livros para crianças, António Torrado fez já várias incursões na escrita de teatro. «Zaca, Zaca», comédia musical, é disso exemplo.

■ O Estado Novo — Das Origens ao Fim da Autarcia (1926 - 1959), Vol. I, Col. Estudos, Ed. Fragmentos

Nesta obra, em dois volumes, são publicadas as principais comunicações



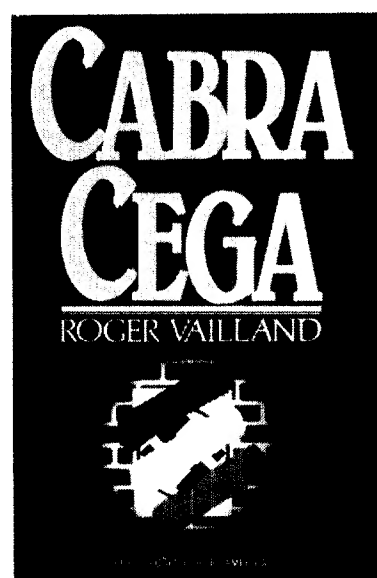
apresentadas no Colóquio Sobre o Estado Novo realizado entre 4 e 6 de Novembro de 1986, na Fundação Gulbenkian, e que reuniu, em Lisboa, especialistas nacionais e estrangeiros.

■ Quinx ou A História do Estripador, Lawrence Durrell, Ed. Difel

Durrell termina com este volume o seu Quinteto de Avinhão. Diz Daniel Gonçalves, que o traduziu, que Quinx é, «acima de tudo o mais, uma angustiada meditação sobre a morte, cuja proximidade Durrell, com os seus 75 anos, não pode deixar de reconhecer». Os que conhecem o Quarteto de Alexandria decerto já se deixaram tentar por este quinteto. Os outros, bom... O melhor é não perderem tempo e dirigirem-se à livraria mais próxima.

■ Pigmalião, Bernard Shaw, Col. Grandes Obras, Publicações Europa-América

Pigmalião, escultor lendário de Chi-



pre, apaixonou-se pela estátua de Galateia, que ele próprio fizera, e desposou-a, havendo obtido que Vénus lhe insuflasse vida... Baseado neste mito, Benard Shaw transpôs para os inícios do nosso século a história de um novo Pigmalião e de uma nova Galateia, que foi largamente divulgada através do «My Fair Lady», realizado por George Cukor.

■ Cabra-Cega, Roger Vailland, Col. Séc. XX, Publicações Europa-América

Roger Vailland tinha 36 anos quando escreveu «Cabra-Cega». Tinha passado então 18 meses sobre a sua participação na Resistência francesa. E é esta experiência que serve de pano de fundo ao romance agora reeditado entre nós. Roger Vailland fez questão, no entanto, em afirmar: «Cabra-Cega» é um romance — no sentido em que se diz romanesco — uma ficção, uma criação da imaginação. Não é um romance histórico (...).

■ O Dinheiro — Onde Veio — Para Onde Foi, John Kenneth Galbraith, Col. Estudos e Documentos, Publicações Europa-América

John Kenneth Galbraith é um economista americano conhecido do público português através de uma série de televisão sobre economia e também porque muitos dos seus livros se encontram traduzidos em Portugal. Sobre o volume agora publicado, diz o próprio Galbraith: «Inicialmente deveria ter sido

um longo ensaio sobre os problemas da gestão económica. Tão interessante é a matéria (a história do dinheiro, em toda a sua extensão) que o ensaio se tornou livro e o livro... um longo livro».

■ A Carta Anónima, Zuzarte Baltazar, Col. «Quando os 4 se Juntam», Publicações Europa-América

Uma nova aventura de Alice, Clara, Alexandre e Marcos, numa colecção destinada aos mais jovens, e que se segue a «Na Quinta Mourisca» e «Na Venda Abandonada». Os três volumes são ilustrados por Armando Lopes.

■ Política Monetária, Walter Marques, Col. Biblioteca Universitária, Europa-América

Um livro que tem como base as lições proferidas por Walter Marques na Universidade Católica portuguesa em 1979-1981 e que foram agora actualizadas para, segundo diz o autor, «tornar o texto mais conforme com a realidade extremamente mutável da política monetária em Portugal».

■ O Método — III, O Conhecimento do Conhecimento 1, Edgar Morin, Col. Biblioteca Universitária, Publicações Europa-América

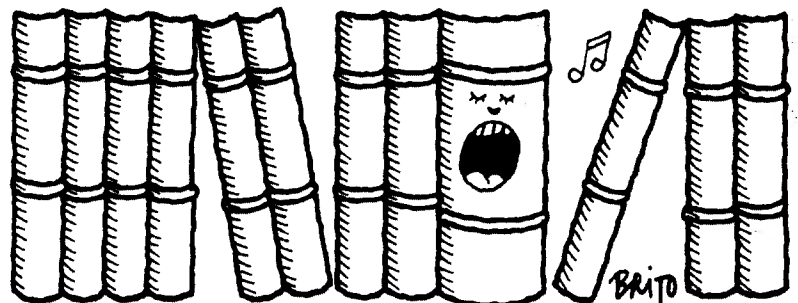
Do autor de «O Paradigma Perdido» e «Pour Sortir du Vingtième Siècle» (ainda não traduzido em Portugal), um estudo sobre as condições, possibilidades e limites do conhecimento humano.

■ O Mistério da Arma Desaparecida, Ellery Queen, Col. Clube do Crime, Publicações Europa-América

Mais um policial de um dos autores do género mais conhecidos em Portugal, no qual Queen se propõe descobrir um assassino que poderá ser qualquer uma das 20 000 pessoas presentes no maior rodeio do mundo.

■ Homem Mais, Frederick Pohl, Col. Ficção Científica, Publicações Europa-América

«Homem Mais» é o nome de um programa que tem como destino estabelecer uma colónia humana em Marte, na qual só poderão sobreviver os que forem adaptados com esse objectivo... É com base neste tema que Pohl escreve este livro de ficção científica, cuja acção se localiza no futuro próximo.



O eu nos outros

Bem no centro da mesa, uma superfície oval que atenuava os cantos da sala, resplandecia um cinzeiro rectangular de porcelana. De todos os objectos presentes, foi o cinzeiro que atraiu as atenções dos três visitantes enquanto esperavam pelo dono da casa.

— Este cinzeiro nunca sentiu um cigarro — disse, junto de uma das grandes janelas, Catarina B. S. M., com um isqueiro na mão que não se atrevia a acender.

— Talvez só nos grandes momentos... — sugeriu, acomodado num sofá, Augusto A. M., tocando o festo das calças com as unhas geométricas e brilhantes.

Sem emitir qualquer opinião, indiferente e trémula, Beatriz T. A. limitou-se a encolher os ombros — e, lentamente, foi percorrendo a sala toda, parando junto de um quadro, tocando com os dedos este e aquele «bibelot», mirando-se de leve num espelho com a configuração de um oito.

— Ora desculpem lá a demora! — exclamou, como se tivesse emergido da alcatifa, exuberante de saís e perfumes, o

dono da casa. De meia idade, Miguel F. de T. a todos saudou com aquele saber dar-se sem compromisso, uma arte que cultivara com elegância, cálculo e atenções provisórias e finas. Divorciado, com dois filhos, repetindo cadeiras (um em Letras, o outro em Direito), encontrava-se em vésperas de uma longa permanência em Londres, em missão universitária. Fazia-se acompanhar da assistente, uma jovem só ossos, de seios minúsculos, que não raro, nua, passeava à noite pelas teclas do piano, equilibrando-se nos sons com uma taça vazia na mão, uma qualquer flor do jardim entre os cabelos... Havia fotografias desses momentos nocturnos, a preto e branco, que Miguel F. de T. não mostrava sequer aos mais íntimos. Como aos três visitantes, por exemplo, que naquele momento se encontravam na sala.

— Enquanto estávamos à sua espera — disse Augusto A. M. —, fazíamos conjecturas sobre o novo cinzeiro que se encontra sobre a mesa. Dizíamos que o cinzeiro nunca tinha sentido a ponta de um cigarro ou de um charuto... Na verdade,

que porcelana tão imaculada!

Miguel F. de T. passou os dedos por todo o rebordo do cinzeiro — e, um sorriso nos lábios, disse:

— Não, nunca foi utilizado. Chamei-os aqui porque pretendo, não vendê-lo, mas oferecê-lo. Quem o aceita como presente...?

— Mas... — disseram, a um tempo, Catarina e Augusto, hesitando.

— Eu aceito — exclamou, um brilho nos olhos, a até ali indiferente Beatriz T. A., adiantando-se para o centro da mesa.

— É seu — disse Miguel F. de T. — Certamente descobriu que... Ou será que erro, ou será que falho...?

Beatriz só disse:

— Não. Bastou-me olhá-lo.

Pedro Alvim

O profano e o sagrado